

FELIPE FERREIRA JOAQUIM

Narrativas no Rio Tietê: encontros, percursos e as histórias que contamos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: PROF.^a DR.^a MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Rio Claro

2013

À Vida, que flui' como um Rio: ininterruptamente.



in memoriam

Este trabalho contou com o apoio financeiro, na modalidade bolsa de pesquisa, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) durante o período de Outubro de 2011 a Setembro de 2013.

A virtude da água está em beneficiar todos os seres sem conflito. Ela ocupa os lugares que o homem despreza.

Lao-Tzu

*Será lícito extrapolar do discurso científico uma imagem
do mundo que corresponda aos meus desejos?*

Italo Calvino

- Não se aflija, o lenço não tombou. Eu é que lancei nas águas.
- Atirou o lenço fora? E porquê?
- Por sua causa, meu filho. Para lhe dar sortes.
- Por minha causa? Mas esse lenço era tão lindo! E, agora, assim desperdiçado no rio...
- E depois? Há lugar melhor para deitar belezas?

RESUMO

O objetivo de *“Narrativas no Rio Tietê: encontros, percursos e as histórias que contamos”* é trazer à discussão a prática andante como método científico para a pesquisa em Educação. Trata-se de uma metodologia experimental, em fase germinativa, que pressupõe a imprevisibilidade dos atos educativos, a liberdade de escrita e a multiplicidade de leituras. Elegeu-se como tema norteador a relação do homem com o rio, como possibilidade de se pensar a condição humana. Tendo como pergunta devaneio “por qual rio, a vida passa?”, o pesquisador faz uma escolha subjetiva por Igaraçu do Tietê – SP, justificada pelo histórico de sua relação com o rio em questão. A proposta de experimentação que seria base para o levantamento dos dados empíricos, desenvolveu-se por meio de oficinas de jogos teatrais, conduzidas pelo pesquisador e duas colaboradoras, tendo como participantes convidados professores e estudantes vinculados à Educação de Jovens e Adultos do município. Servindo-se do material produzido coletivamente, em consonância com o referencial bibliográfico, o pesquisador compôs o texto da dissertação reunindo relatos, argumentos, ideias e reflexões – suas, de autores consultados e dos participantes – manifestando uma visão de Vida, de Educação, de Ciência, de Experiência... que flui como um rio. É uma pesquisa que não recorre a explicações e nem as propõe. Que não distingue certo ou errado. Que conta com o imprevisível. Que depende da colaboração de quem participa, desconhecendo de antemão quem participa. Uma pesquisa que não lida com hipóteses, mas busca experiências. Que se produz ao longo da trajetória e não se fixa em resultados. Reflexões da relação do homem com o rio, tal qual um processo em curso, como uma educação que se quer humanizadora, vão sendo produzidas conforme as águas fluem... pelo texto. O pesquisador, exercendo o seu direito de discursar em primeira pessoa, tem plena ciência do risco que corre. O texto poderá recheiar-se de equívocos, incertezas e imprecisões. Depende dos olhos de quem lê.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Metodologia Científica. Experiência. Formação. Linguagem.

ABSTRACT

The objective of the “*Narrativas no Rio Tietê: encontros percursos e as estórias que contamos*” is to bring to discussion the walking practice as a scientific method for the research in Education. It is an experimental methodology, in germinal stage, that presupposes the unpredictability of the educational actions, the freedom of the writing and the multiplicity of readings. The relationship of the man with the river was elected as its central theme, as a possibility to think about the human condition. By having “by which river life passes through?” as its main question, the researcher makes a subjective choice by Igaraçu do Tietê – Sao Paulo state, justified by his long-dated relationship with the referred river. The proposed experimentation that would be the basis for the analysis of empirical data, developed through workshops in theater games, conducted by the researcher and two collaborators, whose participants are invited teachers and students linked to the Education of Youth and Adults of the municipality. Making use of the material produced collectively, in line with the theoretical foundations, the researcher wrote the text of the dissertation by gathering up reports, arguments, ideas and impressions – of his own, of the consulted authors and of the participants – expressing a vision of Life, of Education, of Science, of Experience... that flows like a river. It is a research that does not resort to explanations, neither proposes them. It does not distinguish right and wrong. It has the unpredictable. It depends on the collaboration of the ones who take part of it, not knowing from the start who the participants are. It is a research that does not deal with hypotheses, but searches for experiences. It occurs along the trajectory and it does not get fixed in results. Impressions of the man’s relationship with the river, such as an ongoing process, as an education that intends to be humanizing, are being produced as the water flows... throughout the text. The researcher, exercising its right to speak in the first person, is fully aware of the risk that he is taking. The text can be full of misconceptions, uncertainties and inaccuracies. It depends on the eyes of the one who is reading it.

Keywords: Education for Youth and Adults. Scientific Methodology. Experience.
Educational Background. Language.

SUMÁRIO

PREÂMBULO.....	11
LÍQUIDO.....	16
—.....	17
+.....	17
△.....	19
□.....	21
☆.....	22
☆ —.....	25
☆ +.....	26
☆ △.....	27
☆ □.....	35
☆ ☆.....	41
☆ — ☆.....	44
☆ + ☆.....	45
☆ △ ☆.....	50
☆ □ ☆.....	53
☆ ☆ ☆.....	60
VAPOR.....	65
Primeiro Ato.....	66
Segundo Ato.....	73
Terceiro Ato.....	78
EPÍLOGO.....	83
REFERÊNCIAS.....	88
Anexo A.....	90
Anexo B.....	94
Anexo C.....	99

PREÂMBULO

Livre, livre é quem não tem rumo.

Manoel de Barros

*

- Paz a esta casa!¹

Há tantos anos outrora, um renomado andante que haveria por se tornar mestre, recomendou aos que o ouviam: *-Ao entrar, saúda os convivas.*

Olá! Como vai? Agora também chego. Quem sois? É com alegria que recebo tua visita. Oxalá, seja ela como uma divertida, pois sim, sincera conversa. Diálogo que acontece no aconchego de um lar².

Espera.

E, se a paisagem deste nosso encontro, fosse Rio? Estaríamos em casa, às suas margens? Caminhando pela beira, mergulhando na profundidade? Acompanhando incessante, incessante, incessante fluir...? Que cenário construiríamos dessas águas, brincando com as suas cores?

Pulo no rio e afundo minha mão na terra. Trago um punhado: vê, é argila. Pigmento do qual se faz a tinta. Vamos pintar? *Por quais vidas, corre o rio?*

Em verdade, dependendo de quem sejas, a leitura já pode ser, de antemão, fraternal. Não é mesmo? Vai que já nos conheçamos de outras paragens, outras andanças? Pode ser até que já tenhamos percorrido juntos, noutros momentos, esta trilha que vai se abrindo... De qualquer maneira, sejamos, cada um e cada uma, bem-vindos, porque o percurso poderá, sempre, ser uma aventura.

Sê o rio que passa...

1

Intrantes autem in domum, salutate eam, dicentes: Pax huic domui

А входя в дом, приветствуйте его, говоря: Мир дому семуМир

Entrando numa casa, saudai-a: Paz a esta casa (BÍBLIA, Mateus, X, 12)

2 “É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético. E não quero que seja patético; quero que seja uma confidência que faço a cada um de vocês; não a todos, mas a cada um, porque “todos” é uma abstração, enquanto “cada um” é algo verdadeiro”. (BORGES, 2002, p. 19)

*

Tenho histórias para contar³. Contar uma história é, com fulgor, cantar feitos e peripécias⁴. Algumas delas bem que poderiam se assemelhar àquelas passadas em bosques encantados, onde se perder é partir rumo ao inusitado⁵...

A história pede disposição de ânimo, narração expressiva e atenção suspensa. Isso não quer dizer que exista modo certo de se portar. Em realidade, a boa história se encarrega pela animação. Encanta. Ela se manifesta onde quer que hajam bocas e ouvidos. Acontece ao redor de uma fogueira. Nos personagens, atores e público que se confundem mutuamente, vivendo e recriando enredos. No corpo que se movimenta ao som da música, na emoção do olhar. Deliciar-se com uma história é como que passar por uma experiência. Apaixonar-se pelo momento, ser território de sua passagem⁶.

A história é sempre uma, nunca a mesma; cada sua travessia atravessa a cada um, distintamente. O que sinto não é propriamente o que sentes. Assim, sentidos, vários, são produzidos. Esta é a força da história: *pró criar-se, in ventar-se, des aguar*.

*

Como Dom Quixote, o mais intrépido andante que a História pôde conceber, saio à cata de aventuras. São elas como frutos rebuscados em meio a bosques encantados. Diferente da colheita, assemelham-se à respigadura: alimento que não é semeado, mas recolhido ao longo do caminho. Ao contrário do ícone da cavalaria, braço valente a serviço das armas, figuro como pesquisador andante, pertencente à Ordem da Educação

3 “Aliás, o narrador (...) não disporia de meios para lançar-se num empreendimento deste gênero se o acaso não o tivesse posto em condições de recolher um certo número de depoimentos e se a força das circunstâncias não o tivesse envolvido em tudo o que pretende relatar.” (CAMUS, 1996, p. 11-12).

4 “A ESTÓRIA não quer ser história. A história, em rigor, deve ser contra a História. A história, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota. A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. Nem será sem razão que a palavra “graça” guarde os sentidos de gracejo, de dom sobrenatural, e de atrativo.” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 7).

5 “... um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção.” (ECO, 2004, p. 12).

6 “... algo como uma superfície de sensibilidade na qual aquilo que passa afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (LARROSA, 2004, p. 160)

Aventuresca. Nós outros privilegiamos o exercício das letras⁷: compete-nos, durante as andanças, fidelidade com todos e todas com quem venhamos trabalhar, *dando a cada um o que é seu*, ou seja, cumprindo com a verdade quando empunhamos a pena, nosso instrumento por excelência: seja não tomando por sua a ideia de outrem, identificando a origem do pensamento, seja valorizando a todas as inteligências por igual, sem favorecer classe alguma em detrimento de outras.

Assim exposto, minha função como estudante da arte da educação aventureasca, é: voltar-se à pobreza⁸. Antes que te assuste, adianto: não a miséria humana, mas aquele ideal de pobreza ansiado por Francisco de Assis, que despojado de posses e, portanto, sem avareza, abre-se ao mundo, tanto ao belo quanto ao feio, e em tudo busca proveito, tira aprendizados. É na ignorância que reside a sua sabedoria: reconhecendo que a tudo não conhece, não domina, maior é a sua disposição, o seu deleite, em aprender.

Mas não deixemos a aventura de lado. Como é que se aventura? Arriscando-se ao porvir, aventureiras e aventureiros se encontram com aquilo que lhes foge ao controle, o imprevisto. Ainda que tenha um plano de antemão, o aventureiro não sabe o que vem pela frente. Nisto reside o segredo de sua coragem: surpreender-se com a vida.

Na sua essência, a aventura é espontânea, não-habitual: extraordinária. É deparar-se com o inusitado: a aventura é um acontecimento. Assemelha-se neste ponto com a estória: também ela se dá naquele momento, nunca antes vivida, e por isso mesmo, inaudita⁹. Qual será então a diferença entre elas?

Não sei. Mas uma coisa é certa: como outros processos mundanos, aventuras, estórias e experiências se alimentam consumindo, umas às outras. Nascem, crescem e se reproduzem. Morrem. Renascem. Com outra forma, de outro jeito, outra coisa.

*

Aproxima-se o final desta breve apresentação. Falta dizer a que vim, especificamente. Somos protagonistas destas nossas estórias: junto com outros e outras,

7 “O fim a que as letras se dirigem (...) é estabelecer com clareza a justiça distributiva, e dar a cada um o que é seu, e o procurar e fazer que as boas leis se guardem e se cumpram.” (CERVANTES, 1978, p. 227)

8 “- Digo, pois, que os trabalhos dum estudante de letras humanas são estes: o principal é a pobreza, não porque todos sejam pobres, mas para pôr o caso em todo o extremo a que ele pode chegar”. (*Ibid*, p. 228)

9 “Verdadeiramente, senhores meus, se bem se consideram as coisas, são muitas vezes extraordinários e inauditos os acontecimentos presenciados por todos os que professam a ordem da cavalaria andante.” (*Ibid*, p. 227)

os sujeitos da pesquisa, promovemos acontecimentos e registramos percursos. (Afinal, aventura não se faz sozinho). Como pesquisador andante, minha tarefa é relatar o acontecido, ou seja, *contar recontando as histórias*, e ponderar sobre os seus efeitos e a sua importância, rigorosa e metodicamente (seja qual, o Rigor e o Método)¹⁰.

Nessas andanças, o objetivo era se deparar com um Rio. Encontrar-me com alguns de seus personagens diários. *Percursá-lo, nós outros*. Ouvir, o que tinha ele, e nós, a dizer: o rio e os seus enredos. Rememorar, e se deixar, também, pelo momento. Manifestar-se: viver o rio. O rio *no* rio.

Mas esse não é um rio qualquer, como esta também não é uma história qualquer... portanto, aos espíritos inquietos, ardentes por explicações, muita calma: deixemos que as águas fluam ao seu bel-prazer...

Adianto-me, apenas, em relação à forma: a escrita deste trabalho está dividida em duas partes principais: *Líquido*, curso d'água que trata da minha formação; da evolução do projeto, do esboço ao contato com os participantes; da Ciência, do Conhecimento, da Linguagem, de como enxergo o mundo e a condição humana; e a relação disto tudo com o rio, principal objeto do trabalho. *Vapor*, que mistura águas de distintas fontes numa mesma massa difusa de ar, aguardando para se precipitar novamente. É tua a escolha por onde começar. Ao final, apresento um epílogo que pretende descrever como se deu a escrita, além de minuciar a forma de obtenção da matéria e dos dados narrados e descritos ao longo do trabalho.

Boa leitura!

10 "O narrador desta história tem portanto os seus: em primeiro lugar, o seu testemunho; em seguida, o dos outros, já que pelo seu papel, foi levado a recolher as confidências de todos os personagens desta crônica; e, finalmente, os textos que acabaram caindo em suas mãos. Pretende servir-se deles quanto lhe parecer útil e utilizá-los como lhe aprouver." (CAMUS, 1996, p. 12)

LÍQUIDO

*Eu só queria construir nadadeiras para botar nas
minhas palavras.*

Manoel de Barros

•

Habitamos uma porção mínima da bexiga (e leve “mínima” à infinita potência,

praticamente) alheios a toda a vastidão que nos encerra. Invariavelmente, nossas atenções se voltam para a obtenção da energia necessária para sobrevivermos. Aí, depende de cada ser em questão. Humanos, por exemplo, constroem sociedades, governam e são governados via regimes políticos, regulam a economia em função do capital, compram artigos em mercados, se comunicam pela linguagem. Assim é no instante em que escrevo. Mas já foi diferente. Como porventura será, um dia?

Todos os outros seres, mesmo aqueles que não desenvolvem sociedade intraespecífica, têm uma relação “social” com as outras espécies do ambiente. É mania nosso achar que estamos sozinhos, ou que se está no “topo da cadeia”, “no controle” ou “que somos a espécie mais perfeita”. As plantas, por exemplo, por meio dos mais diversos aparatos florísticos, têm estratégias para a dispersão de suas sementes, que reduz sensivelmente o cruzamento entre parentes (nenhuma planta nos falou sobre isso, deduzimos a partir de observações; a isso chamamos Ciência). Tudo o que uma planta necessita, retira do ambiente: fixando-se ao solo, absorve água e minerais pela raiz, transportando-os por canais internos até órgãos fotossensíveis que captam a energia vinda de radiação eletromagnética do Sol, para transformar elementos inorgânicos em compostos ricamente orgânicos. Em poucas palavras, traduz água e gás carbônico em açúcar e oxigênio livre. A planta está sujeita às intempéries: pouco pode fazer contra uma seca prolongada, tampouco contra a ação de um parasita celular, uma horda de formigas, lagartas esfomeadas ou um machado decidido. Haveria pão e vinho se não houvesse os organismos fermentadores? Reciclagem da matéria sem os decompositores? Definitivamente não estamos sozinhos.

O mundo é uma sucessão de acontecimentos. Fatos despertam opiniões, políticas inspiram-se nestes. Entretanto, o que acontece é relativo, por princípio e essência, àquilo que passa, naquelas e naqueles que, por ele, são perpassados. A força, o fascínio, a complexidade, o mistério da coisa é tal que, aquilo que passa, passa a cada qual de um modo diverso.

Para ilustrar, utilizarei um caso hipotético. Atravessamos, em sentido contrário, uma rua. Na banca perto da esquina, um descuidado transeunte esbarra num vaso de girassol radiante. Só ali, naquele instante e cenário, muitas coisas podem acontecer. Por exemplo, eu, de costas e confundido pelos ruídos, nada percebo e sigo com a minha pré ocupação. Você, talvez, se admira com o desastre cênico. O vendedor, num átimo, esbraveja o inevitável prejuízo. O girassol “sente na pele” a força da gravidade. O inseto se vê repentinamente sem o doce néctar. E a bactéria, que será dela? Ah, a bactéria... Ou o

leitor, a leitora, desconfia de sua individualidade? Não estará algo se passando com ela também? Já do transeunte não ousa dizer: ele que siga, bem ou mal, com a sua falta.

Fatos sucedem e são sucedidos. Todavia, a coisa depende de como se reage ao que acontece. Seria impossível atentar a tudo o que se passa. Mas, por vezes, o acontecimento afeta profundamente o ânimo, faz padecer o sujeito. Atravessa-o e o torna outro. O mesmo, só que outro: é feita a experiência.

Mas atentemos: somos navegantes e, desprendida, a embarcação Terra prossegue o seu rumo. Acreditamos ser enorme esta barca. E em absoluto ela o é, vista a sua magnificência e maravilhosidade. Pois bem, só que em comparação à imensidão dos mares que navega, esta nossa barca não alcançaria sequer o tamanho de uma ínfima gota sua. Convenhamos, temos uma sensação de grandeza, de muito importantes. O registro da História é recente e, até então, restrita a confins. Somos algo, quiçá, poeira cósmica.



Voltemos ao tempo. Desde que se sedentarizou, graças ao cultivo ordenado de espécies vegetais, ou mesmo antes, a espécie humana passou a contar o tempo. Mas afinal o que é ele, o tempo?¹¹ Fiar-me-ei de alguns exemplos para sugerir que a ideia de tempo poderia se atrelar ao fluir das águas de um rio.

A começar pelo exemplo judaico-cristão contido no Gênesis. Relevem-me, estudiosos e crentes, pois se erro, é porque faço uma leitura pessoal da Bíblia.

No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz DIA, e às trevas NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia¹².

Para a tradição judaico-cristã, o tempo tem início quando Deus ordena que se faça a luz. Criando-a, fez-se a manhã, e na sequência sobreveio a tarde. Note que depois da tarde do primeiro dia, já veio a manhã do segundo: ainda que as trevas existam, que Deus

11 “Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 1999, p. 322)

12 (BÍBLIA, Gênesis, 1: 1-5)

chamou noite, o lugar que Ele ocupa não é destinado à escuridão.

Entretanto, antes mesmo que se fizesse luz, que o tempo passasse a existir, que mesmo os céus e a terra, informe, fossem criados, algumas coisas já existiam: o próprio Deus, as trevas no abismo e, pasmem, água. *O Espírito de Deus pairava sobre as águas*. Uma bela imagem: Deus, consciência navegante.

Nada se diz acerca da origem dessa água, assim não há razões que impeçam a conclusão de que pode ser ela ainda anterior a existência de Deus. Mas isso são apenas conjecturas.

No segundo e terceiro dias, permanece importante o papel que a água desempenha na criação:

Deus disse: “Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras.” Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima. E assim se fez. Deus chamou ao firmamento CÉUS. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o segundo dia.

Deus disse: “Que as águas que estão debaixo dos céus se ajuntem num mesmo lugar, e apareça o elemento árido.” E assim se fez. Deus chamou ao elemento árido TERRA, e ao ajuntamento das águas MAR. E Deus viu que isto era bom¹³.

Penso neste firmamento como uma espécie de linha do equador. Para um observador terrestre, a Terra possuiria a mesma extensão que os Céus, de maneira a propiciar a Deus uma visão privilegiada da sua criação. O espaço que seria destinado às crias terrestres sobrevêm da concentração da água num mesmo lugar. Não tendo água a ocupar todos os lugares, o que resta é árido, ou seja, terra.

Intrigante. Ponho-me a pensar, porque foi esse o elemento escolhido, água? Pela cor do céu, que se assemelha à dos mares? Por causa da pureza da água? Fato é que ao final do terceiro dia, na Terra, já haviam os continentes e também as “ervas que contenham semente e árvores frutíferas que deem o fruto segundo a sua espécie”¹⁴.

No quarto dia, Deus cria luzeiros no firmamento dos Céus, para presidir o dia e a noite na Terra. Surgem assim o sol, a lua e as estrelas. Desta maneira fica estabelecido o tempo terrestre tal como o conhecemos. Porém, nos Céus, ainda assim não há noite. O texto prossegue com a criação nos seus últimos dias. Entretanto, neste primeiro capítulo do Gênesis, nada mais é dito sobre a disposição dos Céus onde Deus habita. Vêm até

¹³ (BIBLIA, Gênesis, 1: 6-10).

¹⁴ (*Ibid*, Gênesis, 1: 11)

mim uma irresistível tentação: vislumbrar a sua morada como um imenso Rio Claro.



Agostinho (354 – 430 d.C.) confessa, o tempo é um mistério¹⁵. Pequeno, deparou-se com a esfinge, e não recuou: clamou por ajuda divina, pois tinha sede¹⁶. Agostinho é obstinado pela questão e não padece inerte, faz também as suas conjecturas sobre o tempo. Nas suas confissões, tem a Deus como interlocutor constante; porém, retórico experiente, chegou a desconfiar que elas repercutiriam em outros ouvidos¹⁷.

Tendo sido cristão, ele principiou a discussão ressaltando a grandeza de Deus; buscou elucidar o Verbo¹⁸. Agostinho transcendeu a onisciência divina. Para ele, ditando a palavra, Deus cria todas as coisas, de todos os tempos, simultaneamente e durante toda a eternidade. O que isto significa? Não que a coisa que é criada esteja desde e para sempre; mas que Deus eternamente a cria para que aconteça sempre no mesmo instante exato do universo. Estaria aí o germe da teoria da relatividade, talvez?

Para Agostinho a eternidade é fixa e imutável. Não é compatível com o tempo, pois então não seria eterna. Assim, o tempo seria uma dimensão exclusiva para as criaturas de Deus, também por ele criado. É para elas que o tempo não para¹⁹.

Feita esta distinção, Agostinho põe-se a meditar sobre o que é propriamente relativo ao tempo. De cara já elimina a existência do passado e do futuro²⁰. Mas então só haveria o presente? Sim, mas o presente não é sempre presente, ele passa para o passado e deixa de existir.

Agostinho tenta, então, medir o presente; mais ou menos assim pensou: “será um ano o espaço do presente? Não, porque um ano é composto por doze meses, desses apenas um é presente, se é o primeiro, os outros onze serão futuro, se é o segundo, o

15 “... está demasiado acima da minha inteligência. Supera as minhas forças. Por mim não poderei atingi-lo” (AGOSTINHO, 1999, p. 327)

16 “Dai-mo, porque determinei conhecê-lo e não descansarei enquanto não mo manifestardes” (*Ibid*, p. 329)

17 “Mas a quem narro eu estes fatos? Não é a Vós, meu Deus. Na vossa presença dirijo-me ao gênero humano, àquele a que eu pertença, ainda que estas páginas possam chegar apenas a uma minoria. Então, para que escrevo isto?” (*Ibid*, p. 65)

18 “Deus junto de Vós, que sois Deus, o qual é pronunciado por toda a eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. (*Ibid*, p. 316)

19 “... o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d’Aquele que é sempre presente” (AGOSTINHO, , p 320).

20 “De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio?” (*Ibid*, p. 322)

primeiro é passado e os dez seguintes futuro... mas será o mês o espaço do presente? Não, porque o mês tem trinta dias, se é o primeiro, os outros vinte e nove serão futuro (...) Mas será o dia o presente? Não, porque o dia tem vinte e quatro horas, se é a primeira, as outras vinte e três serão futuro (...) ". Agostinho conclui que o tempo presente não tem nenhum espaço²¹.

Oh Deus! Assim fico confuso, Agostinho! Que existe então?

Agostinho diz que é impróprio afirmar que os tempos são pretérito, presente e futuro. Eis a sua proposição: presente das coisas passadas, presente das presentes e presente das futuras²². De certa forma, então, tanto Deus como suas criaturas vivem no presente. Talvez a diferença principal seja que o primeiro é imortal e eterno, imutável. As criaturas, todavia, morrem. Será que é por isso que percebem o tempo passar? Com relação à morte, Agostinho faz uma bela analogia: "... o que nasceu é preciso que ceda lugar ao que há de nascer. E toda esta ordem de seres transeuntes decorre à maneira de um rio".²³



Como um rio.

Cabe a Newton esta metáfora sobre o tempo: fluxo igual e incessante, sem barreira que o impeça²⁴. O verdadeiro e matemático, o tempo absoluto. Mas ele também descreve outro tempo, o relativo²⁵, aquele que percebemos e pelo qual se contam horas, dias e anos.

Não tendo relação com quaisquer coisas que sejam externas a elas, Newton separa as duas grandezas, tempo e espaço. Define lugar como a porção de espaço que um corpo ocupa e movimento como a translação de um corpo de um lugar para outro. Para Newton, ao se movimentar, o corpo necessariamente afeta as duas grandezas, separadamente, tempo e espaço: um, quanto à ordem da sucessão; outro, quanto à

21 "Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração" (AGOSTINHO, 1999, p. 324).

22 "Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras" (*Ibid*, p. 328)

23 (*Ibid*, p. 109)

24 "... flui sempre igual por si mesmo e por sua natureza, sem relação com qualquer coisa externa" (NEWTON, 1974, p. 14)

25 "... aparente e vulgar..." (*Ibid*, p.14)

ordem da situação²⁶.

Newton não para por aí. Em realidade, existe outra faceta do físico, pouco lembrada pelos cientistas ao se referirem aos seus *Princípios Matemáticos*, relacionada também a esta discussão: seu lado, digamos, espiritual. Não arriscarei se motivado por fé ou para evitar indisposição com a crença dominante, Newton descreve Deus como um ser absolutamente perfeito, eterno e infinito, afirmando a sua soberania sobre tempo e espaço²⁷.

A teoria da relatividade revolucionou o entendimento sobre tempo e espaço. Ao invés de concebê-las como grandezas isoladas, como Newton, Einstein percebeu a existência de uma relação intrínseca entre elas: mesmo que um corpo esteja em repouso, imóvel, invariavelmente estará ele se movendo pelo tempo.

Einstein junta a dimensão tempo (t) ao espaço tridimensional: base (x), altura (y) e profundidade (z). A dimensão tempo resulta da multiplicação do instante preciso do acontecimento com a velocidade da luz. Assim, para a Física, um evento, ou seja, um ponto no espaço-tempo, é definido tendo por base estas quatro coordenadas.

Disto decorre que, para os corpos que se movem, parte do movimento é proporcional ao tempo e parte é proporcional ao espaço; e que esta relação é inversamente proporcional. O que isso significa? Movimentar-se pelo espaço afeta a passagem do tempo. Para um observador em repouso, o tempo transcorre mais rápido do que para um observador em movimento. Isto já foi testado, primeiramente no experimento Hafele–Keating, em 1971, depois em outros: separando-se relógios atômicos sincronizados, pondo uns a bordo de aviões, outros mantidos na superfície terrestre, o efeito da velocidade do voo pelo espaço provoca diferença de frações de segundos, na ordem de nanosegundos, entre eles. Evidente que esta diferença é imperceptível nas atividades mundanas; mas é relevante nos estudos de física das partículas, por exemplo.

Uma das frases mais populares de Einstein deriva desta constatação: “Pessoas como nós, que acreditam na Física, sabem que a distinção entre o passado, o presente e o futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente”. Por que? Se o movimento no espaço afeta a passagem do tempo, então aquele que se move tem uma percepção

26 “Na hipótese de se moverem de seus lugares (...) também se moveriam de si mesmas (...) pois os tempos e os espaços são como que os lugares de si mesmos e de todas as coisas” (NEWTON, 1974, p. 15)

27 “Ele é eterno e infinito, onipotente e onisciente; isto é, sua duração se estende da eternidade à eternidade; sua presença do infinito ao infinito; ele governa todas as coisas e conhece todas as coisas que são ou podem ser feitas (...) Ele dura para sempre, e está presente em todos os lugares; e, por existir sempre e em todos os lugares, ele constitui a duração e o espaço” (*Ibid*, p. 26)

diferente do que acontece agora, daquele que está em repouso. Assim, agora é uma noção puramente intuitiva: o meu agora é diferente do seu agora, que é diferente de todos os outros “agoras”; ele é relativo a cada um, depende de como nos movimentamos pelo espaço. Logo, o tempo é vivenciado individualmente. Passado, presente e futuro são igualmente reais, podem todos existir, simultaneamente. Alguma semelhança com a concepção de Deus para Agostinho?

Se para Agostinho o tempo é um mistério, para Einstein a vida que o é²⁸. Tendo se referido à eternidade da vida, é passível de se presumir que o conceito de vida para Einstein vá além daquele biológico, que define os organismos vivos como aqueles que possuem material genético (ora, se a vida é eterna, ela é anterior à evolução dos micro-organismos).

Seria deste mistério que suscitaria a beleza e a verdade, a arte e a ciência²⁹. Todavia, por se tratar de um conhecimento para além da inteligência humana (ao menos atualmente) o modo como o universo se manifesta e se ordena, harmonicamente no caos, caoticamente harmônico, os homens se rendem ao inexplicável e criam as religiões³⁰. Para Einstein, a religião, tal como vivenciada hoje, é angústia: num primeiro momento, transferência para o impalpável o domínio sobre a vida e o universo; depois, a justificativa do poder sobre outrem³¹.

Mas isso não faz de Einstein um ateu irresoluto. Ele se nega a aceitar o conceito de um Deus antropomórfico, mas se diz crente numa *religiosidade cósmica*³². Cita como seus precursores pessoas como Francisco de Assis, Demócrito, Spinoza. E vai além: afirma que este tipo de religiosidade contribui para o avanço da Ciência³³.

Se fosse comparar o espaço-tempo de Einstein com um rio, o que pensar? Se

28 “Não me canso de contemplar o mistério da eternidade da vida. Tenho uma intuição da extraordinária construção do ser. Mesmo que o esforço para compreendê-lo fique sempre desproporcionado, vejo a Razão se manifestar na vida” (EINSTEIN, 1981, p. 13)

29 “Se alguém não conhece esta sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram” (*Ibid*, p. 12)

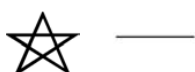
30 “Homens reconhecem então algo de impenetrável a suas inteligências, conhecem porém as manifestações desta ordem suprema e da Beleza inalterável. Homens se confessam limitados e seu espírito não pode apreender esta perfeição. E este conhecimento e esta confissão tomam o nome de religião” (*Ibid*, p. 12)

31 “... o espírito humano tem de inventar seres mais ou menos à sua imagem. Transfere para a vontade e o poder deles as experiências dolorosas e trágicas de seu destino (...) Então a paixão do poder, do amor, e da forma impele a imaginar um conceito moral ou social de Deus. Deus- Providência, ele preside ao destino, socorre, recompensa e castiga” (*Ibid*, p. 19)

32 “O ser experimenta o nada das aspirações e vontades humanas, descobre a ordem e a perfeição onde o mundo da natureza corresponde ao mundo do pensamento” (*Ibid.*, p. 20)

33 “... eu afirmo com todo o vigor que a religião cósmica é o móvel mais poderoso e mais generoso da pesquisa científica (...) Sua religiosidade consiste em espantar-se, em extasiar-se diante da harmonia das leis da natureza, revelando uma inteligência tão superior que todos os pensamentos humanos e todo o seu engenho não podem desvendar, diante dela, a não ser seu nada irrisório” (*Ibid*, p. 22)

passado, presente e futuro são relativos a cada um, o tempo seria um rio que deságua em diferentes velocidades. Todavia, o que acontece em cada instante é fixado por toda a eternidade. Então seria um rio que flui congelado? O gelo, aparentemente, está inerte. Entretanto, as suas partículas estão em movimento; possuem apenas uma estrutura mais rija. Não é à toa que Einstein foi considerado um gênio: ele conseguiu esmiuçar a complexidade daquilo que para muitos é banal. Rio e o tempo, não são coisas rotineiras, do nosso dia a dia?



Toda esta discussão me leva a questionar: a qual tempo e a qual espaço pertence este trabalho?

Em termos burocráticos, o tempo passou a ser marcado a partir do primeiro de março de 2011, com a matrícula no programa de pós-graduação em Educação da Unesp de Rio Claro. Dois anos e meio transcorreriam para que fosse entregue e defendido este texto. Na prática, este é o intervalo de duração para que se obtenha o grau de mestre.

Todavia, para que se concorra à vaga, é necessário submeter um anteprojeto de pesquisa, apresentando os objetivos, a problematização e a metodologia a ser desenvolvida. Evidente que o projeto seria reformulado. Mas aquela escrita prévia, já não pertenceria ao tempo deste trabalho?

Dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação, a linha de pesquisa que integro denomina-se Linguagem – Experiência – Memória – Formação. Se busco o rio como método, então estas são as suas margens. Um rio de quatro margens, porque não? Já não eram quatro as dimensões do espaço-tempo, quando se pensava fossem duas grandezas distintas? Pois bem, imaginemos. É um rio profundo, constituído por átomos de caracteres. Esses átomos se ligam entre si, ou por ligação iônica, gerando compostos inorgânicos (as preposições, os artigos, as conjunções), ou por ligação covalente, formando moléculas mais complexas, a matéria orgânica (os substantivos, os verbos, os adjetivos, os advérbios). Além da substância prevalecente, um tipo especial de molécula, que faz de um rio ser rio: a água (os pronomes). O texto que lê é um rio de palavras: os sentidos fluem por entre margens – linguagem, experiência, memória e formação.

Novamente, questiono: a qual tempo, a qual espaço se remete esta escrita?

Em primeiro lugar, me comprometi a realizar práticas educacionais com moradores de Igarapu do Tietê no rio que atravessa aquela cidade; em segundo lugar, que desses encontros fossem produzidos registros; em terceiro lugar, que destes registros se fizesse um estudo sobre a Educação, fundamentado cientificamente. Ora, destes poucos itens já me escapa a totalidade do espaço e do tempo que o texto abarca. Tentarei enumerar. Com relação ao espaço, noto que pertence ao rio, à universidade, à escola, à arte, à política, à ciência, ao senso comum... Com relação ao tempo, certamente o trabalho passa pelo meu tempo, pelo tempo de cada participante do projeto, pelo tempo de quem lê. São vários tempos, em diferentes tempos – meu, teu, dela ; passado, presente, futuro – indubitavelmente. Caberá ainda dizer que este texto pertence ao tempo e espaço daqueles a quem li, uma vez que sou influenciado pelos seus pensamentos? Não haveria por ali alguma fagulha disto cá? Se continuar, arrisco a cair na lógica de Lavoisier, de que *nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*, e perder-me-ei definitivamente nas nuances do espaço-tempo.

Não faz mal. Esta é mesmo a realidade, ilusória. Se não preciso os instantes de atuação, nem distingo os lugares de afetação do trabalho como um todo, eu descanso, pois isso é supérfluo; basta que a coisa flua. Já não tenho controle da situação, aliás, penso que nunca tive. Não passo de um proponente que se quer participante. Alguém que gosta de brincar – fazer ciência – com as palavras alheias. Um pesquisador andante, um educador aventureiro.



Vou apresentar-lhes o rio da minha infância, o Tietê.

Quando eu era reconhecidamente criança (porque ainda quero ser) o Tietê já não era mais infante. Dada a ocupação desenfreada de suas margens, o rio envelheceu. Sabe aquelas pessoas castigadas, que aparentam idade maior do que realmente têm? Pois é. O meu sonho era ver o Tietê criança.

Sou filho de pai, de avô e bisavô compadres do Tietê. Pessoas que cresceram próximas ao rio. Se meu bisavô vislumbrou a juventude do Tietê? Talvez, já que naquela época as cidades de Igarapu do Tietê e Barra Bonita não passariam de pequenas vilas. A ponte Campos Salles, instalada em 1915, ano que antecede o nascimento de meu avô, é

considerada patrimônio histórico e é praticamente a primeira tentativa, nas imediações, para “domar” o rio, contornar os seus desígnios. Meu pai nasceu quando principiava a barragem do rio. Aos nove anos de idade do meu progenitor, em 1963, ligavam-se as turbinas da usina da Barra. A força do rio era desviada pelo anseio humano: ele envelhecia. Já quando eu nasci, meus parentes não mais se instalavam na beira do Tietê, e sim na metrópole paulistana. Quando meu pai era um jovem adulto em formação, decidiu, junto com as irmãs mais velhas, tentar a vida na cidade grande, encostados à capital. Meus avós, depois de alguns anos, acabaram por se render à escolha dos filhos, e para lá também se mudaram. Como minha mãe, sou nascido na cidade onde meus pais se conheceram, Guarulhos. Somente com a morte da esposa é que o meu avô decidiu retornar a viver no lugar onde criara os filhos. Foi graças a essa decisão que conheci o Tietê da minha infância.

Feriados e férias escolares. Havendo tempo disponível, visitávamos Igaraçu do Tietê. Minha lembrança mais remota no rio é segurando uma longa vara de bambu para pescar lambari. Por vezes eu tinha a impressão de que nem precisava renovar a isca, porque vinha peixe do mesmo jeito. Certo dia a família estava quase toda reunida (era grande) e decidiu-se por acampar no “Benjamin”, que era um ponto mais afastado do rio e que para chegar precisava atravessar um longo caminho dentro do canavial. Era um lugar ermo. Lembro do meu desapontamento porque, sabe-se lá por qual razão, meus pais preferiram que dormíssemos dentro do carro ao invés de numa barraca, como todo o resto da parentada. Recordo-me também de outra vez, um pouco mais velho, algo como uns dez, onze anos, quando eu e um primo de mesma idade quisemos alcançar o Benjamin de bicicleta, porque os mais velhos o faziam. Ao invés de água, como o meu primo, levei limonada na garrafinha. Desnecessário dizer que fomos resgatados na porta da estrada, quase sem água, pois a limonada estava intragavelmente quente, e com os rostos imundos de terra. São muitas as estórias. Seguimos por vivê-las e contá-las.



Persigo a infância do rio.

Veio até mim, pesquisando pela literatura, o relato de um jovem cientista que participou de uma expedição por um jovem Tietê. Vou contar. Só que antes, peço atenção para outro breve preâmbulo...

PHILOSOPHIÆ

NATURALIS

PRINCIPIA

MATHEMATICA

1686. Com caracteres impressos mais ou menos nesse arranjo, a capa de uma obra era lançada em Londres e revolveria a Ciência da época. Assim como as cordilheiras se soerguem, a ação tectônica das placas científicas também abrem fendas. E neste caso, houve imenso derramamento de magma. As rochas se consolidaram e formaram montes de conhecimento, frutos dos processo de cristalização daquelas ideias basálticas.

Revelaremos a autoria. Mas antes um convite. Se você, assim como eu, é leitor moderno de latim, ou seja, não o lê, pare. E leia. Despretensiosamente.

Contribuirei com a minha leitura na forma de escrita. Filosofia Natural, Princípio Matemático. Filosofia Natural. Filosofia. Filosofia é o homem voltado a si. Natural. Natural é tudo o que existe, inclusive nós mesmos. Princípio Matemático. Princípio. Princípio é a origem, o porque e a razão. Matemático. Matemático é o exato, é a linguagem extraordinária, harmônica e precisa, e por isso, indizível.

A palavra tem vida, vale deter-se em cada uma. E também em seus arranjos, todas juntas ou em grupos. Entrevendo outras palavras, logo vem uma: Ciência.

Analisando a ciência que é feita hoje, distingue-se três grandes campos: Ciências Matemáticas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas, que facilmente associamos à três das palavras anteriores, respectivamente, Matemático, Natural e Filosofia. Resta uma. Princípio, que seria o rigor científico, o compromisso com a veracidade e a ética. Conhecimento fidedigno.

Voltando à obra e ao autor, Isaac Newton, pois destes delinear-se-á uma ponte. E por sobre um rio, na água pode se saltar.

Publicando a equação da gravitação universal, Newton demonstrava que os movimentos de quaisquer objetos do universo regulam-se pelo mesmo conjunto de leis naturais: repouso ou movimento uniforme só é perturbado caso existam forças opostas; a

mudança do movimento é proporcional à força motora imprimida; e *Actioni contrariam semper et aequalem esse reactionem*, à toda ação, há sempre uma reação, igual e contrária a ela.

Uma escrita perspicaz, que decifrou a mecânica do universo simplesmente por se atentar ao meio com lucidez, revolucionou porque, definitivamente, chamava à Razão. O ideal copernicano, de que o mundo não giraria em torno dos homens, ganhava impulso irrefreável. Não seriam apenas planetas que orbitariam ao redor de uma estrela, mas conglomerados inteiros de galáxias que exerceriam forças de atração e repulsão umas às outras. A Ciência ganhava folego, e se contrabalanceava vigorosamente com a Inquisição. As décadas seguintes acompanhariam o resplandecer da Física e ciências correlatas.

Passaram-se a organizar expedições de caráter proeminentemente científicos, pois ansiava-se pelo conhecimento. Em uma célebre expedição ao redor do mundo, no primeiro quarto do séc. XIX, a bordo do HMS Beagle, Charles Darwin recolheu anotações imprescindíveis para o que seriam as argumentações em favor da Seleção Natural, que também causaria enorme rebuliço na sociedade daquele tempo. Neste mesmo quarto de século, pouco antes do Beagle se afastar das praias britânicas, arranjou-se outra expedição, navegante por águas continentais em território brasileiro: uma *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*.

Naquela ocasião, o Imperador Alexandre I da Rússia ordenou que uma comissão de naturalistas e astrônomos se aventurassem pelo interior do país, sob a direção do cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro. Dentre os expedicionistas encontrava-se o jovem francês Hercules Florence, contratado como segundo pintor. Não fosse o diário de oitenta e quatro páginas de “letra muito miúda” encontrado por acaso pelo Visconde de Taunay, os registros se perderiam para sempre. Nas palavras de Taunay, que o traduziu do original francês:

É o livro de um viajante de boa fé que relata singelamente aquilo que vê e ouve contar. Seu estilo é despretensioso, sua frase ingênua por vezes; mas dessa simplicidade, dessa mesma chaneza nascem meios sobejos para bem pintar as grandes cenas da natureza, porque o coração do narrador impressiona-se fortemente, identificando-se com a magnitude daquilo que o abalava³⁴.

34 (FLORENCE, 1941, p. XXI)

Se este é um trabalho que pretende levantar aspectos de um rio revelados pelas palavras, ações e reflexões de um grupo de pessoas que a ele vivem próximo nos dias atuais, não seria interessante se déssemos, antes, uma espiada em suas margens a cerca de duzentos anos atrás?

Vamos então. O relato da expedição, propriamente dita, em palavras do francês Hercules começa assim:

Viagem de Pôrto Feliz à cidade de Cuiabá

22 de Junho de 1826

Acompanhados de Francisco Álvares, sua família, o capitão-mór e o juiz, dirigímo-nos para o pôrto, onde achámos o vigário paramentado com suas vestes sacerdotais, afim de abençoar a viagem, como é costume, e rodeado de grande número de pessoas que viera assistir ao nosso embarque. Os parentes e amigos se abraçavam, despediam-se uns dos outros. (...) Romperam então da cidade salvas de mosquetaria correspondidas pelos nossos remadores e, ao som dêsse alegre estampido, deixámos as praias,³⁵

Não é à toa, tamanha efusividade. Praticamente um ano antes a comissão científica já estava agrupada no Rio de Janeiro. Em uma sumaca, antigo navio à vela, carregada com grande bagagem, desembarcaram em Santos, onde permaneceriam ainda vinte dias. A ideia original do cônsul Langsdorff era partir por terra pelo caminho de Santos a Goiás, com destino final a cidade de Cuiabá. Mas foi abandonada: entenderam que embarcando em Porto Feliz, a comunicação fluvial pelo rio Tietê até a foz no rio Paraná seria mais vantajosa em termos econômicos.

Estando a comitiva em Porto Feliz, pronta para embarcar nos primeiros dias de Dezembro de 1825, Langsdorff recebe importante comunicado, e tem que regressar ao Rio de Janeiro para cumprir com obrigações diplomáticas. Retorna passados mais de seis meses, e só então a pequena cidade de Porto Feliz pôde aclamar a partida dos navegantes.

Cada canoa, com exceção das menores, tinha arvorada a bandeira da

35 (FLORENCE, 1941, p. 13)

Rússia.

O guia, um ajudante do piloto, um *proeiro* e sete remadores compunham a tripulação da embarcação do cônsul, a qual designarei pelo nome de *Perova*, corrupção da palavra índia *iperova*, como chamam à árvore cujo tronco servira para sua construção. O ajudante do guia, um do piloto, um proeiro e seis remadores formavam a equipagem do segundo barco chamado *Chimbó*, modificação do legítimo vocábulo indígena *Chimbouva*.

O piloto, um proeiro e quatro remadores iam no batelão.

O resto da gente, caçadores, criados e escravos do cônsul remavam nos batelões e canoinhas, em número todos eles de 36.

A ordem da marcha era a seguinte: na frente a canoa do cônsul; logo após o *Chimbó*; em seguida o batelão onde eu estava, depois os barcos menores, formando o todo uma *monção* de sete embarcações.³⁶

A jornada tem início! À frente, na *Perova*, a canoa principal, o comandante. Na seguinte, *Chimbó*, os ilustres representantes do conhecimento. Nos batelões, embarcações robustas usadas normalmente para transbordo de carga, ou seja, sem conforto, os empregados menores, dentre eles o nosso narrador (ainda que ele ocupasse um batelão diferenciado). Pouco navegaram e constatou-se sobrecarga. Solicitaram outro batelão, adicionando-se a oitava embarcação à trupe.

Realmente, deve ter sido um misto de admiração e curiosidade, talvez até estupefação com a balbúrdia, contemplar da margem a passagem destes intrépidos personagens. Penso que eles também tiveram um quê de cavaleiros andantes, só que navegantes.

Já no dia seguinte se depararam com o primeiro desnível do rio: a cachoeira de Itaguaçava (meia jornada, pelo rio, entre as atuais cidades de Porto Feliz e Tietê). Embarcações enfreadas, lá se vão os trabalhadores subalternos ao mato cortar varas, para facilitar as difíceis manobras que a correnteza impõe.

Seguiram viagem sem grandes transtornos. Os dias se sucediam. Por vezes pequenas quedas no curso d'água dificultavam o transcorrer da jornada. Carregavam as canoas e toda a carga pelas margens até que o rio se tornasse navegável novamente. Nessa região do interior paulista as fazendas já estavam bem distribuídas e normalmente elas acabavam por acolher os viajantes para um pouso merecido. Em se tratando de um fato inusitado para os moradores locais, a acolhida por vezes era seguida de festa, e a

36 (FLORENCE, 1941,p.13-14)

alegria era sinônimo de bebida. Nos dias seguidos de madrugadas regadas, o cônsul Langsdorff deparava-se com algumas dificuldades para reordenar a trupe.

Mas existia rotina na viagem. Um dia comum seria mais ou menos assim:

Navegámos todo o dia, parando só para tomar refeição. De manhã, nossa gente almoçava farinha de milho desmanchada em água fria e açucarada. Ao meio-dia abicava-se para jantar. Comia-se a essa hora um prato de feijões feitos de véspera com toucinho e que, depois de aquecidos, misturam-se com farinha de milho. À tardinha, lá pelo ocaso do sol, aproava-se, e então cada remador desempenhava o serviço que lhe havia indicado o guia para toda a viagem. Uns cortavam árvores, limpavam o terreno que ia ser acampamento; outros buscavam lenha seca para acenderem fogo; outros, enfim, armavam as barracas e suspendiam as redes. O cozinheiro preparava sua panelada dos feijões que deviam ser consumidos naquela hora ou no dia seguinte³⁷.

Passados pouco mais de dez dias de viagem, a expedição se aproximara da área onde se desenvolve o presente trabalho! Vejamos como Florence descreve a região no diário:

Dia 3 [de Julho]. Partimos às 8 horas da manhã. Às 9 e ½ abicámos à margem, para tratar de passar a cachoeira de *Banharão*, que transpús no batelão. Diversas ilhas de aspecto pitoresco acham-se à esquerda. Os outros senhores foram por terra e viram os rastos frescos de uma onça e os excrementos de uma anta, que são muito parecidos com os do cavalo. Depois do meio-dia, chegámos à embocadura do Piracicaba, rio quasi tão largo como o Tietê e, entre a foz e uma ilha chamada da *Barra*, fizemos pouso, fronteiro ao qual se viam rochedos talhados a prumo e coroados de altanadas árvores³⁸.

Suponho que o local do acampamento tenha sido bastante próximo do ponto onde o rio hoje é represado. Na margem direita fundou-se o município de Barra Bonita, e na esquerda, Igaraçu do Tietê. É um pouco à frente, creio que algo como meia jornada completa, que Florence fornece mais elementos da flora e fauna que outrora

³⁷ (FLORENCE, 1941,p.18)

³⁸ (*Ibid*, p. 19)

caracterizava a região.

Dia 5 [de Julho]. Atingimos depois do meio dia a cachoeira chamada *Cabeceira de Uputunduva* e a transpusemos. O rio ali se espraia muito, ficando com pouca profundidade, razão pela qual se descarregou metade da carga. (...)

Mataram-se muitas *jacutingas*, espécie de galináceos, *araras* e *papagaios*, pássaros que figuraram na nossa mesa como caça deliciosa, principalmente a primeira. (...)

O aspecto das margens continua sempre o mesmo. São por toda parte cobertas de mato alto, denso e sem interrupção. As árvores de tamanho notável são frequentes. (...)

A cachoeira de Uputunduva é visitada pelos índios desta região, porque o rio aí dá vau. Até agora, porém, nem sequer vestígios temos visto. Segundo contam nossos camaradas, êsses índios, chamados *Chavantes*, são inimigos de toda a gente cristã. Por vezes tem-se procurado chamá-los: fazem sinal com a mão que nada querem conosco e agitam como ameaça os arcos e flechas. Pelo menos avisam³⁹.

E por qual razão os índios quereriam algo com eles? Como se a herança portuguesa não bastasse. Interessante que os Chavantes é quem são os inimigos...

Florence nos fornece a descrição de um exuberante cenário. O rio, após o encontro com o Piracicaba está num acentuado declive, o que deve facilitar bastante a pesca em época de piracema, dada a dificuldade dos peixes em seguir à montante. Dada a grande quantidade de aves mencionadas, é de se esperar que a biodiversidade, tanto de animais quanto de vegetais, seja abundante. Provavelmente encontraríamos antas, pequenos primatas, roedores diversos... muitas palmeiras, já que os frutos dessas plantas é uma das principais fontes de alimentação das aves citadas.

Bem, são suposições. Resta-nos a imaginação para fluirmos junto com as palavras dos observadores, como as do nosso francês. Graças à escrita dessas pessoas, podemos entrever o que já foi. Assim como os índios gesticularam anunciando perigo, também o legado destes autores *pelo menos avisam*. Advertem e chamam à responsabilidade. O que foi feito em duzentos anos? Progresso e devastação. Enquanto

39 (FLORENCE, 1941, p. 20-21)

desenvolvimento permanecer sinônimo de crescimento econômico não há sustentabilidade ambiental que aguento.

Índios? Jacutingas? Araras e papagaios às pencas? Como veremos em seções posteriores, o que os atuais habitantes da região mais encontram nas imediações do rio é lixo.

Transcorridos cinquenta e um dias, a expedição chega à foz com o rio Paraná. Ela prosseguirá, e até chegar ao Amazonas e retornar, muitas aventuras e infortúnios rondarão os seus personagens: morte, insanidade mental não de ocorrer. Assim finaliza Hercules Florence o seu diário, quando da chegada ao Rio de Janeiro: "... dando fim à nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil⁴⁰". Mas esses fatos decorreram mais ao norte do país. Enquanto a viagem transcorreu no Tietê, foi pouco atribulada.

Despeçamo-nos, então, dos expedicionários durante o soprar de bons ventos. Se é para partir, que o façamos havendo cantos e alegria.

Dia 11 [de Agosto]. De manhã partimos e, depois de uma légua de viagem, fomos abicar pouco aquém da embocadura do Tietê no Paraná. Já estávamos então na região dos índios *Caiapós*, cuja aldeia fica na margem dêste rio em ponto quasi fronteiro à foz do Tietê, um pouco acima.

(...)

Querendo visitar o salto de Urubupungá, grande queda do Paraná sita duas léguas acima da boca do Tietê e famosa entre os viajantes dêstes desertos, deixávamos à nossa espera a monção e, levando o guia conosco, partimos em dois batelões. Quinze minutos depois, vimos o Paraná. Tínhamos na nossa frente o último estirão do Tietê e abria-se ante nós aquele caudal cuja largura é aí de um quarto de légua, parecendo ainda maior por ser a margem de lá extremamente baixa.

(...)

Em viagens como esta, a vista de um rio em que se tem de navegar, ou da foz de outro que se vai deixar, ou de qualquer paragem notável, de um quadrúpede mesmo, de um pássaro que pela primeira vez se mostre, essa vista rompe a monotonia da jornada. Cantam então os remadores; com grita jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e à proa, onde estão sempre de pé, redobram em cadência o sapateado habitual. Com todo esse ruído festivo foi que entrámos nas

40 (FLORENCE, 1941, p. 218)

águas do Paraná⁴¹.



Se tratamos da juventude de um rio, que tal discorrer sobre o nascimento da sociedade humana?

Existem proezas na natureza magníficas. O esmero da aranha no feitiço de sua teia. A harmonia organizacional numa sociedade de abelhas. Qual governo humano contou com tamanha disposição de força de trabalho, sem nunca sobrepujar o povo? Talvez seja que a abelha rainha cumpra com mais rigor o seu dever. Todavia, é sabido que por lá também ocorram as suas rebeliões... E essa, agora: usar células do seu próprio corpo para produzir alimento. Genial, não é mesmo? Quem vai saber sobre as sensações de se ser uma planta... a única parte que me parece não muito boa é servir de alimento para os outros.

Existem também outras qualidades de proezas. Que tal, manchetes rodarem o mundo, em frações de horas? Redes sociais interligarem, instantaneamente, quaisquer dois ou mais pontos do planeta? Aparelhos celulares serem utilizados como instrumentos de contato, quase que virando extensões dos membros humanos? Sorte que ainda existem palavras sussurradas ao pé do ouvido...

Esplêndido primata, senhor e senhora de arguciosas façanhas! Que tanto mais podes com a linguagem? Caberia limite para a sua imaginação nalguma folha de papel?

Todavia, a linguagem outrora tenha sido diferente. Gutural e por meio de gestos, selvagens. Concebe o pensamento sem palavras? Pois bem, era assim. Não faz muito tempo, nossos ancestrais só emitiam poucas vogais⁴².

Vamos voltar além.

A espécie humana pertence à família dos *Hominidae*, cujos representantes atuais são orangotangos, gorilas, bonobos e chimpanzés, nossos parentes mais próximos. Supõe-

41 (FLORENCE, 1941, p. 34)

42 "A mudança na forma do basicrânio é observada no primeiro espécime de *Homo erectus* conhecido, o crânio 3.733, encontrado no norte do Quênia, e que data de quase 2 milhões de anos atrás. De acordo com esta análise, este indivíduo *Homo erectus* teria tido a habilidade de produzir certas vogais, como u, a, e, i". (LEAKEY, 1995, p. 127-8)

se que o marco que proporcionou o sucesso evolutivo do gênero *Homo* tenha sido a adoção de postura bípede⁴³, há cerca de sete milhões de anos atrás, no Mioceno, quarta época da Era Cenozoica. O Mioceno foi marcado pelo resfriamento do clima e aumento da aridez em todo o planeta. Gramíneas irradiaram-se, e savanas e pradarias se espalharam sobre o globo, ocupando espaços das florestas tropicais, outrora abundantes. A locomoção ereta permitiria um deslocamento mais eficaz por essas paragens. E não apenas isso: as mãos ficaram livres e poderiam servir para carregar algo ou fazer gestos.

É dessa liberdade de uso das mãos que derivaria toda a engenhosidade e tecnologia que a mente humana jamais ousaria dispor: e o gesto primeiro foi bater uma pedra na outra⁴⁴. Lascas evoluíram em raspadores maiores, e podia-se cortar carne para a alimentação, prover madeira para abrigo ou ceifar gramíneas para melhor acomodação. Naquela época, a cerca de dois milhões e meio de anos atrás, o provável modo de vida seria, essencialmente, o de herbivoria coletora, consumindo-se carne apenas ocasionalmente, aproveitando-se de restos de presas de outros predadores. Entretanto, é questionável se esses ferramenteiros primitivos seriam oportunistas ou agiam com previsão, produzindo objetos preconcebidos.

Centenas de milhares de anos são transcorridos. Muito provavelmente alguma protolinguagem primitiva estivesse por se desenvolver⁴⁵. Percebe-se nitidamente que a produção de artefatos é aprimorada⁴⁶. Existe agora, comprovadamente, intenção no ato do artífice. O fogo passa a ser controlado. Pólen encontrado junto a uma ossada humana fossilizada indica as primeiras evidências de ritos em dedicação aos acontecimentos

43 “Parece-me que a evolução da locomoção ereta, que distinguiu os hominídeos antigos de outros macacos de seu tempo, foi fundamental para a história humana subsequente. Uma vez que nosso ancestral distante tornou-se macaco bípede, muitas outras inovações evolutivas tornaram-se possíveis, com o aparecimento definitivo do [gênero] *Homo*”. (LEAKEY, 1995, p. 12, colchetes nosso)

44 “Os utensílios mais antigos são pequenas lascas, obtidas batendo uma pedra – usualmente um seixo de lava – contra outra. As lascas mediam cerca de 2,2 centímetros de comprimento e eram surpreendentemente aguçadas. Embora simples na aparência, elas eram utilizadas em uma grande variedade de tarefas”. (*Ibid*, p. 46)

45 “Em toda a sua espessura e até os mais arcaicos sons que pela primeira vez a arrancaram ao grito, a linguagem conserva sua função representativa: em cada uma de suas articulações, desde os tempos mais remotos, ela sempre *nomeou*. Em si mesma, é tão somente um imenso sussurro de denominações que se sobrepõem, se comprimem, se ocultam e, entretanto, se mantêm para permitir analisar ou compor as mais complexas representações”. (FOUCAULT, 2007, p. 144)

46 “Mas a partir de 250.000 anos antes de nossa Era os bifaciais são finamente talhados graças às técnicas de talhe cada vez mais elaboradas. Talvez o próprio *Homo erectus* tenha inventado esse procedimento muito eficaz de talhe de pedra chamado de talhe levaloisiano: enquanto que, até então, a forma final de um instrumento era obtida por retoques sucessivos de uma determinada pedra escolhida para esse fim, com o talhe levaloisiano, talha-se primeiro um tipo grande bifacial, que é por sua vez desbastado em lascas com formas diversas e bem definidas. Em seguida, cada uma das lascas serve, por sua vez, para fabricar um instrumento particular: ponta, raspador, faca, buril, trinchetes, etc”. (MAZOYR & ROUDART, 2010, p. 61-2)

relacionados à morte⁴⁷. A arte se manifesta nas paredes das cavernas. Em geral, são representados animais: a arte rupestre remonta a pelo menos 30 mil anos.

Coincidindo ligeiramente com o período de tempo que transcorreu da evolução dos primeiros primatas até a diferenciação no ancestral bípede do gênero *Homo*, um importante fenômeno geológico alterava drasticamente a geografia da região que é considerada o berço da humanidade: a fragmentação da África, separando a península arábica do resto do continente, a 35 milhões de anos atrás. Conceitualmente, a este fenômeno se dá o nome de *Margens continentais passivas*, que é “o aumento do fluxo térmico no manto debaixo da crosta continental, que abaula e distende a crosta sobrejacente até provocar o fraturamento e, conseqüentemente, a extrusão de lavas máficas e o rifteamento”⁴⁸. A dinâmica de movimentações dessas placas tectônicas afetou uma área de aproximadamente 5000 quilômetros no eixo norte-sul, estendendo-se da Síria a Moçambique. Ela que formou o Mar Vermelho. O Triângulo de Afar, localizado em partes de Djibuti, Etiópia e Eritreia, é considerado o ponto central onde as placas africana e arábica se separam. A leste forma-se o golfo de Áden, que desemboca no Oceano Índico. Ao norte, estendendo-se pelo Mar Vermelho, forma-se o Golfo de Ácaba, que penetra pela península arábica originando o vale do Rio Jordão, compreendido entre o Mar da Galileia e o Mar Morto. A sudoeste, em grande porção do continente africano, forma-se o Vale do Rift, complexa região montanhosa que apresenta pontos mais altos do continente e picos que ainda mantêm atividades vulcânicas. Dada a sua formação tectônica, o Vale do Rift é uma região com intenso depósito de sedimentos, favorecendo a conservação de materiais orgânicos por meio da fossilização. É pela ação das suas margens erodidas que encontraram soterrados os fósseis humanos mais antigos. Em Hadar, no Quênia, foi descoberto o esqueleto quase completo de *Lucy*, uma fêmea da espécie [*Australopithecus afarensis*](#) datada de aproximadamente 3,2 milhões de anos. É no Vale do Rift que se encontra os Grandes Lagos Africanos, que incluem alguns dos mais profundos lagos profundos do mundo. São eles os responsáveis pelas nascentes dos principais rios da África, inclusive o Rio Nilo.

O princípio da Revolução Neolítica teve início há 12.000 anos atrás. Caracterizou-

47 “De acordo com a distribuição ordenada dos grãos de pólen em volta dos restos fósseis, não há dúvida de que as flores foram deliberadamente arranjadas, excluía a hipótese de terem caído por acaso na sepultura, quando o corpo estava sendo coberto”. (LEAKEY, 1980, p. 125)

48 (TEIXEIRA, *et. al.*, 2009, p. 105)

se por ser o momento em que os humanos passaram a polir pedras. Assim, machados e enxadas puderam ser fabricados e a agricultura começaria a se desenvolver, alterando drasticamente o estilo de vida da espécie, de coletores-caçadores nômades para cultivadores-criadores (de plantas/de animais) sedentarizados⁴⁹.

O mais antigo centro irradiador da prática agrícola é denominado Oriente Próximo, sendo que dele remonta as mais antigas civilizações humanas, egípcia e mesopotâmica. A proximidade com cursos d'água foi de fundamental importância nesse processo de expansão urbana. Dada as similitudes em que ocorreram o desenvolvimento social dessas civilizações, tratarei sobre elas conjuntamente.

Os grandes rios da Mesopotâmia têm uma cheia mais irregular que a do Nilo em sua cronologia e incidência. As águas sobem, em princípio, entre março e maio, e baixam entre julho e setembro. A enchente se caracteriza por sua grande violência: o Eufrates e o Tigre, ao descerem velozmente, durante a cheia de zonas montanhosas, a uma região absolutamente plana, depositam enormes quantidades de aluviões – limo misturado com cal – e, embora a corrente se faça mais lenta na planície, como é natural, ainda é suficiente para causar muita destruição⁵⁰.

No período em que sobe a cheia, o campo já estava semeado. Tornou-se necessário então, para que não houvesse perdas, a construção de diques e barreiras de proteção para controlar a violência dos rios; também era preciso acumular água que irrigassem os campos em épocas de seca era preciso.

As sociedades mesopotâmica e egípcia, portanto, tiveram o seu desenvolvimento atrelado à ciência de gerir a seu favor a disponibilidade e controle no uso da água na região. Dada a sua importância, os rios eram envoltos por auras majestosas e tratados como entidades divinas. Atribui-se à época esta canção:

“Louvado sejas, ó Nilo! Tu que saís da terra e vens até nós para dar alimento ao Egito. Tu que irrigas nossos campos e foste criado para nutrir nossos rebanhos. Tu que molhas o deserto, que está tão longe da água. Tu que fazes crescer a cevada e o trigo. Tu que enches o celeiro e abres as portas dos paços. Tu que dás aos pobres. É para ti que tocamos

49 (MAZOYER & ROUDART, 2010, p. 69 - 70)

50 (CARDOSO, 1986, p.32)

harpa e cantamos”⁵¹.

Supõe-se que as primeiras cidades-Estados, dentre elas o exemplo mesopotâmica de Uruk, tenham emergido em torno de 5000 anos atrás, reflexo do “modo de produção palatino”⁵², baseado nos complexos palaciais e templários como centros da organização social. Entende-se que esse processo teve início no seio das próprias comunidades aldeãs. “Certos 'notáveis' saídos das famílias mais importantes passam a manipular de fato, por sua influência e formas materiais de pressão, as decisões do 'conselho de anciãos' da aldeia”⁵³. Isso talvez porque certas famílias fossem mais numerosas que outras, ou se estabelecessem a mais tempo na região. Seja como for, o fato é que se iniciava uma diferenciação entre os aldeões, e geralmente permaneceria aos seus descendentes. Assim, principiava a distinção entre os que trabalhavam e os que dirigiam o trabalho alheio; os que executavam e os que decidiam.

Quando as mudanças desembocam plenamente na urbanização e na organização estatal, três setores sociais básicos são perceptíveis: 1. A imensa maioria da população dedica-se às atividades agropecuárias, consumindo diretamente parte do que produz e entregando o resto ao poder central; tal população não participa das decisões comuns. 2. Um grupo muito minoritário se ocupa com atividades artesanais, de troca, de administração, religiosas; é mantido pela redistribuição dos excedentes extraídos das aldeias, e não participa das decisões comuns. 3. Um grupo ínfimo organiza o trabalho das comunidades, pelas quais é sustentado, e decide por todos; este poder de decisão tende a personalizar-se, a ter como expoente uma só pessoa⁵⁴.

A economia baseava-se então na redistribuição dos excedentes extraídos dos produtores diretos para a manutenção dos templos e palácios, mediante coação fiscal, tributação *in natura* e corveias, que se trata de trabalho forçado por tempo limitado, para trabalhos civis ou militares. Não havia circulação de moeda, o pagamento era feito *em espécie*.

Já desde os primórdios da civilização humana houve especialização do trabalho

51 (GOMBRICH, 2001, p. 27)

52 (CARDOSO, 1986, p. 24)

53 (*Ibid*, p.26)

54 (*Ibid*, p. 27)

gerando especialistas em tempo integral (artesãos, sacerdotes e burocratas) que dedicavam-se exclusivamente aos templos e palácios. A estes a sorte era um pouco mais generosa que aos camponeses, que tinham a mão-de-obra exploradas praticamente o ano inteiro. Quando não estavam cultivando, estariam cumprindo trabalhos nas corveias.

A princípio infere-se que templo e palácio fossem matérias distintas, cada qual dividindo o poder central. Até que o poder palatino envolve a si legitimação divina e torna-se verdadeiramente soberano. Os faraós do Egito são os grandes exemplos desta proporção de poder, já que eles seriam responsáveis inclusive por intervir na magnitude das cheias anuais do Nilo. A sacralidade atribuída ao governante supremo facilita a aceitação das decisões pelas partes que não são consultadas.

As práticas de escrita surgem nessa época, e

... testemunham essencialmente sobre a vida e as preocupações materiais e espirituais de uma pequena fração dessa sociedade, incluindo o faraó, sua corte, a administração e o clero. Raras são as indicações sobre o cotidiano dessa maioria da população que são principalmente camponeses, incluindo também os artesãos, os soldados e alguns escravos⁵⁵.

Os escribas foram os grandes responsáveis por efetivar a supremacia faraônica.

Encarregados de transcrever as ordens vindas do alto e de manter o poder central informado das atividades em todo o império estavam presentes em todos os lugares, registrando todas as operações agrimensoras, de registro de colheitas, de recenseamento de bens, da população e do gado, de cálculo e de pagamento de impostos, registros, contratos, processos etc⁵⁶.

Finalmente,

É preciso dizer que nada do novo modo de vida teria sido compreendido, transmitido de um indivíduo a outro, conservado de geração em geração e aperfeiçoado sem a ajuda da linguagem. Esta deveria estar apta a expressar as novas condições materiais, as novas práticas produtivas, a

⁵⁵ (MAZOYER & ROUDART, 2010, p. 194)

⁵⁶ (*Ibid*, p. 194)

nova organização e as novas regras sociais, assim como as ideias, as representações e as crenças correspondentes. No começo do novo modo de vida, houve necessariamente o verno, ou seja, uma nova língua⁵⁷.



Recordar é viver? A lembrança pode aflorar sentimentos e traçar súbitas feições. Alguns fatos particulares de nossas vidas são carregados até o derradeiro momento. Mas o que nos acompanha tão intimamente é a impressão que formamos destes momentos, a maneira como os interpretamos posteriormente e o movimento de reflexão que insiste em perdurar. Este é inesquecível. O fato, em si, já foi. E não volta.

Lida-se de maneira análoga com a História. Estudar o passado, no presente, não é retornar ao mesmo, não é reconstituí-lo. Pelo contrário; o presente que é moldado, definido pelos atos passados⁵⁸. As possibilidades de ação se dão no presente. Aliás, nestes termos, só presente existe: passado é referência e futuro é projeção. Mas ainda assim, o passado é indelével. Perdura, mesmo que se transfigurando.

Haverá limite, para a nossa mente humana, que não seja extrapolado? Creio que não; pelo menos no que tange à maneira como lidamos com as recordações. Vejamos um exemplo.

Na minha breve história como educador, um acontecimento, que remonta às primeiras práticas, vem comigo e em mim perdura, suscitando continuamente novas reflexões: as aventuras traçadas numa determinada cartolina. Vou contar.

Primeiro semestre de 2007. Terceiro ano do curso de graduação em Ciências Biológicas. Neste período, iniciava-se a minha participação efetiva no Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da UNESP de Rio Claro.

Dona Célia era uma das educandas. Mulher, 82 anos, sem escolaridade regular. Aluna assídua do PEJA desde o ano de 2005.

A proposta para a aula era levantar as lembranças da infância, e pô-las na cartolina; recordando a geografia e narrando alguma boa história daqueles tempos, naqueles lugares. Dona Célia, qual dançarina, baila alegremente com as letras, para além das margens do analfabetismo.

⁵⁷ (*Ibid*, 2010, p. 109)

⁵⁸ “Cada presente tem um passado próprio e toda reconstrução imaginária do passado aspira reconstruir o passado deste presente, do presente em que se está produzindo este ato de imaginar, tal como é percebido aqui e agora” (COLLINGWOOD apud FONTANA, 1993, p. 247).

Palavras, desenhos, arranjos, recortes, disso tudo ela se fiou. O que importava era o que se tinha a dizer, captar e inscrever os sentidos ao sabor das imagens do passado. E para que a plenitude a cartolina alcançasse, faltava apenas que fosse ela lida. Felizmente, fui agraciado: coube ser minha leitura, a primeira leitura.

Enquanto compunha, Dona Célia arrebatou-me com a simplicidade e firmeza dos gestos, e por isso fui impelido a também escrever, a me juntar na construção. Num primeiro impulso, adotei a narrativa como modo de olhar, compor e pensar: uma maneira de fazer o corpo a corpo com a cartolina. Capturado pelo acontecimento, atento às minúcias da composição, pus-me a registrar, a relatar aquilo que, por minha vez, percebia.

E daí não houve escapatória. Não desejava compor uma crítica, uma resenha ou uma reflexão sobre o texto original. *Eu queria participar também*. Ser criança junto com a Dona Célia. Assim, qual solução encontrei? Somar as minhas palavras às palavras de Dona Célia, aquelas mesmas da cartolina.

Mal sabia que algo estava por acontecer: tomei o gosto por uma escrita que fosse além da minha voz, que buscasse consigo, em seu âmago, outras vozes. Não bastou somente a minha, em adição à voz de Dona Célia. Chamei também o senhor Palomar, com a sua capacidade afinada de observação.

Éramos três. Um triálogo, quiçá? Vejamos, em dois trechos, o que a cartolina, e suas vozes, têm a nos dizer...⁵⁹

Iniciou o trabalho pelo canto superior esquerdo da cartolina. Traçou duas retas perpendiculares ao plano e paralelas entre si, distantes cerca de 30 cm uma da outra, as quais foram responsáveis por delimitar as margens de limite horizontal do parágrafo. Feito isto, pôs-se a escrever:

Este trabalho nos stamos fazendo na biblioteca relebando as nos aulas pasada.

la na fazenda grandi nos morva tinha muitos carneros e cabitos tinha tambem muitas vacas. tinha muita tocera de bambu, a fazenda ficava euma varzea la bem no fundo

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se.

59 Três fontes distintas aqui são usadas para distinguir os autores: a fonte padrão, para os meus escritos; a fonte com aparência de letra de mão, para Dona Célia; e o texto em itálico, para o Senhor Palomar, de Italo Calvino.

Novo encontro, Dona Célia traz para a aula o jornal da igreja na qual é obreira. Nele havia uma matéria discorrendo sobre inundações. Ela aproveita a ilustração do jornal para descrever o período da infância que viveu com seus tios:

*no fundo desta casa quando eu morava perto deste lago no fundo deste onde
fiava fundo e um lago*

O final desta frase ultrapassara o branco da cartolina e flutuava pelas águas do lago.

*... em vez disso, esta imagem, quem sabe por meio de que desvio,
chega é a mim que temo seja bela demais para ser verdadeira,
demasiado grata ao meu universo imaginário para pertencer ao
mundo real.*

Após breve intervalo, Dona Célia pula para a margem direita da imagem e posiciona-se com o lápis na mão:

*neste lago nos meus 5 anos um dia Eu e minha amiga fomos fazer uma
comida que se chamava papucado a minha me chamou celina tua tia
vem lá*

Não há mais nenhum espaço em branco abaixo deste ponto. A solução então encontrada foi retornar à frase inicial e escrever de baixo para cima. Linha por linha.

*Eu então corri para o mato e lá pisei toda a noite no mato mato e a tia me
chamava vei Eu não vou te bate mais Eu coria coria po meio do mato e niso
eu pisei toda a noite*

*O fato de que no céu esteja girando um objeto tão diverso dos
demais, uma forma que conjuga o máximo de estranheza com o
máximo de simplicidade e de regularidade e de harmonia, alegra a
vida e o pensamento.*

A narrativa dos acontecimentos e a emergência de autorias que se enredam pela interpretação, pela cumplicidade de abrir-se à escuta do outro, perdem-se nas profundezas da linguagem num emaranhado que vai da vida à morte à vida⁶⁰.

A cartolina ainda prosseguiria... Dona Célia buscou algumas imagens pela internet: um bosque europeu serviu para se referir ao jardim da infância; a igreja de Jaú conformou-se com a de Dois Córregos, onde se casou, e por aí foi...

... e deveria ser diferente?

⁶⁰ “A linguagem, sobre a linha da morte, se reflete: ela encontra nela um espelho; e para deter essa morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites (FOUCAULT, 2009 , p.48)



No penúltimo ano da graduação, o meu envolvimento com o PEJA se dava de tal forma, que foi inevitável o desejo de realizar o trabalho de conclusão de curso no âmbito da licenciatura, na esfera de alcance do programa de extensão onde atuava. A questão era: que tipo de trabalho executaria para que englobasse preceitos das Ciências Biológicas e fosse, ao mesmo tempo, pautado em práticas educacionais?

A Turma da Comunidade do PEJA de Rio Claro era a classe de aula preponderante na qual cumpria as horas do estágio. Ela era composta por senhoras que moravam nos arredores da universidade, mais dois funcionários da jardinagem da mesma instituição. A princípio, seriam estas pessoas os “sujeitos da pesquisa”. Qual atividade seria interessante a elas?

Na época, que considerava como um momento importante na minha vida, a conclusão de uma etapa significativa, fiz questão de que outras pessoas vinculadas à universidade, aquelas que contribuíram de maneira geral para a minha formação inicial como biólogo e educador, também participassem ativamente no projeto. Mas como juntaria essas outras pessoas, estudantes da graduação e da pós-graduação dos diversos cursos que compõem os dois institutos do campus da Unesp de Rio Claro, algumas que inclusive ignoravam por completo o que era o PEJA, com a realidade dos educandos e das educandas do programa de extensão?

Fazia-se necessário um lugar comum; não havia algo melhor que a própria universidade. Mas como era relativamente distinto o modo como esses dois grupos ocupavam os espaços dentro dela, optei por deslocar a cada um de sua zona de conforto, para que juntos fossemos explorar o que lhes eram pouco ou nada familiar: uma área estranha, pouco visitada por qualquer que seja; o Córrego dos Bandeirantes, curso d'água que atravessa a universidade, região fronteira com a Floresta Estadual “Edmundo Navarro de Andrade”, que a margeia. E o que faríamos nessa “área estranha”?

Seria essa uma boa oportunidade para que se conhecessem, as pessoas entre si, e as pessoas ao local. Em virtude de se otimizar a dimensão educativa da experiência, e que dela frutificassem aspectos biológicos do conhecimento, as pessoas externas ao programa de extensão que foram convidadas para participar atuavam em diversas áreas do conhecimento. Havia mestre em zoologia de formigas, paleontólogos, ecólogos,

botânicos, geógrafos, entre outros. De maneira que fosse uma saída de campo de “caráter expedicionário”: cada um e cada uma, universitário ou não, estava livre para, a qualquer momento da trilha, instigar uma discussão sobre qualquer coisa que se deparasse pelo caminho.

Antes de ser dada partida à empreitada, tão logo nos deixou o ônibus a dezenas de metros da nascente do córrego, foram passadas aos participantes algumas instruções, dentre elas que dois caderninhos circulariam entre os participantes para que registrassem as impressões ao longo do trajeto, e duas máquinas fotográficas captariam as imagens do percurso.

Intitulado “*Um encontro, um percurso, uma estória: uma narrativa que se constrói e convida à reflexão sobre EJA e Educação Ambiental*”, o trabalho de conclusão de curso narra os fatos que compuseram todo o processo, e tem os registros dos participantes ao longo da saída de campo como eixo central das discussões do trabalho.

Pelo legado dessas escritas refleti, e comigo cheguei a conclusão que elas aproximam-se ao que Jorge Larrosa propõe como o conceito de experiência, aquela que passa e afeta os sujeitos, cada um ao seu modo, cada um com a sua experiência. A pessoa que passa por uma experiência já não é mais a mesma, ela é uma pessoa *apaixonada*, um território de passagem por onde age o acontecimento⁶¹.



Tendo ingressado no mestrado, uma das atividades complementares à pesquisa é a realização do estágio de docência numa das disciplinas de licenciatura oferecidas aos cursos de graduação da Unesp. Tive a felicidade de desenvolver o estágio na disciplina *Didática: campo de investigação e formação* para o curso de Ciências Biológicas, o mesmo no qual sou graduado. Além de acompanhar o transcorrer da disciplina, eu era incentivado pela professora responsável a contribuir com o enriquecimento das discussões geradas.

Outra prática sua é reservar uma data no calendário da disciplina sob os cuidados

⁶¹ “Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra *paixão* pode referir-se a *várias coisas*”. (LARROSA, 2002, p. 26).

do estagiário, tanto o planejamento, como a execução. Preparei uma aula na qual fossem abordados os temas da escrita e da leitura, aplicada para os períodos diurno e noturno. Iniciou-se com a exposição do quadro *Las meninas* de Diego Velázquez, hoje instalado no museu de Prado em Madri:



Fig. 1: *Las meninas*, de Diego Velázquez

Após alguns minutos de observação, pedi aos estudantes que escrevessem sobre o que viam, sem que se identificassem no papel. Após terminados os textos, os recolhi e embaralhei. Entreguei de volta a eles, de maneira que ninguém estivesse com o texto de sua própria autoria. Pedi então a cada um, alternadamente, que lesse em voz alta. Após as leituras, discutimos questões tais: como os autores interpretaram a leitura dos colegas? Reconheceram-se nos textos? Quais as sensações de ouvir a sua escrita pela leitura do outro? As leituras dos textos alheios alteraram a sua interpretação da imagem? Faria modificações no seu texto? Mais ou menos por aí se encaminharam as discussões... finalizamos a aula com o convite a que os estudantes recriassem a obra utilizando-se de uma máquina fotográfica.

Fiquei com os textos de ambas as turmas. Chegando em casa reli um por um e

recompilei-os em dois textos distintos, um para cada turma. O que fiz: recortei frases dos textos individuais para compor o texto geral, de maneira que este último apresentasse ao menos uma frase de cada um dos originais.

E o resultado foi o seguinte⁶²:



Fig. 2: *Las Meninas*, versão Didática Integral, 2012; acervo do pesquisador.

A sala está repleta de quadros espalhados pelas paredes¹³. Meninas com vestido de época, uma freira, três homens da corte⁷. Aparentemente trata-se do cotidiano de uma princesa europeia da idade medieval³.

No canto esquerdo tem um objeto que parece uma tela de costas, as pessoas da pintura estão de frente para essa tela, mas não parecem estar olhando-a⁴. A garota que se encontra no centro da obra aparece de forma interessantemente destacada das outras, por um efeito de maior luminosidade da pele e roupas claras frente à uma grande entrada

⁶² Os números sobrescritos indicam de qual dos textos originais a frase foi retirada

de luz⁵. Ela está vestida com um vestido branco com bordados, ela é bem branca e seus cabelos são loiros e lisos¹⁵. O que me chama atenção é o olhar dela, direcionado à luz, talvez à janela, este olhar contempla, vislumbra, o que⁶? Provavelmente ela é alguma filha de alguém muito importante¹⁴.

Também há outras pessoas, como um pintor à esquerda, pensativo, talvez tentando captar a essência do momento real³. O estranho é que as pessoas que estão a sua frente, parecem estar olhando para frente⁹. Como é que ele estaria pintando então⁹?

O que mais me intriga é aquele homem ao fundo⁹... que parece estar observando atenta a cena que se passa no ambiente, transmitindo deste modo, um certo mistério². Também ao fundo há uma espécie de gravura, um quadro ou um espelho a refletir o que se passa no recinto³.

O cachorro que está deitado parece estar naquela posição a um bom tempo¹⁰, se mostra com ar preguiçoso recebendo carinho da menina, ao lado de uma senhora aparentemente anã⁵. Uma pintura está sendo produzida e as pessoas ao redor parecem dar toda assistência para que tudo saia perfeito, somente o cão parece não se importar com o que está ocorrendo na sala¹¹.

Um dos modos mais criativos de um pintor assinar uma obra é ele se retratar nela mesma¹⁷. Parece-me que a cena retratada não diz respeito à algo comum¹⁶; aos meus olhos, o quadro refere-se ao ponto de vista do pintor¹.

O olhar fixo dos personagens traz a pintura até meus olhos, a luz que esclarece o primeiro plano, me prende nele¹². Parecem meio centrados em quem os olha de fora¹². Os personagens do quadro parecem analisar outro quadro⁸. E assim o quadro não fica, nem vai¹². Não se mantém na moldura e nem em mim, mas se projeta nesse meio caminho¹².

Ao observar o quadro, senti saudades de uma viagem que fiz, em que pude visitar lugares em que existiam muitos desses quadros¹⁶.



Fig. 3: Las Meninas, versão Didática Noturno, 2012; acervo do pesquisador.

O quadro é bem curioso⁶. As histórias podem ser muitas⁷...

Julgando pelas sombras das meninas, a luz incidente do lado direito e pela localização do cachorro, trata-se do primeiro cômodo de um ateliê de pintura⁵. A sala possui muitos quadros nas paredes, mas devido a pouca iluminação não é possível ver as imagens¹. Há um notável pintor contemplando sua obra e provavelmente trabalhando na mesma⁵. Parece que esse pintor também faz parte da pintura da tela⁸. Ele pode estar pintando qualquer coisa ou nem começou ainda, nunca saberemos⁶. Todos da casa param seus afazeres para apreciar a realização da pintura⁹. Quem será pintado ou pintada no quadro⁷?

A menina loira de cabelos compridos e bem arrumados, de pele bem branca e suave, provavelmente faz parte da nobreza². Essa princesinha parece que está fazendo pose para ser pintada, o estranho é que ela está de costas para o pintor⁶. Na parede atrás dela também há um pequeno espelho que parece refletir um casal de nobres⁶. E por que

a luz que nele incide é tão diferente da que chega aos outros quadros¹¹? O que ele representa¹¹?

Toda a cena está sendo observada por um senhor em uma escadaria ao fundo¹⁰. Por que o homem se detém¹¹? Tem-se a impressão de que ele está saindo (...) olhando para trás como quem quer se certificar que está tudo em ordem¹². Entre a luz e a escuridão, duas mulheres que parecem sentir pena de algo ou alguém, uma delas é freira⁴. A anã mergulha em seus próprios pensamentos¹¹. A garotinha mexe com o cachorro, que se mostra indiferente a tudo o que está acontecendo¹¹.

O que todos estão pensando¹¹? A menina loira parece olhar diretamente para fora do quadro³. É como se uma outra pessoa, que não aparece, estivesse pintando todos que estão no quadro⁸. Então, por que tanta movimentação⁷?



Esses três exemplos de prática de escrita, as que sobrevieram da cartolina, do trabalho de conclusão de curso e do estágio de docência, são esforços que realizo em busca de uma escrita que ser quer, digamos, coletiva, compartilhada. Não sei responder exatamente o porque, mas aprecio muito esta estratégia de escrita, compor textos recortando e colando de outros, nos quais a minha autoria aparece “disfarçadamente”.

Nos três casos houveram produções *in loco*. Não se sabia antecipadamente o que surgiria de uma cartolina em branco, de uma saída de campo, de uma obra de arte. Entretanto, apenas da cartolina não entrevia os passos seguintes. Ela foi o “start” dessa coisa toda, de escrever a partir da matéria escrita. O planejamento das outras duas já previa o “recorta e cola” na sequência. Eu gosto disso, ter de se virar com o que não se sabe que há de vir.

Acho que essa prática tem o seu quê de semelhança com um certo “mestre ignorante”. Vou contar a sua estória.

Joseph Jacotot. Um jovem com seus plenos dezenove anos de idade quando eclode a Revolução Francesa (1789). Na época preparava-se para estudar Direito e ensinava Retórica em Dijon. Serviu às tropas da República, foi Secretário do Ministro de Guerra e substituto do Diretor da Escola Politécnica. Chegou até a ser deputado. Entretanto, a volta ao comando dos Bourbons, em 1814, provocou o seu exílio para os

Países Baixos. Lá obtivera o posto de professor de francês. Mas havia uma grande dificuldade: Jacotot ignorava completamente o holandês. Como ensinaria o francês desconhecendo a língua dos estudantes? Qual não seria a solução adotada, de improviso, pelo ilustre professor: publicava-se uma edição bilíngüe do *Telêmaco*, de Fénelon, e por meio de um intérprete, ele indicou a obra aos estudantes e lhes solicitou que aprendessem, amparados pela tradução, o texto francês. Ora, e não era observável que os alunos se davam bem na empreitada? Incrédulo, Jacotot resolveu ousar: passou a lecionar pintura e piano, matérias em que era incompetente por completo. Com sucesso, suas aulas cresciam em audiência. Jacotot passou a refletir sobre o seu papel enquanto professor. A que serve um professor, um mestre?

Para aprender a língua materna, as crianças não necessitam de mestres. Em seus meios, enquanto crescem, percebem as vozes que lhes são dirigidas e também aquelas ditas no entorno. Escutam, retêm, imitam, repetem... erram, mas aprendem. Fazem-se entendidos por sua própria inteligência movida pela vontade de aprender. Entretanto, chega o momento em que as crianças são encaminhadas à instrução, passam a receber os ensinamentos por intermédio de um mestre⁶³. Institui-se, então, que para *compreender* (o mundo, a sociedade, as relações de trabalho, etc.) as crianças necessitam de um mestre explicador. E este mestre, a partir de suas *explicações*, verifica se os alunos compreenderam o que foi explicado. Agora, as explicações precedem a compreensão⁶⁴. O mestre explicador decreta quando se inicia o ato de aprender, ao avaliar o momento adequado para um sujeito assimilar tal conhecimento. Com suas explicações conduz o aprendiz, sempre junto a si, em direção ao esclarecimento; este, porém, jamais é alcançado, pois o caminho é infundável: à medida que avançam, sucessivas outras novas explicações se fazem necessárias. Surge, pois, o mito pedagógico, que divide a inteligência em duas: a inteligência inferior e a inteligência superior⁶⁵. Eis o *princípio do embrutecimento*, ancorado no pressuposto da desigualdade das inteligências.

E o que dizer sobre a experiência com os estudantes holandeses? Quais

63 “Tudo se passa, agora, como se ela não mais pudesse aprender com o recurso da inteligência que lhe serviu até aqui, como se a relação autônoma entre a aprendizagem e a verificação lhe fosse a partir daí, estrangeira” (RANCIÈRE, 2002, p. 19).

64 “Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só” (*Ibid.*, p. 20).

65 “A primeira registra as percepções ao acaso, retém, interpreta e repete empiricamente, no estreito círculo dos hábitos e das necessidades. É a inteligência das crianças e do homem do povo. A segunda conhece as coisas por suas razões, procede por método, do simples ao complexo, da parte ao todo. É ela que permite ao mestre transmitir seus conhecimentos, adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno, e verificar se o aluno entendeu o que acabou de aprender. Tal é o princípio da explicação. Tal será, a partir daí, para Jacotot, o princípio do **embrutecimento**” (*Ibid.*, p.20).

inteligências participaram do aprendizado? Fénelon escreveu a obra, o tradutor forneceu o equivalente em holandês e os aprendizes *quiseram* aprender a língua francesa⁶⁶. Formava-se o princípio da igualdade das inteligências. Todas as pessoas são capazes de aprender qualquer coisa, basta que empreguem *vontade* suficiente neste intento⁶⁷.

Mas, no referido exemplo de aprendizado de francês, os estudantes estavam, de fato, sozinhos? Embora não tenham usufruído diretamente da inteligência do mestre, os estudantes beneficiaram-se da sua orientação: Jacotot fora mestre, emancipador, porque retirara da cena os seus conhecimentos, enquanto mergulhava-os numa situação da qual, com os elementos dos quais dispunham, puderam sair sozinhos⁶⁸. Assim caracteriza-se a função social do mestre emancipador: um orientador do aprendizado, não o intermediador de conhecimentos. Sua busca, enquanto sujeito emancipado, é a própria emancipação dos que o cercam⁶⁹.

Tendo como princípio a igualdade das inteligências, eis que surgia o método de ensino que ficou conhecido como *Ensino Universal*; Joseph Jacotot, seu fundador. O método difundiu-se, primeiro pela França e pela Holanda, depois por toda a Europa. Jacotot publicava suas experiências em diversos jornais da época, em especial no *Journal de l’émancipation intellectuelle*. À medida que os resultados se comprovavam, redigiam-se as diretrizes do Ensino Universal para as diversas ciências. Eminentemente pesquisadores acorriam até o centro irradiador, queriam verificar a eficácia do sistema com os próprios olhos. Em geral retornavam surpreendidos e convencidos. A ordem explicadora acusara o golpe e estava abalada. Até mesmo o Ministro da Instrução Pública, após a Revolução de Julho de 1830, fora por iniciativa própria consultar-se com Jacotot⁷⁰.

Entretanto, mesmo atordoado, o sistema explicador triunfaria. A Revolução Industrial estava a pleno vapor, e os “progressistas” ansiavam pelo poder. Era preciso um

66 “E ficou evidente que nenhuma outra inteligência era necessária. Sem perceber, ele os havia feito descobrir o que ele próprio com eles descobria: todas as frases e, por conseguinte, todas as inteligências que as produzem são de mesma natureza” (RANCIÈRE, 2002, p. 22).

67 “Esse método da **igualdade** era, antes de mais nada, um método da **vontade**. Podia-se aprender sozinho, e sem mestre explicador, quando se queria, pela tensão de seu próprio desejo ou pelas contingências da situação” (*Ibid.*, p. 25).

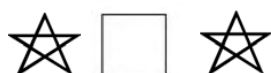
68 “Um professor não é, nem mais, nem **menos** inteligente do que qualquer outro homem; ele geralmente fornece uma grande quantidade de **fatos** à observação daqueles que procuram” (*Ibid.*, p. 108).

69 “O que pode, essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência daquilo que pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra como igual a sua” (*Ibid.*, 2002, p. 50).

70 “- O que é preciso, para organizar a instrução que o governo deve ao povo e que pretende fornecer segundo os melhores métodos? – **Nada**, respondeu o Fundador, o governo não deve instrução ao povo, pela simples razão de que não se deve às pessoas aquilo que elas podem conquistar por si próprias. Ora, a instrução é como a liberdade: não se concede, conquista-se” (*Ibid.*, p. 112).

sistema bem ordenado de instrução pública. Era preciso métodos e explicações mais racionais. Era preciso instrutores qualificados e diplomados. Novamente, o saber era hierarquizado: era preciso inteligências desiguais⁷¹.

Jacotot morreu em 1840, e sob a lápide seus seguidores gravaram a máxima da emancipação intelectual *“Creio que Deus criou a alma humana capaz de se instruir por si própria, e sem mestres”*. Os explicadores não deixaram barato: em poucos meses ela seria profanada. Se Jacotot partiu satisfeito com o trabalho que desenvolveu, firme com o legado transmitido aos seus emancipados aprendizes, ou derrotado pela ordem explicadora, descrente na sociedade progressista, são elucubrações das quais dificilmente encontraremos respostas definitivas. Mas uma coisa é certa: seu legado continua vivo: aí estão Rancière, e tantos mais, para mantê-lo animado⁷².



Talvez um pouco tardiamente, mas recolhida a bagagem pelo caminho, chegamos à porta de entrada: a pesquisa do mestrado, propriamente dito. Sem bater, vamos entrar. Pode ser que o peguemos de súbito, e assim não haverá como esconder as suas várias facetas.

No primeiro ano do curso, dediquei-me às disciplinas e à entrega da versão oficial do projeto. É em sua descrição, tal como foi apresentado na época, que vou concentrar-me nas próximas linhas:

Ao se pensar em educação, o que surgiria às margens de um rio?

Este projeto propõe um acontecimento central, comum a todos os sujeitos participantes da pesquisa: um convite a caminhar, sair ao encontro das águas de um rio, Tietê.

Propunha junto à Secretaria de Educação do município de Igaraçu do Tietê, buscar estudantes que quisessem participar da experiência, uma saída de campo até o rio Tietê e

71 “Tal como o tempo, o sistema explicador se alimenta de seus próprios filhos, aos quais devora à medida que são produzidos; uma nova explicação, um novo aperfeiçoamento nascem e morrem em seguida, para dar lugar a milhares de outros (...) Assim se renova o sistema explicador, assim se preservam os colégios de latim e as universidades de grego. Gritar-se-á, mas os colégios ficarão. Zombar-se-á, mas os doutíssimos e sapientíssimos continuarão a se saudar, compenetrados em seus velhos costumes de cerimônia” (RANCIÈRE, 2002, p. 133).

72 “O Fundador havia predito que o Ensino Universal não vingaria. É bem verdade que havia acrescentado, também, que ele jamais morreria” (*Ibid.*, p. 143).

seus desdobramentos, onde fossem preconizados a observação do meio, o compartilhar de impressões e saberes, e a reflexão sobre o atual comportamento humano no trato com a natureza. O convite seria estendido aos professores do município, membros do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da UNESP de Rio Claro, e outros profissionais que agregassem valor e enriquecessem o grupo.

A partir de tal proposição esperava-se que surgissem narrativas várias, os dados a serem coletados: registros feitos no momento próprio da excursão, relatos de experiência posteriores e, pretendia-se também que os participantes, juntos, criassem novas histórias para crianças inspiradas no percurso comum da visita ao rio. Acreditava-se que em tais materiais haveriam argumentos vastos que pudessem suscitar discussões acerca de manifestações culturais, experiências, memórias, percepções, entre outros.

Assim exposto, cabe ressaltar o papel fundamental a ser desempenhado pelos sujeitos da pesquisa, uma vez que toda ela estava estruturada no fornecimento de registros para reflexões futuras pelo pesquisador. Nesse sentido, classifico-a como uma pesquisa participante, pois, além do próprio pesquisador considerar-se também como mais um sujeito da pesquisa (já que também ele participaria das atividades propostas), existia a preocupação de sua parte em conhecer a realidade de cada local que fosse contemplado, descobrir o modo de vida das comunidades e, sendo possível, integrar-se a elas, inculcando nas populações o desejo de participação no projeto.

Como a forma em que se dariam esses registros seria, predominantemente, narrativa, surgiu o interesse em conhecer mais sobre a prática das narrativas em contextos educacionais. Assim, deparei-me com o conceito de pesquisa narrativa, que, sendo breve, inicia-se com *Teachers as curriculum planners* (CONNELY & CLANDININ, 1988), texto que convida professores a refletirem sobre as suas narrativas pessoais (e também sobre aquelas de seus alunos) de maneira que tal proceder pudesse contribuir para a compreensão da ideia de currículo escolar e formas de seu planejamento. Alguns anos depois é publicado *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*, organizado por Larrosa, que busca outras maneiras de se fazer a pedagogia, independentemente de problematizações, ao visar novas liberdades, sensibilidades e aberturas. Faz parte desta coletânea “*Relatos de experiencia e investigación narrativa*”, no qual me baseio para justificar o uso das narrativas na pesquisa⁷³ (e também na

73 “La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo. De esta idea general se deriva la tesis de que la educación es la construcción

decisão pelo estilo de sua redação).

Estudar as narrativas é equivalente a compreender o modo como os seres humanos experimentam o mundo, num contar e recontar constante de histórias⁷⁴.

(

Dentre as grandes amizades que formei no decorrer da graduação, uma delas contribuiu efetivamente no desenvolvimento deste trabalho. Aline Campos ingressou no curso de Ciências Biológicas da Unesp de Rio Claro em 2006, um ano apenas depois de mim. Desde então compartilhamos uma bela amizade. Uma outra apaixonada pela Educação: é entusiasta e trabalha com afinco no ensino formal para pessoas em situação de privação da liberdade.

Conta ela que um certo dia, estando em casa sem muitos afazeres, o telefone tocou: um inesperado convite para assumir as aulas numa unidade penitenciária do interior paulista, no qual os detentos (lá denominados reeducandos), dentre outras obrigações, devem necessariamente estudar no período noturno. Como amigo que sou, suspeito que este tenha sido um “daqueles” aceites que transformam radicalmente a vida da protagonista...

Tendo lecionado quase um semestre na instituição, Aline percebeu que careciam atividades sócio-culturais para os reeducandos. Assim, teve uma ideia: aproveitar sua breve experiência com teatro, em tempos juvenis, buscando arranjar um grupo de pessoas ali interessadas pela prática. Procurou o diretor da unidade, que a informou que um projeto deveria ser escrito e a ele submetido. Assim ela fez. Apresentou a mim uma primeira versão, querendo saber o que eu achava a respeito. Não só apoiei, como também *me convidei* a participar. Porventura, ela aceitou (outra vida estaria, também, a se transformar...). Nunca havia pisado numa prisão, tampouco num palco. Mal sabia eu que este gesto refletiria inclusive no projeto de mestrado.

Aline praticara teatro no colégio. Eu, em contrapartida, contava apenas com minha boa vontade. Definitivamente não possuíamos conhecimento mínimo para formar atores. Como haveríamos de criar um grupo de teatro numa unidade prisional? Com *vontade*. Eis

y la re-construcción de historias personales y sociales; tanto los profesores como los alumnos son contadores de historias y también personajes en las historias de los demás y en las suyas propias” (CONELLY & CLANDININ, 1995, p. 11 – 12).

⁷⁴ A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIM, 1994, p. 198).

o resumo do projeto e sua justificativa:

Grupo de experimentação teatral: de novas experiências a novas possibilidades de libertação:

Não há como prever, antes de seu desenvolvimento, o que a formação de um grupo de teatro poderá representar para cada um de seus participantes, tampouco é possível afirmar que tal vivência proporcionará, necessariamente, transformações profundas nos sujeitos envolvidos. Pode-se afirmar, contudo, que a constituição de um grupo teatral abre espaço para múltiplas construções de sentido, as quais podem vir a ter inúmeras repercussões no indivíduo e no coletivo⁷⁵. Encenar é, portanto, também um convite a questionar o mundo e a si próprio, permitindo uma ampliação da capacidade crítica do ator enquanto indivíduo sócio-político⁷⁶. Apesar do teatro ter, em diversos momentos, um viés profissional, que envolve atores qualificados que desprenderam anos de vida em sua formação, existe também um esquema de produção de teatro não profissional, constituindo os denominados teatros amadores⁷⁷. É nessa perspectiva que se insere a prática teatral enquanto possibilidade educacional.

Segundo a Children's Theatre Conference, organização profissional que representa o teatro realizado com e para crianças, o Teatro-Educação consiste em um método que visa desenvolver a personalidade por meio de improvisações de cenas e peças. Dessa forma, além do divertimento imediato proporcionado pelas atividades teatrais, o Teatro-Educação possibilita a aquisição de valores a partir de um processo de desenvolvimento pessoal⁷⁸. Uma das possibilidades de inserção das práticas teatrais no espaço educacional é por meio dos jogos teatrais, procedimentos lúdicos com regras explícitas⁷⁹.

75 "Incapaz de agir diretamente no processo de transformação social, [o teatro] age diretamente sobre os homens, que são os verdadeiros agentes da construção da vida social". (PEIXOTO, 2010, p.11-12)

76 "...a arte do encenador é a arte de provocar dúvidas, perplexidades, incertezas. Despertar perguntas, não respostas definitivas". (*Ibid.*, p.33)

77 "o teatro pode ser praticado mesmo por quem não é artista, da mesma maneira que o futebol pode ser praticado mesmo por quem não é atleta". (BOAL, 1979, p. 44)

78 " * Experiência em pensar criativa e independentemente. Imaginação, iniciativa desenvolvem-se rapidamente na atmosfera criada pelo professor;
 * Prática de cooperação social;
 * Desenvolvimento da sensibilidade para relacionamentos pessoais e uma profunda simpatia humana, através da análise e do desempenho de várias personagens em situações diversas;
 * Liberação emocional controlada;
 * Experiências de pensamentos independentes, expressando ideias claras e efetivamente. O resultado de uma experiência como essa em improvisações é uma conquista de flexibilidade de corpo e voz." (KOUDELA, 2006, p. 23-24)

79 "Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. À medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em

Assim exposto, o objetivo do projeto era criar um Grupo de Experimentação Teatral que possibilitasse aos seus participantes uma vivência teatral, desvinculada de compromissos profissionais e montagens teatrais. Pretendia-se que os participantes pudessem experimentar diversos elementos cênicos, a partir do desenvolvimento de diferentes jogos teatrais, em um espaço que pudesse ser, simultaneamente, de lazer e de desenvolvimento pessoal.

Submetemos o projeto em setembro de 2011. Ele foi aprovado pela direção da unidade e no mês de novembro começávamos nossa aventura ignorante!

)

No segundo semestre de 2011 visitei Igaraçu do Tietê. Por se tratar de um cidade pequena, arrisquei uma visita ao gabinete do prefeito para apresentar o projeto. Este me acolheu muito bem e encaminhou-me para a secretária de Educação do município. Para esta fiz uma apresentação mais detalhada. Sua postura foi de abertura, mas com ressalvas. Ela questionou o cerne do projeto, a saída de campo ao rio Tietê. Que dependeria muito do coordenador pedagógico da escola escolhida, pois não é nada fácil tirar os alunos da sala de aula. Que se fosse com os professores, deveria entregar certificado, caso contrário dificilmente se disporiam a participar, etc... Deixei uma cópia do projeto para análise e voltei no mesmo dia para Rio Claro, um tanto confuso com o meu destino de pesquisador.

Ainda voltei uma segunda vez naquele ano, só que na outra margem do rio: no município de Barra Bonita. Estava sendo realizada uma homenagem ao rio Tietê, que contaria inclusive com a presença do governador do Estado. Assim, ambos os municípios, Igaraçu e Barra, se juntaram enviando os seus jovens alunos para a confraternização. Neste dia fiz alguns contatos, inclusive conheci um senhor, diretor de uma organização não-governamental, que se prontificou a arrumar uns barcos caso eu pensasse em navegar o rio com os participantes da pesquisa. Mas eu estava com o espírito intranquilo: para que eu estava me prontificando a levar pessoas ao rio que elas vêm praticamente todo dia? Que novidade proporia a elas para que se motivassem a visitar, *de outra maneira*, o rio?

Chega 2012, e com ele o segundo ano do mestrado. Já passava do tempo de

um jogador criativo. Os jogos são sociais, baseados em problemas a serem solucionados.” (KOUDELA, 2006, p.43)

iniciar os campos.

Em contrapartida, em Rio Claro, após o período das férias, voltávamos com as oficinas de jogos teatrais na unidade prisional. Era impressionante como essas atividades, que realizava em caráter voluntário, preenchia a minha semana com planejamentos e entusiasmos. Cada dia de oficina era uma gama de acontecimentos que extrapolava qualquer previsão concebível. Os reeducandos participavam com afinco, o que nos respaldava a seguirmos juntos. Muitas emoções, risos, até choro teve. Alguns deles nos diziam que, por instantes, esqueciam-se que estavam numa cadeia...

Então uma súbita iluminação clareou a minha mente: por que não incluir estas oficinas de jogos teatrais também na pesquisa do mestrado? Consultei o projeto, e em acordo com a minha orientadora, concluímos que essa iniciativa não se afastaria da proposição original: manter o rio, e o que dele adviesse, como foco do estudo.

Nova ida a Igarapu, dessa vez bem motivado. Havia marcado uma reunião com a secretária de Cultura do município. Conteí-lhe os planos e ela logo se prontificou a encaminhar. Disponibilizou o auditório municipal para as atividades e listou possíveis interessados. Ao informar que eu gostaria de trabalhar com a escola onde ocorria o ensino de EJA, passou-me o contato do coordenador pedagógico. Voltei para Rio Claro esperançoso.

Contatei o coordenador pedagógico da Escola Municipal João Tusch. Ele me informou que a secretária de Cultura já havia entrado em comunicação e que as portas da escola estavam abertas. Perguntei se eu poderia fazer uma pequena performance artística nas salas de aula quando realizasse o convite. Ele condescendeu.

Para o encerramento do ciclo de atividades educacionais e culturais da unidade prisional em 2011 foi organizada uma espécie de “formatura” para os reeducandos que concluíam cursos do SENAI, ensino fundamental e médio. Aproveitamos, Aline e eu, para fazermos uma singela homenagem aos participantes das oficinas de jogos teatrais oferecendo-lhes uma declaração escrita. Entregamos em canudos e tudo mais... neste dia, também, houve apresentação de um conjunto de chorinho. Não perdendo a oportunidade, resolvemos elaborar uma pequena peça teatral, onde Aline representava a personagem *Teatro* e eu, o *Preconceito* (o texto tinha um caráter local já que alguns reeducandos que não participavam das oficinas enxergavam-nas com maus olhos). Portanto, o personagem que eu interpretava era desagradável e assim também se trajava:



Fig. 4: Entrando no campo; acervo do pesquisador

Quando fui realizar o convite na escola em Igarapu, mantive a mesma vestimenta, mas alterei ligeiramente o personagem: era um velho e mau-humorado funcionário da Unesp, enviado até as mais distantes paragens para divulgar as obras que costumavam ficar empoeiradas nas estantes da biblioteca da universidade. Assim, eu entrava em cada sala de aula, apresentava-me e intimava um voluntário a sacar, ao acaso, algum livro de dentro de minha sacola. Eu realizava a leitura de um trecho previamente selecionado para esta pessoa, buscando os seus olhos, e depois procurava outro voluntário. Quando terminavam as leituras, me virava de costas, desmanchava o traje e oficializava o convite às oficinas de jogos teatrais. Desta maneira foi o meu primeiro contato com os que seriam os futuros e futuras participantes da pesquisa. No item seguinte, alguns dos trechos lidos.



Aqueles que mais razão têm para chorar são os que não choram nunca.

(COUTO, 2003, p. 109)

E veio nesse tempo, foi uma canoa, sem dono, varada na praia. A fim, estragada assim, rodara, de alto rio. Ele ocultou-a, levava muito, sozinho, para a consertar, com mãos de lavrador. Em mente, achava-lhe um nome:

Álvara. Depois, não quis, quando ansioso.

Queria era, um dia, que fosse, atravessar o rio, como quem abre enfim os olhos.

(GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 152)

Vai alta no céu a lua da Primavera
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.
Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelo campo,
E eu andarei contigo pelos campos ver-te colher flores.
Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a colher
[flores,

Isso será uma alegria e uma verdade para mim.

(PESSOA, 1980, p. 96)

Portanto, muitas vezes, o entendimento é desnecessário.

**POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, SE TORNA
SUPERFLUO COMPREENDER ATÉ O
QUE ESTOU DIZENDO, DADA A MINHA
CAPACIDADE DE DELÍRIO**

**Somente muito delírio pode impulsionar, hoje
em dia, as pessoas, mantê-las vivas, dando
motivo à sobrevivência**

(LOYOLA BRANDÃO, 1983, p. 321).



Fig. 5: Bom dia, boa tarde (primeiro encontro); acervo do pesquisador



Fig. 6: Hipnotismo (primeiro encontro); acervo do pesquisador



Fig. 7: Prainha do Tietê (quarto encontro); vídeo feito por participante, acervo do pesquisador



Fig. 8: Rio Tietê (quarto encontro); vídeo feito por participante, acervo do pesquisador



Fig. 9: Participante confeccionando a sua máscara; acervo do pesquisador



Fig. 10: Máscaras prontas!; acervo do pesquisador

VAPOR

Quem anda no trilho é trem de ferro

Sou água que corre entre pedras:

– liberdade caça jeito

Manoel de Barros

PRIMEIRO ATO

ANDANTE

PLATEIA

ALBERTO einstein

MANOEL de barros

PALOMAR

santo AGOSTINHO

Entra a PLATÉIA e o pano se ergue.

A cena se passa na prainha de um rio. O solo é arenoso e úmido, salpicado com folhas em diferentes estágios de decomposição. À esquerda, uns sete metros da margem do rio, espessa, segue contínua a borda da mata. Falha apenas num ponto, donde se desenha um caminho mata adentro. Numa das árvores próximas da embocadura dessa trilha está amarrada uma canoa.

Sol a pino. Surge o ANDANTE pela trilha, trazendo consigo volumosa mochila e, feita de bambu, uma vara de pescar. Arfando, alivia-se da mochila, para depois se desvencilhar das botas. Vai até o rio molhar os pés, o rosto e a nuca.

Após um certo tempo, ANDANTE se dirige à canoa e, duma breve inspeção, encontra um bilhete.

ANDANTE (lendo) – Achaste o Tietê. Cá está a canoa, podes navegar. Paire sobre as águas, deixe-se levar. Contigo trazes tua vida, tuas leituras. Encontrarás muitas outras. Viva o rio e suas personagens, viva a vida. Um Viva! À Vida! Passe a experiência e que seja ela repleta! Queremos estórias para que delas outras sejam contadas. SORTE! FORTUNA! LUZ! ABENÇOADA JORNÁGUA!

ANDANTE desamarra a canoa e a arrasta próximo da margem. Confere os

pertences da mochila, os remos, a linha e o anzol da vara de pescar e os ajeitam na canoa. Tudo pronto. Súbito, ele para. Volta o olhar para PLATÉIA. Caminha, irresoluto, em sua direção. Estanca a sua frente e sorri. Pede gentilmente a sua mão. PLATÉIA se admira, mas cede. ANDANTE conduz PLATÉIA até a margem. Com todo o corpo, gesticula que vai empurrar a canoa para o rio e quando a água estiver na altura da canela, ambos pulam para dentro. Assim o fazem. PLATÉIA se acomoda como pode e ANDANTE rema até atingir o canal do rio. Daí larga os remos, deixando a correnteza fazer o seu trabalho. Saca a vara de pescar, monta a isca com um preparado de farinha que trazia na mochila. Fica um longo tempo a pescar, trocando repetidamente a isca. PLATÉIA, ora observa, ora contempla o rio e o que acontece ao redor. ANDANTE, enfim, captura um peixe de tamanho médio. ANDANTE e PLATÉIA fazem as suas coisas, sempre em silêncio.

Entardece. ANDANTE busca uma praia adequada para o acampamento. Quando encontra, abica com a canoa na margem. Amarra-a ao tronco de uma árvore. Monta a barraca e acende uma fogueira, onde assa o peixe. ANDANTE e PLATÉIA se alimentam.

Cai a noite, lua crescente. O céu está forrado de estrelas. ANDANTE e PLATÉIA estão deitados, mirando o céu. Notam a passagem de uma estrela cadente. Caem no sono.

Momentaneamente, as luzes do cenário se apagam, tempo suficiente para causar um certo constrangimento. Quando retorna, ANDANTE e PLATÉIA estão dispostos do mesmo modo, mas agora outros personagens fazem-lhes companhia.

AGOSTINHO – Não há ninguém que queira dormir sempre. A sã razão de todos concorda que é preferível estar acordado⁸⁰.

ANDANTE – Não durmo, apenas cochilei observando as estrelas.

PALOMAR – Se ele se obrigasse a contemplar as constelações noite após noite e anos após anos, seguindo-lhes os cursos e percursos ao longo das curvas binárias da abóbada obscura, talvez chegasse por fim a conquistar ele a noção de um tempo

80 (AGOSTINHO, 1999, p. 210)

contínuo e imutável, separado do tempo transitório e fragmentário dos acontecimentos terrestres⁸¹.

AGOSTINHO – Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d'Aquele que sempre é presente⁸².

MANOEL – Eternidade é palavra encostada em Deus. Águas que sabem a pedras sabem a rãs⁸³.

ALBERTO – Não me canso de contemplar o mistério da eternidade da vida. Tenho uma intuição da extraordinária construção do ser. Mesmo que o esforço para compreendê-lo fique sempre desproporcionado, vejo a Razão se manifestar na vida⁸⁴.

PALOMAR – O universo cosmo regular e ordenado ou como proliferação caótica. O universo, talvez finito mas inumerável, instável em seus limites, que abre dentro de si outros universos⁸⁵.

AGOSTINHO – E que sou eu, ó meu Deus? Qual é a minha natureza? Uma vida variada de inumeráveis formas com amplidão imensa⁸⁶.

ALBERTO – Tem um sentido a minha vida? A vida de um homem tem sentido? Posso responder a tais perguntas se tenho espírito religioso. Mas, “fazer tais perguntas tem sentido?” Respondo: “Aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver”⁸⁷.

AGOSTINHO – Derramai uma chuva de suavidades no meu ânimo, para que possa suportar tais homens com paciência⁸⁸.

81 (CALVINO, 1994, p. 44)

82 (AGOSTINHO, 1999, p. 320)

83 (BARROS, 2010, p. 415)

84 (EINSTEIN, 1981, p. 13)

85 (CALVINO, 1994, p. 32)

86 (AGOSTINHO, 1999, p. 276)

87 (EINSTEIN, 1981, p. 13)

88 (AGOSTINHO, 1999, p. 364)

MANOEL – O mundo meu é pequeno, Senhor. Tem um rio e um pouco de árvores⁸⁹.

ALBERTO – Minha condição humana me fascina. Conheço o limite da minha existência e ignoro por que estou nesta terra, mas às vezes o pressinto. Pela experiência cotidiana, concreta e intuitiva, eu me descubro vivo para alguns homens, porque o sorriso e a felicidade deles me condicionam inteiramente, mas ainda para outros que, por acaso, descobri terem emoções semelhantes às minhas⁹⁰.

PALOMAR – O que temos em comum será justo aquilo que é dado a cada um como exclusivamente seu⁹¹?

AGOSTINHO – Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e responda-me. Mas se refletir nessa matéria e me responder o que tiver descoberto, não julgue que chegou a conhecer o que é Incomutável⁹².

MANOEL – Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo. Descobri que todos os caminhos levam à ignorância⁹³.

ALBERTO – Dependo integralmente da existência e da vida dos outros. E descubro ser minha natureza semelhante em todos os pontos à natureza do animal que vive em grupo. Como um alimento produzido pelo homem, visto uma roupa fabricada pelo homem, habito uma casa construída por ele. O que sei e o que penso, eu o devo ao homem. E para comunicá-los utilizo a linguagem construída por ele⁹⁴.

PALOMAR – Mas e se a linguagem fosse na verdade o ponto de chegada a que tende tudo o que existe? Ou se tudo o que existe fosse linguagem, já desde o princípio dos tempos⁹⁵?

MANOEL – O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz.

89 (BARROS, 2010, p. 315)

90 (EINSTEIN, 1981, p. 9)

91 (CALVINO, 1994, p. 16)

92 (AGOSTINHO, 1999, p. 384)

93 (BARROS, 2010, p. 324)

94 (EINSTEIN, 1981, p. 14)

95 (CALVINO, 1994, p. 28)

Depois árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio⁹⁶.

ANDANTE – Se o mundo não é palavra, ao menos o compreendemos pelo seu uso. Mergulhados na existência, a tudo nomeamos. Mas a palavra existe apenas quando nomeada? Se cada coisa, cada processo, cada sentimento tem o seu nome, existiria uma forma correta de se dizer algo?

PALOMAR – Nos tempos em que todos falam demais, o importante não é tanto dizer a coisa certa, que de qualquer forma se perderia na inundação das palavras, quanto dizê-la partindo de premissas e implicando consequências que deem à coisa dita seu máximo valor⁹⁷.

AGOSTINHO – Eu, sem duvidar, digo com intrepidez, do fundo do coração: se eu, elevado ao cume da autoridade, escrevesse alguma coisa, preferiria fazê-lo de tal modo que as minhas palavras proclamassem tudo aquilo que alguém pudesse conceber de verdadeiro acerca dessas coisas⁹⁸.

MANOEL – Escuto o perfume dos rios. Sei que a voz das águas tem sotaque azul. Sei botar cílios nos silêncios. Para encontrar o azul eu uso pássaros. Só não desejo cair em sensatez. Não quero a boa razão das coisas. Quero o feitiço das palavras⁹⁹.

ALBERTO – Fazer, criar, inventar exigem uma unidade de concepção, de direção e de responsabilidade¹⁰⁰.

MANOEL – Tenho um senso apurado de irresponsabilidades. Não sei de tudo quase sempre quanto nunca. Experimento o gozo de criar. Experimento o gozo de Deus¹⁰¹.

ANDANTE – Que é isto, a Deus suplico! Sonho ou realidade? Tuas vozes provocam um turbilhão na minha mente. O propósito de suas vindas é mesmo provocar

96 (BARROS, 2010, p. 321)

97 (CALVINO, 1994, p. 94)

98 (AGOSTINHO, 1999, p. 372)

99 (BARROS, 2010, p. 370)

100 (EINSTEIN, 1981, p. 11)

101 (BARROS, 2010, p. 360)

um discurso despropositado? Ou sou eu que não consigo discernir com a verdade?

PALOMAR – O fato é que mais do que afirmar sua verdade ele gostaria de fazer perguntas, e compreende que ninguém está disposto a sair dos trilhos de seu próprio discurso para responder a perguntas que, vindas de um outro discurso, obrigariam a repensar as mesmas coisas com outras palavras, e quem sabe encontrar-se em território desconhecido, distante dos percursos seguros¹⁰².

MANOEL – Só as dúvidas santificam. O chão tem altares e lagartos¹⁰³.

AGOSTINHO – Ocorreu-me ao pensamento ter havido uns filósofos chamados Acadêmicos, mais prudentes do que os outros porque julgavam que de tudo se havia de duvidar, e sustentavam que nada de verdadeiro podia ser compreendido pelo homem. Ao meu espírito, que ainda não entendia tal doutrina, parecia que tinham raciocinado com esperteza, como vulgarmente se julgava¹⁰⁴.

PALOMAR – Mas talvez seja exatamente esta desconfiança em relação aos nossos sentidos que nos impede de nos sentirmos à vontade no universo. Talvez a primeira regra que devo estabelecer seja a seguinte: ater-me àquilo que vejo¹⁰⁵.

MANOEL – Para enxergar as coisas sem feitio é preciso não saber nada. É preciso entrar em estado de árvore. É preciso entrar em estado de palavra. Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitio¹⁰⁶.

ALBERTO – Dou a isto o nome de religiosidade cósmica e não posso falar dela com facilidade já que se trata de uma noção muito nova, a qual não corresponde conceito algum de um Deus antropomórfico. O ser experimenta o nada das aspirações e vontades humanas, descobre a ordem e a perfeição onde o mundo da natureza corresponde ao mundo do pensamento. A existência individual é vivida então como uma espécie de prisão e o ser deseja provar a totalidade do Ente como um todo perfeitamente inteligível¹⁰⁷.

102 (CALVINO, 1994, p. 95)

103 (BARROS, 2010, p. 156)

104 (AGOSTINHO, 1999, p. 137)

105 (CALVINO, 1994, p. 38)

106 (BARROS, 2010, p. 363)

107 (EINSTEIN, 1981, p. 20)

AGOSTINHO – Na maior parte dos casos, a pobreza da inteligência humana manifesta-se na abundância das palavras, porque a investigação é mais loquaz no buscar do que no descobrir, o pedir demora mais do que o obter e a mão, batendo à porta, cansa-se mais do que recebendo¹⁰⁸.

PALOMAR – Aprender um pouco de nomenclatura constitui sempre a primeira medida a tomar para reter por um momento as coisas que perpassam diante de seus olhos¹⁰⁹.

AGOSTINHO – Este desejo curioso e vão disfarça-se sob o nome de “conhecimento” e “ciência”. Como nasce da paixão de conhecer tudo, é chamado nas divinas Escrituras a concupiscência dos olhos, por serem os sentidos mais aptos para o conhecimento¹¹⁰.

MANOEL – A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos¹¹¹.

ANDANTE – Basta! É muito para um céu estrelado. Tenho que refletir sobre o dito e o não-dito. A empreitada apenas se inicia, águas hão de fluir. Permitam-me que descanse.

O silêncio paira sobre o acampamento. Ajeitam-se para dormir. Apaga-se a luz.

108 (AGOSTINHO, 1999, p. 343)

109 (CALVINO, 1994, p. 68)

110 (AGOSTINHO, 1999, p. 296)

111 (BARROS, 2010, p. 340)

SEGUNDO ATO

ANDANTE

PLATEIA

MANOEL de barros

ALEX

JOÃO PAULO

LETÍCIA

MARIA LÚCIA

RAQUEL

PESCADOR UM

PESCADOR DOIS

Faz-se o dia. ANDANTE e PLATEIA despertam. Na beira do rio está MANOEL, segurando um regador e cantando.

MANOEL – De manhã, bem cedo, ele pegava de seu regador e ia
regar o rio.
Regava o rio, regava o rio.
Depois ele falava para nós que os peixes também
precisam de água para sobreviver.
Regava o rio, regava o rio*.
Perto havia um brejo canoro de rãs.
O rio encostava as margens na sua voz.
Regava o rio, regava o rio^{*112}.

Dois PESCADORES observam com curiosidade MANOEL. Um grupo de pessoas se aproxima.

ANDANTE – Que coisa é esta? Onde já se viu regar o rio?

112 (BARROS, 2010, p. 452; * No original estes versos não se repetem. Fiz assim para dar a sensação de canto.)

MANOEL – O despropósito é mais saudável que o solene¹¹³.

ANDANTE dá de ombros. Nisto chega o grupo de pessoas que estava distante. Os pescadores também se juntam ao grupo. PLATEIA acompanha de perto.

MANOEL – Os homens deste lugar são uma continuação das águas¹¹⁴.

MARIA LÚCIA – Vocês não são daqui?

ANDANTE – Eu vim de longe.

PESCADOR UM – Nós somos de Jaú.

ANDANTE – ... e vem aqui pescar?

PESCADOR DOIS – A gente adora, é muito bom.

PESCADOR UM – Eu tenho uns parentes em São Paulo, eles olham isso aqui e ficam abismados. Sério mesmo. Eles veem o Tietê de lá e veem o Tietê daqui e falam: “não acredito!”

ANDANTE – E é o mesmo rio, né?

PESCADOR UM – É o mesmo rio, mas tem que cuidar, a gente cuida. Tudo que a gente vê na barranca de rio a gente cate e leva. Não sei porque, a gente tem esse defeito (risos).

JOÃO PAULO – Me preocupo com a diversidade do rio, mas também como uma forma de conscientizar as pessoas da importância que o rio tem, não só para mim, mas para todo mundo. E todo mundo respeita o rio. Se a pessoa for pescar, por exemplo, na margem de um rio, depois que terminou a pescaria recolher as suas sujeiras, sacolinhas que elas deixaram os dejetos, levar embora, não deixar ali, porque ali acaba o vento

113 (BARROS, 2010, p. 338)

114 (*Ibid*, p. 199)

levando para dentro do rio, acaba poluindo o rio... eu penso isso.

PESCADOR DOIS – A gente leva. Entrando na água o lixo corre.

ALEX – Olha, eu queria limpar o rio. O Tietê, assim, está muito sujo... Porque tem uma barraca ali perto, que joga muita gordura no rio... Que se limpar, a água vem limpa... O que as pessoas jogam dentro da pia, caí tudo no rio... assim, ó... tudo sujo... Daí uma pessoa toma banho, passa tudo doença... não é? Doença de pele... Então, não estão respeitando o rio, não...

PESCADOR UM – A gente gosta, a gente preserva. Se não preservar hoje, como que você vai pescar amanhã? Só da gente passar o dia aqui já tira toda coisa ruim que tem no caminho.

JOÃO PAULO – Às vezes nem precisa pescar, né?

MANOEL – Não saio de dentro de mim nem pra pescar¹¹⁵.

ANDANTE – E o que é o rio para vocês?

PESCADOR UM – : É tudo, né velho? Tudo o que tem de bom é isso aqui. Não pode perder isso aqui nunca. Nunca... Isso aqui é uma água doce que, no futuro, se não preservar vai faltar...

PESCADOR DOIS – Eu não sei se chega a responder, mas a gente tem um monte de problemas, corriqueiros, do dia a dia, né... você chega aqui e descarrega tudo, esquece dos problemas, sei lá. Você se renova, carrega de novo para enfrentar a vida na frente. Aqui, é só eu e ele, companheiros de pesca.

RAQUEL – Eu gosto de ficar vendo as barquinhas passando. Eu vou lá na prainha nadar e ficar vendo a paisagem.

ALEX – Olha, eu nunca entrei no rio, eu nunca entrei em praia, em toda a minha

115 (BARROS, 2010, p. 346)

vida. Daí fomos em Santos. Nunca fui em Santos em minha vida, nunca fui... a primeira vez que fui lá, tomei banho gostoso... Em Santos, muito salgada a água, né?! Primeira vez que fui lá. Podia voltar mais vezes. Nunca mais fui...

ANDANTE – E no geral, assim, para a cidade, o que vocês acham que o rio representa?

ALEX – Serviço, emprego.

LETÍCIA – Vida.

JOÃO PAULO – Eu acho que para a maioria significa diversão, lazer. Turismo. Mas, assim, não é só isso, né? Economia também. Porque aqui é onde a gente tem a hidrovia Tietê-Paraná. Então aqui passam diversas barcas.

ANDANTE – Vocês entram no rio?

MARIA LÚCIA – Não. Nunca mais entrei no rio...

JOÃO PAULO – Não... é raro entrar.

ALEX – Também não.

ANDANTE – Mas por qual razão?

RAQUEL – Porque eu tenho medo de água.

ALEX – Porque a água é funda.

JOÃO PAULO – Não sei qual é a qualidade da água.

ANDANTE – E como era o rio na época da infância?

MARIA LÚCIA – Eu convivi muito tempo na beira do rio, e tenho a impressão de

que não é mais o mesmo rio da minha infância. O cheiro do rio é diferente. O formato do rio é diferente. E o que eu sinto falta, que nunca mais vi, nem vou ver, é a vegetação que tinha na margem do rio. Tinha pés de frutas. Ingá...

JOÃO PAULO – Era onde eu me divertia nos finais de semana. Quando meu pai vinha para pescar, eu aproveitava e nadava no rio.

RAQUEL – Nos ficávamos na beira do rio assando carne, peixe; as meninas ficavam nadando.

MARIA LÚCIA – Para mim é sempre o rio prazeroso. Felicidade, eu era a última a vir, porque morava literalmente na beira do rio. Todas as enchentes que tinha, eu chegava na janta só. E depois que a água baixava, ficavam lagoas. Eu ficava direto, todos os dias na beira do rio, sempre tinha uma cúmplice, sempre escondido, né? Chegava escondida, depois voltava, apanhava, e no dia seguinte estava lá de novo.

MANOEL – Quando menino encompridava rios¹¹⁶.

ANDANTE – Ocorreu-me que a partir dessas histórias poderíamos construir juntos uma peça de teatro, tendo o Tietê como pano de fundo. O que vocês acham?

As pessoas se entreolham e acenam que sim.

MANOEL – Pois que inventar aumenta o mundo¹¹⁷.

Fecha-se as cortinas.

116 (BARROS, 2010, p. 288)

117 (*Ibid*, p. 362)

TERCEIRO ATO

ANDANTE

PLATEIA

MARIA (LETÍCIA)

ZEQUINHA (JOÃO PAULO)

VÔ ANTÔNIO (ALEX)

VÓ EMELINDA (MARIA LÚCIA)

CRIANÇA (RAQUEL)

ANDANTE e PLATEIA se acomodam na terceira fileira do teatro.

Ergue-se o pano. O mesmo Tietê, mas agora ele ocupa a parte imediatamente à frente do palco. Ao fundo uma casa de alvenaria antiga. Do lado direito, por detrás, uma espécie de divisória separa este canto da cena do restante do cenário. É um quartinho com coisas entulhadas. Nele surge uma CRIANÇA.

A CRIANÇA remexe numa pilha de livros, até que se encanta com um deles. Acomoda-se e começa a ler.

CRIANÇA (lendo) – Querido diário, hoje aconteceu uma grande aventura, comigo e com o Zequinha, vou contar direitinho. Como todos os dias, o vô Antônio, assim que acordou, foi até o rio encher os dois latões. Isto é importante, porque tudo o que fazemos em casa é com esta água: bebemos, tomamos banho, e a vó Emelinda cozinha com a água do rio. Ele é bem pertinho de casa, quer dizer, nossa casa que é pertinho do rio. Estava tudo normal, eu e o Zequinha tomávamos o café da manhã, a vó cuidava dos bichos e o vô trabalhava na horta. Assim que terminamos o café, chamei o Zequinha para brincar no rio.

Conforme a CRIANÇA lê, os demais atores entram e executam a cena de acordo com a leitura. Quando termina este trecho, a CRIANÇA continua a folhear o livro, mas o

plano das ações voltam para as outras personagens.

VÓ EMELINDA – Espera! Cuidado crianças! Esse rio tem grande segredos!

ZEQUINHA – Que segredos pode ter um rio, vovó?

MARIA – Rio é tudo igual!

VÓ EMELINDA – O Tietê é fundo, tem muitos buracos. Vocês podem cair e nunca mais voltar. O rio é perigoso!

VÔ ANTÔNIO – Crianças, ouçam a sua avó!

ZEQUINHA e MARIA olham admirados entre si, depois para a VÓ EMELINDA, dão de ombros e vão para a beira do rio.

MARIA – Zequinha, vamos nadar lá no fundo?

ZEQUINHA – Não Maria, eu tenho medo! Você não ouviu o que a vó falou? Não vai lá pro fundo!

MARIA – A vó tá caduca, não acredita nela não!

MARIA entra no rio e vai para o fundo.

MARIA – Nossa!!! Zequinha, vem aqui ver o que encontrei!

ZEQUINHA – Eu não! Eu não vou aí não! Até de chuveiro eu tenho medo!

MARIA – Deixa de ser cagão Zequinha! Tem um peixe muito grande nadando aqui debaixo de mim!

ZEQUINHA – Não Maria, eu tenho medo, ele vai me morder!

Passa um tempo, MARIA encontra uma passagem secreta.

MARIA – Zequinha! Vem aqui! Parece que tem uma passagem secreta onde estou!

ZEQUINHA – Deixa de mentir, Maria, onde já se viu passagem secreta dentro de um rio! Você está assistindo muito desenho animado!

MARIA – Ah, é?! Já que você tem medo, eu vou passar sozinha!

ZEQUINHA – Não! Me espera que eu to indo!

ZEQUINHA entra no rio, MARIA passa primeiro.

MARIA – Nossa, que fedido que está aqui! Vamos subir para ver o que a gente encontra!

ZEQUINHA – Credo, quanto lixo! Está tudo diferente!

MARIA – Olha, cadê nossa casa? Tem uma rua no lugar dela!

ZEQUINHA – Maria, vamos embora, do outro lado da passagem é mais legal!

MARIA e ZEQUINHA voltam para contar a novidade para os avós.

VÔ ANTÔNIO – Crianças, vem comer!

MARIA E ZEQUINHA – Vó! Vô! Vocês não acreditam no que aconteceu...

Gesticula e finge que falam mas sem emitir som. Aos poucos a iluminação sobre eles recai, até apagar. O plano das ações retorna à CRIANÇA.

CRIANÇA – Mas a estória acaba aqui... Ué, termina nada, a última página está rasgada!

MARIA ADULTA – Filha, que está fazendo?

CRIANÇA – Mamãe, olha o livro que encontrei!

MARIA ADULTA – É o meu diário quando criança! Aonde o encontrou?

CRIANÇA – Nesta pilha, junto com os livros velhos! Mamãe, vamos visitar a bisá?
Quero conhecer o rio!

MARIA ADULTA – Mas que boa ideia! Ela vai ficar contente!

As personagens saem de cena. As cortinas se fecham.

ANDANTE – Então é isso. O que achou da estória?

PLATEIA – ...

ANDANTE – E pensar que falta a última página. Gosto deste recurso, deixar as coisas abertas. Aí vai da imaginação de cada um...

PLATEIA – ...

ANDANTE – E a você, que me acompanhou durante todo o percurso, sou-lhe grato. Pudera tenha sido tão fabuloso quanto o foi para mim. Opa! precipito-me. As sensações cabem a ti, empregue os adjetivos que queira para nomeá-las.

PLATEIA – ...

ANDANTE – Vejo que vai findando o meu tempo por aqui. Resta-me o retorno. Ainda tenho que redigir um relatório dessas nossa aventuras para a Ordem da Educação Aventuresca, da qual faço parte. Que tal se juntar a nós?

PLATEIA – ...

ANDANTE e PLATEIA se despedem com um abraço. Cada um saí por um lado do teatro.

EPÍLOGO

Botou o rio no bolso e saiu correndo...

Pega! Pega!

Manoel de Barros

Dentre os maiores desafios ao longo do mestrado, elejo o que mais me encucou: decifrar o que queria minha orientadora quando dizia que a metodologia do trabalho era o rio. Mas não seria ele o objeto de estudo? Vai que fosse até o sujeito da pesquisa, mas logo a metodologia? Como assim?!

Isto ela dizia ainda nas primeiras reuniões, quando cursava as disciplinas obrigatórias. Evidentemente, naquela época ignorei a sentença, pois estava para além da minha compreensão metodológica.

O tempo passou, muitas coisas foram revistas e o próprio projeto ia se metamorfoseando. Mas a pulga continuava atrás da orelha. Como num circo destes insetos, a Maria Rosa se lhe demonstrava excelente domadora.

Enfim, como num estalo, após o exame de qualificação, a ideia surgiu: se não como metodologia do trabalho, mas como meio da escrita – o rio!

Daí que surgiram as duas partes do trabalho: *Líquido e Vapor*.

A parte líquida flui com mais rigor, tem um plano de condução e suas margens delineiam o caminho das palavras (ainda que uma enchente possa provocar a vazão por todos os lados). Se me perguntassem como é este rio eu diria: “*algo entre profundamente raso a razoavelmente profundo*”.

Aparentemente, consigo a façanha de tratar de inúmeras questões e não aprofundar nenhuma. Seria de grande mérito se não fosse uma dissertação de mestrado. Isto aqui pode ser considerado pesquisa? Está sendo feita a ciência? Estas foram outras indagações que me acompanharam ao longo do processo.

Autocríticas à parte, devo dizer que embora árduo, foi uma prática de intensa liberdade em busca do conhecimento e da conquista para a contínua formação. Numa relação de trabalho marcada pela cumplicidade, nunca ouvi um NÃO! da parte de minha orientadora para as traquinagens que propunha. Assim, pude aproveitar o meu histórico pelas exatas e biológicas, além das humanas nas quais me concentrava, para confluir rio com tempo com física com evolução com história com...

Outra tentação foi mexer com alguns “tabus” da ciência: por que não evidenciar a subjetividade da parte de quem escreve? Não sou neutro, a minha escrita revela o meu posicionamento, mesmo que ele seja vago. Por que tanto medo em lidar com o sagrado? Será a ciência necessariamente profana? Uma coisa está desvinculada da outra? Creio que não. Pretendi não ofender nem favorecer qualquer religião. Mas como humano que sou, é natural que me intrigue questões concernentes à existência do cosmos; não é

apenas a ciência que responde tais coisas. Será preciso, enquanto cientista, enquanto educador, vendar os olhos, ignorar, ocultar as outras leituras de mundo?

Assim exposto, a parte líquida tratou basicamente de quatro pontos: formação, experiência, memória e linguagem, que não coincidentemente correspondem aos conceitos que norteiam a linha de pesquisa do programa de pós graduação. É nesta esfera que as histórias foram contadas: as minhas, as de outros e outras com quem convivi, as que tomei conhecimento pelos livros.

Na parte gasosa do trabalho dediquei-me a produzir uma peça de teatro. Bom, se por aqui houver algum dramaturgo, ou aficionado pelas artes dramáticas, pegue leve. Foi a maneira que encontrei para juntar as vozes dos participantes da pesquisa e dos autores a quem me refiro numa esfera comum. Como dito anteriormente, esta atividade de “cortar e colar” citações de modo a encaixá-las num diálogo empolga-me deveras. Denomino-a *Vapor*, por que quando um líquido evapora, numa panela, por exemplo, tão logo vemos a fumaça como ela desaparece. Então, quando olhamos uma nuvem, não sabemos de onde vem essa água que nos sobrevoa. Assim foi a escrita: uma mistura dos diversos temas abordados sequenciadamente ao longo do rio, em poucas palavras, num diálogo franco e direto. As personagens escolhidas, Einstein, Agostinho, Palomar e Manoel de Barros, podem parecer aleatórios, mas não são: um físico que discute sobre o mundo (humano) que vê; um teólogo que se inquieta sobre questões proeminentemente científicas; um senhor obcecado por observar e compreender as coisas; outro senhor observador que com o seu faro poético transloca as coisas. Sinto que em mim existe um pouco de cada um, em proporções quase equitativas.

Ainda não me detive nas personagens que conheci ao longo do Tietê. Farei uma breve descrição de como as coisas se sucederam. Após a visita à escola em Igarapu, reservei o anfiteatro municipal com a Secretaria de Cultura para as oficinas de jogos teatrais, o qual batizei “Grupo de Experimentação 'Narrativas no rio Tietê’”. O primeiro encontro ocorreu no dia 22 de setembro de 2012. A expectativa era grande porque eu não sabia se haveria procura ou não para as oficinas. Compareceram 12 pessoas, sendo 3 professores da rede de EJA, 5 alunos de EJA e 4 pessoas ligadas à pasta de Cultura do município.

Por se tratar de um primeiro encontro, a primeira atividade foi a apresentação do projeto por mim e as demais coordenadoras, Aline e Larissa. Informamos-lhes quem éramos, a experiência que desenvolvíamos na unidade prisional do interior paulista e noções básicas sobre o teatro. Indagamos-lhes sobre a expectativa que tinham quanto ao

projeto e o que entendiam sobre teatro. Em todas as oficinas de jogos teatrais que desenvolvemos, os minutos iniciais são dedicados a prática de alongamento e aquecimento do corpo, como entrada a uma outra forma de linguagem: o corpo deslocando-se pelo espaço.

Nos três primeiros encontros concentramos as atividades em jogos para desinibição e reconhecimento do grupo. Algumas atividades foram fotografadas com o consentimento dos participantes. A descrição das atividades estão no Anexo A.

O quarto encontro foi realizado às margens do rio Tietê. Incumbi os participantes da pesquisa a entrevistar as pessoas que estavam visitando o rio naquele dia. Os registros foram coletados utilizando-se dois gravadores de áudio e duas câmeras filmadoras. Antes de se iniciar qualquer entrevista, pedimos autorização ao entrevistado. A transcrição completa encontra-se no Anexo B. Dessa transcrição retirei elementos para construir o segundo ato da peça.

O quinto encontro foi realizado num parque municipal situado às margens do Tietê. Desta vez restringimos as atividades apenas para o grupo de participantes da pesquisa. Realizamos alguns jogos teatrais na primeira parte do encontro. Na segunda parte, com atividades mais reflexivas e introspectivas, buscamos levantar elementos da relação que os integrantes mantêm com o rio. Esta segunda parte teve o áudio gravado, e a transcrição completa encontra-se no Anexo C.

A última atividade deste quinto encontro resultou da proposta aos participantes a contarem uma estória de improviso. Alguém começava e outro dava continuidade, alternando o narrador. Basicamente é o que vemos no terceiro ato da peça. Algo que no momento mesmo da atividade me emocionou, pela coincidência, foi que ao nomearem as personagens, Vó Emelinda e Vô Antônio, sem que o soubessem, era atribuído a elas os nomes dos meus avós, que viveram em Igarçu, Emelinda Tozzato e Antônio Joaquim. Não tenho dúvidas que eles “pairavam” por ali. Estavam presentes, pois suas almas habitam no meu coração.

Com estes cinco encontros encerramos o ano de 2012. Até hoje o grupo está ativo. Comprometi-me, junto aos participantes, a permanecer com ele até ao menos apresentarmos o terceiro ato. No momento, nossas atividades concentram-se no ensaio da peça e na construção do cenário.

Há de terminar. Entrego um texto que sinto inconcluso. Mas não há outro jeito, prazos existem. Se não os houvessem, talvez nunca entregasse. São questionamentos que permanecem comigo. Encontrar-me-ei com o ponto final?

... há ocasiões na vida em que devemos deixar-nos levar pela corrente do que acontece, como se as forças para lhe resistir nos faltassem, mas de súbito percebemos que o rio se pôs a nosso favor, ninguém mais deu por isso, só nós, quem olha julgará que estamos a ponto de naufragar, e nunca a nossa navegação foi tão firme.

Jose Saramago

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, São Paulo: Paulos, 1990.
- BOAL, A. **Técnicas latino-americanas do teatro do teatro popular**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BORGES, J. L. **Cinco visões pessoais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, I. **Fábulas italianas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALVINO, I. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMARGO, M. R. R. M., JOAQUIM, F. F. Quem é quem na aventura do texto? In: Miguel, J. C., CAMARGO, M. R. R. M. **A educação de pessoas adultas em capítulos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 159 -169, 2012.
- CAMARGO, M. R. R. M. Uma aprendizagem... modos de ler ou de como se faz uma escrita de si. In: CHALUH, L. N. **Escola Universidade. Olhares e encontros na formação de professores**. São Carlos: Pedro e João editores, p. 67 – 76, 2012.
- CAMUS, A. **A peste**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CARDOSO, C. F. S. **Sociedades do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- CERVANTES, M. S. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- CONELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Teachers as curriculum planners: narratives of experience**. New York: Teachers College Press, 1988.
- CONELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. *Relatos de experiencia e investigación narrativa*. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente: ensaios sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laestes, p. 11 - 59, 1995.
- COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras,

1994.

EINSTEIN, A. **Como vejo o mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FLORENCE, H. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. São Paulo: Melhoramentos, 1941.

FONTANA, J. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. A linguagem ao infinito. In: _____. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 47 – 59.

GOMBRICH, E. G. **Breve história do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUIMARÃES ROSA, J. **Tutaméia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KOUDELA, I. D. **Jogos Teatrais**. 6. ed. São Paulo: Perspectivas, 2006.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr 2002.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEAKEY, R. E., LEWIN, R. **Origens**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

LEAKEY, R. E. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LOYOLA BRANDÃO, I. **Não verás país nenhum**. 8. ed. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

MAZOYER, M., ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

NEWTON, I. **Princípios matemáticos da filosofia natural**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PEIXOTO, F. **O que é teatro**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PESSOA, F. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte; Autêntica, 2002.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SARAMAGO, J. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SPOLIN, V. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. 2. ed. São Paulo: perspectiva, 2008.

TEIXEIRA, W., FARCHILD, T. R., TOLEDO, M. C. M., TAIOLI, F. **Decifrando a Terra**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

TZU, L. **Tao-te King**. São Paulo: Editora Pensamento, 2004.

ANEXO A - DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Primeiro Encontro

1.1 - Bom dia, boa tarde: os jogadores devem se cumprimentar, com apertos de mãos e a saudação "Boa tarde, Fulano". Só pode soltar a mão deste após cumprimentar outro(a) jogador(a)¹¹⁸.

1.2 - Ruas e Vias: Formam-se fileiras entre os jogadores, mantendo os braços esticados. Dois jogadores são separados: um é o gato e o outro o rato. Aos comandos "ruas" e "vias", os jogadores alternam giros de 90 graus, alterando os caminhos por onde gato e rato podem seguir. Cabe ao gato caçar o rato¹¹⁹.

1.3- Caminhando pelo espaço:

1) Realizar o oposto à ordem de comando: Parou, andou; pulou, bate palma; gritou, sussurrou.

2) Congelar com emoção (surpresa, medo, felicidade, apaixonado, sono, tristeza, raiva, vergonha).

1.4- Hipnotismo: movimentar a cabeça de modo a acompanhar a palma da mão do outro(a) jogador(a)

1) um hipnotizador, um hipnotizado;

2) ambos se hipnotizam e são hipnotizados;

3) um hipnotiza, dois são hipnotizados;

4) em roda, todos hipnotizam e são hipnotizados¹²⁰.

1.5- João-bobo: como a brincadeira infantil, um(a) jogador(a) deixa o seu corpo ser guiado e sustentado pelos seus companheiros.

1) Em trios;

2) Em roda¹²¹.

1.6- Senhor Cidadão (arranjo e letra de Tom Zé)

1) Frases em papel cartão são distribuídas entre os jogadores;

2) Caminhando pelo espaço, é pedido aos jogadores que expressem suas frases quando acharem oportuno;

3) É solicitado aos jogadores que alterem a entonação da frase a cada nova repetição;

118 (BOAL, 2011, p. 118)

119 (SPOLIN, 2008, p. A44)

120 (BOAL, 2011, p.91)

121 (*Ibid.* p.95)

4) Os jogadores tentam montar a ordem correta da música.

1.7 - Leitura e curingagem (interpretação onde os atores se revezam nos papéis dos personagens) da fábula italiana "A terra onde não se morre nunca" editada por Italo Calvino¹²².

Finalizamos as atividades com uma conversa em roda para que os participantes dessem suas impressões gerais sobre o encontro.

Segundo Encontro

Também realizado no auditório municipal, no dia 06/10/2012. Encontro com atividades filmadas e fotografadas com o consentimento dos participantes.

2.1 - Movimento que retorna: em disposição circular, de olhos fechados, faz-se um movimento com as mãos nas costas do(a) jogador(a) da frente, que tenta repetir o mesmo movimento no seguinte. Continua até completar a roda. O último fez o mesmo movimento que o primeiro?¹²³

2.2- Quem inicia o movimento? : um(a) jogador(a) sai da roda e aguarda instrução para que retorne. Alguém é escolhido para que inicie o movimento que todos devem repetir. O(A) jogador(a) retorna e tenta adivinhar quem é que inicia o movimento.

2.3- Andando no espaço: quando alguém para, todos devem parar. Quando alguém se movimenta, todos devem se movimentar; Maior e menor ser do mundo; mais leve, mais pesado.

2.4- Dinâmica para separação de grupos: de um lado os que se consideram bonitos, do outro, os feios; ricos e pobres; burros e inteligentes; vencedores e fracassados.

2.5 - Batalha de espadas: dois grupos, um líder para cada. De acordo com o movimento que o líder inimigo realiza, os demais tem que esquivar¹²⁴.

2.6 - Diálogo em ritmo: dois grupos, um líder para cada. Os líderes realizam um som, alternadamente, e os membros de seus times devem repetir¹²⁵.

122 (CALVINO, 1996, p. 88 - 90)

123 (BOAL, 2011, p.108)

124 (*Ibid*, p.115)

125 (*Ibid*, p.137)

2.7 - Floresta de sons: em duplas, um líder de olhos abertos emite um som, repetidamente, e seu parceiro(a) deve segui-lo de olhos fechados¹²⁶.

2.8- Câmera lenta: movimentos lentos andando pelo espaço; andando em onda; apostando corrida¹²⁷.

Terceiro Encontro

O terceiro encontro foi realizado na residência onde meus avós paternos criaram os seus filhos. Teve um significado muito especial para mim.

3.1 – Andar pelo espaço: Onde/Quem/O que

Os jogadores deviam caminhar alternando o comportamento de acordo com as instruções dos coordenadores.

Ex: Onde (num shopping, numa floresta); Quem (idoso, atleta). O que (tomando banho, cuidando do jardim)

3.2- Circulo com as mãos, nós humanos.

Como preparação, faz-se uma roda elástica. Os atores se dão as mãos, formando uma roda. O desafio é ficarem todos de costas para o centro da roda sem soltar as mãos¹²⁸.

3.3- Chuva italiana.

Em círculo, os jogadores simulam, com a voz e os movimentos dos braços e do corpo, o som da chuva que se transforma em tempestade e depois em bonança¹²⁹.

3.4 Construindo uma história.

Grupo sentado em círculo. O coordenador escolhe um jogador que iniciará contando uma história, que pode ser conhecida ou inventada. A qualquer momento, o coordenador escolhe outro jogador que deve continuar a história, no ponto onde parou¹³⁰.

3.5 Blablação: Português

Em duplas, os jogadores iniciam uma conversa. Quando o coordenador passa a instrução “Blablação!”, os jogadores devem falar numa língua inexistente. Quando da instrução “Português!”, voltam a falar na língua materna como se o diálogo não houvesse sido interrompido¹³¹.

126 (*Ibid*, p.155)

127 (*Ibid*, p.103), (SPOLIN, 2008, A56)

128 (BOAL, 2011, p. 96)

129 (*Ibid*, p. 145)

130 (SPOLIN, 2008, p. A76)

131 (*Ibid*, p. A88)

3.6 Blablação: Intérprete

Em duplas, um jogador ministra uma palestra em Blablação. O outro membro tem que realizar a tradução em português do que foi dito pelo parceiro¹³².

132 (Ibid, p. B17)

ANEXO B – ENTREVISTA DE CAMPO – QUARTO ENCONTRO

Maria Lúcia: Vocês não são daqui?

Entrevistado1: Nós somos de Jaú

Eu: Aí vem para cá pescar?

Entrevistado1: Ah, a gente adora aqui.

Entrevistado2: A gente adora, é muito bom.

Entrevistado1: Eu tenho uns parentes em São Paulo, eles olham isso aqui e ficam abismados. Sério mesmo. Eles veem o Tietê de lá e veem o Tietê daqui e falam: “não acredito!”. Que o Tietê de lá é o mesmo Tietê daqui...

Eu: E é o mesmo rio, né?

Entrevistado1: É o mesmo rio, mas tem que cuidar, a gente cuida. Eu e ele a gente leva... tudo que a gente vê na barranca de rio a gente cata e leva... não sei porque, a gente tem esse defeito (risos).

Entrevistado2: A gente leva... entrando na água o lixo corre...

Entrevistado1: Nada, nada, nada... o lixo está ali... até este balde é próprio para isto: é lixo.

Maria Lúcia: Vocês levam o lixo de vocês...

Entrevistado1: O nosso lixo e se a gente achar algum, a gente leva também... é muito bom, porque isto aqui é uma riqueza inexplicável para mim...

Eu: Quais peixes vocês pescam aqui?

Entrevistado1: Ah rapaz... mandeúva, pacú, piranha...

João Paulo: Eu conheço esses peixes também...

Maria Lúcia: Eu conheço lambari só...

Entrevistado1: A gente gosta, a gente preserva, é muito bom. Se não preservar hoje, como que você vai pescar amanhã? Como que o seu filho vai pescar amanhã? Só da gente passar o dia aqui já... tira toda a coisa ruim que tem no caminho...

João Paulo: Às vezes você nem precisa pescar, né?

Entrevistado1: A gente parte daqui até o frei galvão... o frei galvão não... lá em cima... o Vale Verde...

João Paulo: Ah, o Vale Verde.

Entrevistado1: Vai com o carro até lá no Vale Verde. Sai por cima aqui, ó... muito chique. Se pegar todo o Tietê, é muito chique.

Maria Lúcia: Vocês tem rancho lá no Vale Verde?

Entrevistado1: Não, nos não temos rancho. Nós “vira” assim de barranco mesmo.

Maria Lúcia: Só pela barranca?

Entrevistado1: Só vive de barranca. Nós somos pescadores de barranca.

Eu: É mais legal, né?

Entrevistado1: Ah.... barco é bom para quê? Para passear. Você vê o que tem de “mão” aqui... para passear. Se você descer aqui vai até o Frei Galvão, lá embaixo. Já foi lá para o lado do Frei Galvão?

Eu: Não.

...

Maria Lúcia: E a paisagem vai mudando de acordo com...

Entrevistado1: É muito chique! Se você passar só para passear aqui, ó... você para em qualquer lugar... só... vendo a natureza.

Eu: E o que é o rio para você?

Entrevistado1: É tudo, né velho? Tudo o que tem de bom é isso aqui... Não pode perder isso aqui nunca. Nunca... Isso aqui é uma água doce que, no futuro, se não preservar vai faltar... não posso não estar vivo, tenho quarenta e seis anos... (risos)... eu não sei se daqui trinta anos... a estatística de vida é oitenta...

Entrevistado2: Oitenta e seis...

Maria Lúcia: Você acha que o cidadão tem que deixar por conta do governo tomar a iniciativa...

Entrevistado1: que é isso, governo???

Maria Lúcia: ... cada cidadão tem que fazer a sua parte...

Entrevistado1: o governo é como nota fiscal paulista... ele quer tomar conta da sua vida, mas você não pode tomar conta da vida dele.

(RISOS GERAIS)

Entrevistado1: Não é verdade??: “quer nota paulista?” . Quer nota paulista para te jogar na boca do leão...

Maria Lúcia: Você acha que atitude tem que ser de cada um...?

Entrevistado1: Cada um... cada um que vem aqui na barra do rio tem que ter a sua atitude. Atitude própria. De preservar o que se tem de bom. Se você não cuidar, nem ele cuidar, nem ele cuidar, como é que vira isso aqui? É a mesma coisa que se for a sua casa. Se você não lavar uma louça, se você não limpar o chão, se você não lavar uma roupa, como é que fica? Como é que fica a sua casa? De pernas para o ar, não fica? Então, é a mesma coisa. É o sentido de vida fácil que têm que resolver. O sentido é simples: se você não cuidar do que tem... quem é que vai cuidar, seu vizinho? Seu amigo que está do lado? Ninguém. É você quem tem que cuidar. Você não está fazendo entrevista, para quê? Qual o seu intuito de fazer essa entrevista? Agora eu quem estou perguntando para você. Qual o intuito de fazer... eu falei até agora, agora é você quem vai falar!

Eu: tá, eu vou falar. (risos)

Entrevistado1: Então fala, fica a vontade! Qual o intuito da sua entrevista?

Eu: Então... eu vim oferecer para eles aqui uma oficina de teatro. Nós vamos escrever uma história a partir do rio, da impressão que eles, e que as pessoas têm. Então a ideia é, daqui um tempo, vir encenar uma peça aqui para as pessoas também terem...

Entrevistado1: Eu também fiz teatro lá em Jaú, lá no teatro municipal... eu fiz muito teatro também. É muito bom. Sua mente faz assim, ó... ela é assim e faz assim, ó...

Eu: É, né?

Entrevistado1: Teatro é bom, ela faz assim com a sua mente... Você vê tudo. E o que você ensina ali, poucas pessoas percebem.

Eu: É um processo para cada um, né?

Entrevistado1: Não é “vero”? É... é vero! Até isso aí... você está fazendo uma coisa.... aí você vai fazer uma encenação em cima disso?

Eu: É. Mas que ainda vai surgir... nós estamos juntando elementos para... tua conversa pode influenciar no roteiro que nós vamos escrever, entendeu?

...

Eu: Deixa eu perguntar, você me disse que tem duas coisas que têm adoração: a primeira é a família e a segunda é esse rio, não é? E porque que é esse rio aqui?

Entrevistado2: Eu não sei se chega a responder... mas a gente tem um monte de problemas, corriqueiros, do dia a dia, né... você chega aqui e descarrega tudo, esquece dos problemas, sei lá... você se renova, carrega de novo para enfrentar a vida na frente.

Aqui, é só eu e ele, companheiros de pesca.

Entrevistado1: Somos parceiros de pesca.

João Paulo: Aqui vocês contam o que aconteceu durante a semana...

Entrevistado2: É mais ou menos assim.

Entrevistado1: Ah é!! troca umas ideinhas...

Entrevistado2: Se tem algum problema eu desabafo com ele, ele desabafa comigo...

Entrevistado1: Fica entre nós, é muito bom.

Entrevistado2: A partir de segunda-feira a gente está renovado. Já está preparado para...

Entrevistado1: É muito bom!

...

Brauliana: Vocês pescam por lazer aqui?

Entrevistado2: É... só para passar umas horas...

Entrevistado3: Eu fui nascido e criado aqui. Nunca morei duas ruas do rio para cima. Sempre na rua da beira do rio, desde que nasci. Então, o rio para mim... cidade que não tem rio, para mim não é cidade (risos). Acostuma, né? Eu gosto de navegar, essas coisas eu gosto tudo. Só não gosto de pescar. Mas de navegar, assim, eu gosto. Nadar... por mais que a turma fale que é poluído, por mim... a gente conhece a cor do rio, por exemplo, que estamos acostumados aqui, quando o rio está poluído a gente conhece pela cor da água, ela fica bem mais escura. Aí eu não entro. Mas depois das enchentes, assim que lava, que ela volta, aí... é normal.

Eu: Agora tá bom para nadar?

Entrevistado3: Tá bom! A água tá boa, tá limpa. Agora, a hora que começar a vir de São Paulo aquelas enchentes, que vem e ele solta, aí é poluído. Daí vem uma água preta, escura... entendeu? Você percebe a cor dele, o cheiro...

Eu: Você consegue perceber, então, a cor, o cheiro...

Entrevistado3: Consegue! É porque fica um cheiro tipo amoníaco, fica um cheiro forte. Ele muda.

Eu: E você sempre viveu aqui, nessa região?

Entrevistado3: Cinquenta e seis anos.

Eu: Conhece bem o Tietê, então?

Entrevistado3: Putz grilo! Nossa! Aqui, antes de ter essa praia a gente já vinha nadar, aqui era tudo... cerâmica. Do outro lado, você não viu que estão tirando argila? Aqui era tudo cerâmica.

...

Eu: Você chegou a acompanhar a construção da eclusa? Ou ela já estava...

Entrevistado3: Não... a construção da eclusa sim, porque... isso aí já estava meio que pronto. Daí fizeram só a parte de lá.

Eu: A barragem já tinha sido feita?

Entrevistado3: A barragem... eu sou de 1956, a barragem, se eu não me engano, começou em 59, 60, uma coisa assim... eu lembro assim: eu era criancinha, devia ter uns 6 ou 7 anos, e meu pai tinha um barco, e era na frente dos hotéis, ali na Barra. Então, virava 24 horas o barco. Aquela peãozada, de barragem, que tem os turnos de doze horas... então não parava, e meu pai tinha ali na saída da ponte velha...

...

Eu: O que o rio Tietê representa para você?

Entrevistado3: Hoje para mim ele só representa lazer; mas quanta gente usou o rio como fonte de renda. O Lauro mesmo até hoje usa o rio como fonte de renda, tem uma família, tem caminhão que leva peixes para São Paulo. Isso aqui, a uns dois, três anos atrás, saía, só para você ter uma ideia, da ponte do rio Piracicaba, até a barragem de Bariri, saía 60 toneladas de peixes todos os dias!!! Tilápia... era um inferno de barcos, de barquinhos, a turma pescando... agora acabou! Tem pouco. Agora o que está tendo um pouco é dourado... mas também já estão pegando, douradinho, pequeno. Fora da medida, né?

João Paulo: Mesmo que fique fora de medida, o pessoal leva embora, né?

Entrevistado3: Eles levam embora! Principalmente à tarde. Quer ver? Tem uma... como que é? “prendá”, tão tirando... um cara com uma peneira...

João Paulo: Ah!, eles estavam aqui, ó. Estavam até agora, pegando...

Entrevistado3: Tirando... isso daí não pode! E de tarde isto aqui é um inferno!!! Você precisa ver como “passa a rede” aqui!

Maria Lúcia: E não passa nenhuma polícia florestal?

Entrevistado3: Não, não... você pode denunciar que “não dá nada”. Eles vêm com uma telinha de mosquito, pega um em cada ponta, vem passando assim... camarãozinho, que tá tendo bastante também. Uns camarõezinhos, sete barbas... pegam para fazer iscas. Mas eles fazem assim: eles tiram os “alevinos” e põem lá na grama. Viram. Aí pegam os maiores que eles querem, e os menores ficam lá... mortos. Para morrer.

João Paulos: Aí eles pegam para isca?

Entrevistado3: É. Outro dia... eu não posso ver, porque eu falo, sabe? Eu sou meio... e falei para o cara “e porque você jogou o resto?”; ele falou “Eh! Mas tem um monte!”; eu falei “Então, mas já está acabando... esse monte que você fala está acabando”.

João Paulo: É que nem tilápia... o pessoal pega tilápia pequenininha para fazer ração de gato.

Entrevistado3: É... o povo preda o rio. Aqui é uma fonte de lazer que... você está lá de saco cheio, às vezes são três horas da tarde e eu estou nervoso, bravo, eu venho na praia aqui, ó... tiro o sapato, dou uma esfriada no pé. Ou senão vou de barco lá na Barra, também tem uma rampa, né? Daí eu fico lá, fico um pouco com os pés na água, e tal... parece que... né? Descarrega. Ah, eu acho que... nossa, foi o que falei, eu não fico numa cidade sem rio. Não consigo. Você acostuma, né? Bem no tempo do frio eu venho aqui! Venho dar uma volta na praia. Gosta, né?

Eu: Traz tranquilidade?

Entrevistado3: Ah, eu acho. Eu tenho barco também, um veleiro. Tá lá meio parado, porque precisa fazer algumas coisas... mas eu gosto de navegar. Navego desde criança, desde molequinho.

...

Entrevistado3: Viu, outra coisa gostosa aqui, à tarde, eles soltam as turbinas, então a água corre com mais força. E nesses dias de verão, você vem com uma boia de caminhão, entra dentro e rema um pouco até na metade do rio. Desce até lá na Barra... vem um monte de gente fazer isso. Vem, numa condução, não têm que descer de carro, descem tudo de boia... tem uns que põem um isoporzinho amarrado, com a cerveja, aí desce, tá bom (risos). Você acha que isso aí não é bom?

Brauliana: Uma delícia!

...

Entrevistado3: Esse documentário que vocês estão fazendo é para coisa particular?

Eu: Eles vão explicar...

Brauliana: Nós vamos, na verdade, a partir de alguns depoimentos que a gente está pegando das pessoas, nós vamos fazer uma peça de teatro aqui em Igaraçu, contando a nossa relação, a de vocês, a nossa, que moramos aqui, com o rio Tietê.

Entrevistado3: É, tem que falar mesmo, porque... para nós é mesmo uma fonte, é muita gente que vive daí até hoje... aqueles pescadores que têm ali embaixo, depois da ponte, aquele pessoal tudo vive disso.

...

Entrevistado3: Só que eu vou te falar: os que mais poluem o rio, aqui para nós, no interior, não em São Paulo, são os pescadores. Principalmente pescador de barranca: ele acaba de pescar, ele faz assim com a sacolinha, dentro do rio. Ou senão a latinha, agora não usa mais latinha de minhoca, né? Porque não tem mais latinha, senão ela ia... Eu canso de ver isso!! Então joga ali, ela afunda, pronto: escondeu. Garrafinha.

João Paulo: Sacolinha...

...

Entrevistado3: E pneu... geladeira... tudo! Tudo você acha dentro do rio! Essas barrancas de rio, o que tem de sujeira, você não faz ideia! Eu fazia mergulho. E a gente de vez em quando, apesar da água ser bem amarela, mas quando está um dia bem de sol você enxerga alguma coisa, é lixo pra caramba! É lixo! Lixo, lixo, lixo... se eu mergulhar ali onde ficam os barcos – agora acabou o conceito – mas existia o conceito de barco, que prato quebrado, trincado: pela janela. Então se mergulha ali, você não acredita... até um dia de sol, de domingo normalmente o rio fica bem baixo, né? Vai ali num dia de sol quando a água tá limpinha, você vê! Vê o reflexo dos pratos...

João Paulo: Vixe...

Entrevistado3: Talher... você não acredita!

ANEXO C – O RIO PARA OS PARTICIPANTES – QUINTO ENCONTRO

Atividade da massinha – os participantes, de olhos fechados, modelaram na massinha a representação deles sobre o rio de suas infâncias.

Aline: Então, a gente gostaria agora que cada um falasse o que modelou, o que quis representar e se saiu como esperava. Quem quer começar?

João Paulo: Pode ser eu.

Aline: Então vái...

João Paulo: Para mim representava diversão, alegria: um lago, aqui, o meu desenho. Era onde eu me divertia nos finais de semana. Quando meu pai vinha para pescar, eu aproveitava e nadava no rio. Representava isso.

Raquel: O meu representou diversão, também, era uma piscina... no final de semana meu pai ia pescar, nos ficávamos na beira do rio assando carne, peixe... as meninas ficavam nadando... o rio era... representava pescaria para mim.

Letícia: O rio representa diversão também; modelei eu nadando.

Maria Lúcia: O que eu lembro da infância do rio, para mim é sempre o rio prazeroso, felicidade que eu era a última a vir porque eu morava literalmente na beira do rio (...) todas as enchentes que tinha, eu chegava na janta só. E depois que a água baixava, ficavam lagoas (...) eu ficava direto, todos os dias na beira do rio, sempre tinha uma cúmplice, sempre escondido, né? Chegava escondido, depois voltava, apanhava, e no dia seguinte estava lá de novo (risos dos interlocutores).

Larissa: Representava um mundo, mas desconhecido...

Alex: Olha... eu nunca entrei no rio, eu nunca entrei em praia, em toda a minha vida. Daí fomos em Santos. Nunca fui em Santos em minha vida, nunca fui... a primeira vez que fui lá, tomei banho gostoso... em Santos... muito salgada a água, né?! Primeira vez que fui lá... podia voltar mais vezes, né? Nunca mais fui...

Aline: Então tá, pessoal! Podem deixar as massinhas do jeito que elas estão, aí no chão. Fechem mais uma vez os olhos, por favor. Agora eu queria que vocês pensassem hoje em dia, como é a relação de vocês com o rio. Hoje em dia... pensar se mudou da infância para hoje; se mudou, o que mudou... como vocês se relacionam com esse rio nos momentos de hoje.

(Aline entrega a massinha para os participantes)

Aline: Podem abrir os olhos... quem quer falar sobre o que modelou? Quem quer começar?

Letícia: Eu.

Aline: Então começa, Letícia.

Letícia: Aqui, representa... o desenho na verdade era para ser uma panela.

Aline: Uma panela? (...) Porque uma panela?

Letícia: Panela? Porque a gente usa água para cozinhar comida, daí a gente se alimenta... só!

Aline: Só isso? Quem mais?

Raquel: O meu significa o turismo, tem o rio e os barquinhos passando.

Aline: Você fez o rio e os barquinhos no rio? Hoje em dia você percebe mais no rio, então, é o turismo?

Raquel: É. Turismo, em Igaraçu e na Barra.

Aline: Mas é o turismo da cidade ou você...

Raquel: É o turismo da cidade... porque eu vejo... eu gosto de ficar vendo também as barquinhas passando, eu vou lá na prainha... nadar e ficar vendo a paisagem.

João Paulo: O meu eu fiz um peixe, como forma de representar... preservar, né? a diversidade de peixes que a gente tem aí no rio, principalmente nesta época, porque agora é época de piracema, época de desova dos peixes, de procriação dos peixes. E a gente vê muitos pescadores que, até onde tem afluentes de rios, ele vão e jogam tarrafas nessas embocaduras, e acabam pegando os peixes as vezes até fora de medida e levando... então isso é uma forma de desrespeito com a natureza. Não estão deixando que novos peixes surjam no rio.

Aline: Você está manifestando uma preocupação com o meio ambiente...

João Paulo: Com o meio ambiente... eu não só (...) me preocupo com a diversidade do rio, mas também como uma forma de conscientizar as pessoas da importância que o rio tem, não só para mim, mas para todo mundo. E todo mundo respeita o rio. Se a pessoa for pescar, por exemplo, na margem de um rio, depois que terminou a pescaria recolher as suas sujeiras, sacolinhas que elas deixaram os dejetos, levar embora, não deixar ali, porque ali acaba o vento levando para dentro do rio, acaba poluindo o rio... eu penso isso.

Alex: Olha... eu queria limpar o rio... o Tietê, assim, está muito sujo... porque tem uma barraca ali perto do rio, que joga muita gordura no rio... que se limpar, a água vem limpa... o que as pessoas jogam dentro da pia, caí tudo no rio... assim, ó... tudo sujo... daí uma pessoa toma banho, passa tudo doença... não é? Doença de pele... Então, não estão respeitando o rio, não... (...) Então, hoje o rio está sujo... precisa limpar muito... o pessoal não respeita, não estão nem aí... jogam muita gordura dentro do rio... jogam sujeira, jogam garrafa, não estão nem aí, ó... não falam onde está certo, onde está errado... chingam a gente, não estão nem aí...

Larissa: Então, pensei em fazer uma alusão ao que eu sinto pelo rio, assim, o que ele representa para mim. Como que chama aqueles negócios que põem assim...

Aline: Porca.

Larissa: Então eu sou uma porquinha (risos), e o rio é um imã, e ele me atrai. Ele me puxa, para estar perto dele.

Maria Lúcia: Não sei se o João viveu muito tempo na beira do rio, mas eu convivi muito tempo na beira do rio, e eu tenho a impressão de que não é mais o mesmo rio da minha infância. O cheiro do rio é diferente. O formato do rio é diferente. E o que eu sinto falta, que nunca mais vi, nem vou ver, é a vegetação que tinha na margem do rio. Tinha pés de frutas. Ingá... não sei se vocês conhecem ingá. Conhece?

João Paulo: Conheço. Nossa, é muito gostoso!

Maria Lúcia: Tinha muito ingá... e os animais, tinha... tinha na beira do rio também. Aqui tinha muita... cobra e capivara...

João Paulo: ... Bugio também...

Maria Lúcia: ... tinha bastante capivara... cobras... tinha uma cobra verde que parecia com (...) quando eu fui catar o ingá no pé, não era ingá era cobra... eu caí de cima do pé, porque eu peguei na cobra... Então, eu tenho passagens ótimas na beira do rio. Mas para mim parece que não é o mesmo rio; nem o cheiro é o rio, a aparência dele não é a mesma.

Alex: ... O cheiro dele forte...

Maria Lúcia: ... que nem eu fiz aqui (...)

Aline: Então você tentou ordenar o desvio?

Maria Lúcia: É, desviá-lo...

Larissa: A mudança, né?

Maria Lúcia: É... tinha muito mais gente na beira do rio. Pessoas daqui mesmo. E não

peessoas de fora. Peessoas, daqui, tiravam o seu sustento direto do rio... (...)

Aline: E no geral, assim, para cidade, o que vocês acham que o rio representa? ... Para a população?

João Paulo: Para a população? Para a maioria?

Alex: Serviço, emprego...

Letícia: Vida.

João Paulo: Eu acho que para a maioria significa... diversão, lazer. Turismo. Mas, assim, não é só isso, né? Economia também. Porque aqui é onde a gente tem a hidrovia Tietê-Paraná. Então aqui passam diversas barcas. (...) É uma forma, também, de preservar o meio ambiente. Quantos caminhões você está tirando das rodovias?! Está deixando de poluir. É um transporte mais barato. É isso o que eu penso nisso também... só que, ao mesmo tempo que tem o transporte, tem aqui a exploração de areia. Aqui embaixo, tinha uma lagoa, onde tem um banco de areia. E eles acabaram com a lagoa. Não existe mais a lagoa. Aqui o porto (...) explorou lá, tirou toda a lagoa. Acabou com a areia que tinha lá. Exploração. Aqui embaixo, perto de uma cerâmica.

Maria Lúcia: A população local, eles não usufruem muito... não fazem uso...

João Paulo: É que nem... é mais fácil uma pessoa de fora vir... mostrar a consciência que ela tem em cima do rio do que uma pessoa... a pessoa que mora aqui não sabe o que o rio representa. A importância que o rio tem para a cidade. Mais fácil uma pessoa de fora vir, mostrar aquilo para ela, foi que nem o cara falou... lembra, Felipe, lá? (se referindo às entrevistas da saída de campo) ... o cara falou que a moça chegou, viu aquele monte de sacolas, tava no hotel Panorama, saiu recolhendo todas as sacolas. Ela falou: "como vocês deixam chegar nesse ponto? Esse monte de lixo na margem do rio?". Uma pessoa de fora tem uma consciência totalmente diferente de uma pessoa que mora aqui na cidade. É isso...

Larissa: E uma coisa, assim, que chamou muita atenção, pelo o que vocês falaram, é a coisa mesmo do processo de urbanização, que gera esse distanciamento do indivíduo com aquilo que na verdade é a essência dele, que é o natural, que é a natureza. Eu acho que nós partimos dela também. E o processo de urbanização, ele não faz o processo de nos levar até ela, mas sim de nos afastar dela. Porque o rio não é mais aquilo que foi para a vida dela, aquela coisa próxima, que fazia parte do dia-a-dia. Hoje não é mais; hoje talvez o aspecto econômico. Então é um aspecto distanciado do ser humano.

Aline: E porque que você acha assim, João, que o pessoal local não tem essa consciência?

João: Ah .. eu acho que é porque .. a pessoal ainda não sentiu na pele o que é, por exemplo .. ver um... é que aqui a gente não vê um rio totalmente poluído, que nem São Paulo .. se for ver o rio em São Paulo, aquela água fétida, podre .. é outra coisa .. mas aqui o pessoal não tem consciência .. A pessoa, às vezes, está comendo alguma coisa .. joga no chão, aí ela não sabe que a enxurrada vai levar isso para o córrego. Do córrego, vai para o rio...

Maria Lúcia: ... Você falou que aqui .. que aqui de repente eles não .. não sentiram na pele .. é o que é não ter rios...

João Paulo: É, o que não é ter rios. (Alex concorda)

Maria Lúcia: Não no norte, mas no nordeste.

Aline: No sertão, né?

Maria Lúcia: Tem os rios ...

Alex: Não, não respeita.

Maria Lúcia: ... temporários, que desaparecem .. tem muitos que nem...

João Paulo: ... nem voltam depois...

Maria Lúcia: ... nem voltam a existir iguais. Então .. lá eles respeitam .. tem um pessoal que eu conheço, que eles respeitam muito o rio. Dão muita importância para o rio, porque eles sabem o que é não ter rio, o que é não ter água. Imagine a gente aqui sem .. esse rio .. como que seria a nossa temperatura...

Aline: E o que mais que vocês acham? .. como se não tivesse o rio .. o que mais vocês acham que seria diferente na cidade?

João Paulo: Se não tivesse o rio? .. (Aline concorda) .. essa cidade seria nada, porque o que...

Maria Lúcia: ... o que é então o produto de vida para a crise (*), principalmente para a Barra .. é o turismo ...

João Paulo: ... É o turismo.

Maria Lúcia: Né? Por causa do rio, por causa dos passeios de barcos...

João Paulo: ... Dos navios.

Alex: É, porque vem muita gente de fora.

Maria Lúcia: ... é, Igarapu não...

Alex: Vem muita gente de fora .. vem do Rio de Janeiro, São Paulo .. Jaú, Bauru .. (*) .. vem tudo gente de fora para cá na Barra .. querem conhecer represa .. conhecer mais na frente .. então o rio está sujo...

Letícia: As pessoas vêm aqui para Igarapu por causa da prainha, da gruta...

Alex: É, então .. gostam de tomar uma boia, de beber .. comer alguma coisa .. mas aí vem, o rio está todo sujo .. tão nem aí...

Maria Lúcia: Se não houvesse o rio, o desenvolvimento econômico .. da Barra, e de Igarapu estariam muito .. longe de estar o que é hoje ... porque nós já tivemos um período aí que ninguém falava em turismo, nada, né? .. e eram duas cidades que estavam assim, estacionadas .. parece que paradas.. por aí, faz quando tempo? .. que começou a .. uns dezoito anos (João Paulo concorda), não fazem vinte anos .. que a Barra começou com turismo, Igarapu .. então faz pouco tempo. Mas o turismo desenvolveu bastante .. e está bem, acho...

Larissa: E assim, você pode dizer que .. na sua época, o cuidado era maior com o rio?

Maria Lúcia: Era... o cuidado era maior com o rio.

Aline: Porque será?

Maria Lúcia: Porque será?? Eu não sei responder .. porque .. acho que ... o rio em si, era fonte de alimentação para muita gente.

João Paulo: Hoje na verdade é diversão.

Maria Lúcia: ... para muita gente (...) que nem, hoje tem ... você vai no mercado, acha o peixe para comprar .. vários tipos de peixe, limpinho .. antes, se quisesse comer peixe, tinha que pescar ... A maioria, né? Quem tinha grana, meu bem .. mas a maioria, se quisesse comer peixe tinha que pescar ... Então, acho que .. por isso .. aquele pessoal da "Trâns São Paulo", não tinha água encanada, buscava água no rio ... na beira do rio Tietê para o lado de cá, não sei se vocês chegaram a ver, mas tinham no rio, assim, umas tábuas fincadas onde se lavava a roupa .. então eram muitas coisas feitas no rio. (Alex concorda) ... lavava casa, a gente buscava água no rio .. balde, né?, aquele balde antigo de alumínio .. sentava aquela criançada toda .. inclusive a casa era lavada coletiva .. lavava uma casa aqui, toda molecada trazia a água .. depois ia na casa da vizinha, todo mundo com bacia d'água .. então recorria todo mundo ao rio.. eu acho que é por isso .. assim, tenho certeza que .. o respeito era maior, porque a gente dependia do rio.

Aline: E Letícia, você que é mais nova, você brincou bastante no rio?

Letícia: Bastante.

Aline: Chegou a brincar, também, bastante .. hoje em dia você também vai, bastante?

Letícia: Hoje em dia não.

Aline: Até qual idade, mais ou menos, você acha que ia bastante?

Letícia: Até uns sete, oito anos.

Larissa: E você, até qual idade que você foi? (para Maria Lúcia)

Maria Lúcia: Ah, eu ... a principal parte da minha infância, né? Três, quatro anos até .. doze, treze.

Aline: Mas você acha que as crianças brincam tanto no rio como na sua época?

Maria Lúcia: Não.

Aline: Não?

Maria Lúcia: Tsc, tsc, tsc...

João Paulo: Hoje em dia é playstation III, facebook, a molecada não quer saber de rio, não...

Maria Lúcia: Não brinca no rio, também, por causa da sujeira. (João Paulo concorda)

João Paulo: A usina, hoje, cai muito .. cai muito agrotóxicos, reagentes químicos no rio...

Maria Lúcia: Vocês já viram taboa?

Aline: Não.

Maria Lúcia: Taboa?

João Paulo: Já vi, já. Não tem mais...

Maria Lúcia: Não tem mais... usavam aquela coisa da taboa para fazer travesseiro.

Larissa: Mas eles não fazem isso de forma legal, né?

João Paulo: O quê?

Larissa: Esses dejetos, assim...

João Paulo: Não! É que ...

Maria Lúcia: Eu acho que eles foram legalizados...

João Paulo: Não, é que .. não dava para a gente ver .. tem o córrego ali, Córrego Pau D'álho, do lado da cerâmica, onde cai uma água verde no rio, que é a água das caldeiras...

Maria Lúcia: É antes da ponte, lá, né?

Alex: É, isso! Encostado na ponte.

João Paulo: É, antes de chegar na ponte ... tanto que a usina foi montada porque ...

Alex: Ali tem uma bomba que puxa água.

João Paulo: ... os pescadores estavam pegando limbo, com as tarrafas...

Larissa: Nossa!

Maria Lúcia: Teve até uma reportagem que... eu acho (enfático) .. que existe por parte da usina .. e também por parte do governo, autoridades, sei lá, interesses econômicos (João Paulo concorda) .. porque eles vão lá, multam a usina num valor absurdo .. a usina vai, e paga. Mas continuam fazendo igual... Dá até a impressão que eles querem o dinheiro da usina... e a usina faz questão de pagar e continuar a mesma.. eu acho que existe um interesse econômico enorme por detrás. Porque ninguém toma um partido.

Alex: Aqui na ponte tem uma estação de bomba .. eu vou lá puxar água.

João Paulo: ... eu nunca mais fui para lá. Não sei se você já viu a cor da água, é verde! A água chega quente no rio...

Maria Lúcia: ... e forma aquela "nata", assim, em cima da água.

João Paulo: É, verde, parece um caldo de cana.

Maria Lúcia: É que não dá para ver, mas se chegar perto, acho que tem algum cheiro no rio... forma uma nata, assim, um negócio...

João Paulo: ... feio!

Maria Lúcia: E mata tudo os peixes...

João Paulo: Mata!

Aline: Mas hoje em dia vocês .. não entram no rio, ou entram?

Maria Lúcia: Não. Nunca mais entrei no rio...

João Paulo: Não... é raro eu entrar.

Alex: Também não.

Aline: Mas é por qual razão?

João Paulo: Ah, não entro porque não sei qual é a qualidade da água, eu tenho que ...

Raquel: Primeiro, porque eu tenho medo de água.

Alex: Porque a água é funda.

João Paulo: ... depende do lugar, também. Que nem, lá para baixo, a água é um pouco mais limpa do que aqui.

Maria Lúcia: É... e o Alex falou uma coisa certa... é muito desigual, desnivelado... você vai com o pé, e de repente pisa aqui é fundo, e você afunda de vez...

Alex: A água puxa para baixo.

Maria Lúcia: ... acho que é por causa da extração de areia, será?

Aline: Antes não era assim?

Maria Lúcia: Antes não.

Alex: Não. Agora é. Morreu uma amiga minha, foi esposa do meu primo, daí a correnteza foi e ela ficou. A água puxou ela para baixo. Morreu nova. Morreu com... trinta e seis...

João Paulo: Tanto que esses tempos atrás eles estavam aprofundando o canal de novo, porque estava parando muita sujeira no canal.

Alex: ... a água puxa você para baixo, morre estranho no rio. Ontem aqui você acha socorro: morre.

Maria Lúcia: Então eu acho que o rio hoje .. não entram muito na água, as mães não deixam porque, de uma certa forma, está contaminada ... a gente bebia água no rio!

Aline: E aonde que é a parte mais limpa, é mais para baixo?

Alex: Aqui.

João Paulo: Não.

Alex: Mais aqui e lá na frente, né João?

João Paulo: Mais para baixo, ali perto da (Pedra ***), a água é bem mais limpa que aqui. Aqui é suja.

Maria Lúcia: E na (Concórdia **) será que não é?

João Paulo: Lá também é. Mas ela está falando desse pedaço daqui de baixo?

Aline: Não... onde que é o mais limpo, que o pessoal entra na água...

João Paulo: O pessoal entra mais lá no baixão de serra.

Felipe: Lá na prainha?

João Paulo: Não, lá no baixão de serra, para cima da barragem.

Aline: Aí lá o pessoal entra bastante?

Maria Lúcia: Lá entra (João Paulo concorda).

Felipe: Na prainha é sujo?

Maria Lúcia: É.

João Paulo: Ah, eu não costumo ir, não.

Maria Lúcia: Mas mesmo no baixão de serra a gente percebe um descaso com o rio .. porque eles desbarrancaram muito .. inclusive essas construções .. tem ranchos maravilhosos lá .. é construído na beira do rio (enfático) .. não deu aquele espaço, desmatou...

Larissa: Nossa.

João Paulo: São cem metros, né?

Maria Lúcia: ... desmatou a beira do rio para construir a casa, o rancho dele...

Raquel: Ali é cheio de sanguessugas...

Maria Lúcia: ... e tem a rampa ainda, onde guarda os barcos deles, as coisas deles.

João Paulo: Lá onde eu falei, naquela praia que tem, perto do Vale Verde .. nossa, lá tem um monte de sujeira! A última vez que eu fui lá tinha geladeira, butijão de gás...

Alex: ... fogão...

João Paulo: ... pneu de carro...

Letícia: Se estiver faltando alguma coisa em casa...

João Paulo: Dá! Acho que dá para montar uma geladeira, se for lá...

Aline: E o que vocês acham que vai ser esse rio daqui alguns anos? Sei lá, daqui uns vinte anos?

Alex: Eu acho muito bastante.

Maria Lúcia: Eu acho que tudo que está ruim a tendência é melhorar.

Aline: Melhorar...

Alex: Ah vai...

Maria Lúcia: Eu aposto nisso .. eu aposto tudo que vai. Tem que melhorar, não pode piorar.

Alex: ***

Maria Lúcia: Porque essa molecada que vem vindo aí, apesar de não interessar – eu sempre tenho a impressão de que estou falando besteira – apesar de não interessar para as autoridades – eles não se interessam por natureza. Porque o ano retrasado – o ano passado ou o ano retrasado – o que a gente escutava de comercial falando sobre a natureza, sustentabilidade e tal, criaram em todos ensinios, fundamental e médio, a Educação Ambiental .. ofereceram para a gente -- eu, a Silvia, a Valéria – fizemos o curso de meio ambiente, depois me auxiliaram para ir a São Carlos, na universidade federal, fazer o curso... depois que fizemos o curso, simplesmente tiraram ... depois ninguém mais falou sobre meio ambiente, pode perceber o que eles fizeram .. não é alvo de eleições .. eu acho que por isso é que tem interesses econômicos por trás disto tudo. E outra: a gente percebe as sacolinhas. Quanto se falou dessas sacolinhas, mas voltaram atrás. Então, é ou não interesses econômicos? Ninguém está preocupado com o meio ambiente, pelo menos não esse povo que está aqui ... eu acho que as futuras gerações vindouras e que vão ... não vão fazer tudo, porque como escreveu uma amiga minha, ***, que é impossível, de repente, terminar com a poluição total .. porque, como que vai para com os carros, como que vai fazer? Mas se cada um fizer um poquinho, essa geração tem *** .. a nossa não, a nossa por enquanto só está ***

Larissa: Mas e essa geração futura, eles não tem contato mais com a natureza, estão totalmente distanciados, vivendo essa coisa do capitalismo, a globalização de uma forma bem acentuada, como será essa ... você disse algo que me fez pensar ... como virá a conscientização? Essa geração que só fica no videogame...

Maria Lúcia: Como é que eles vão defender o negócio que não conhecem?

Larissa: Exato. Não o que virá, isso que eu queria perguntar. Porque eu acho que no futuro, a tendência é ser pior. Mas eu não gostaria de acreditar nessa coisa que você diz, porque...

Aline: ... podia perguntar para a Letícia. Como que é Letícia, que você e os seus colegas...

Maria Lúcia: ... essa geração conhece bem o que vai defender...

Aline: ... vocês se preocupam com o rio, como que é? Ou não é uma preocupação?

Letícia: Bom, não sei as outras pessoas, mas eu me preocupo. Eu evito jogar lixo na rua, tem vez que eu me esqueço, mas quando eu lembro, deixo guardado... quando eu esqueço minha mãe fala assim "coleca essa sacolinha, temos em casa ****" ...

Larissa: E seus amigos?

Letícia: Meus amigos?

Larissa: Que você acha?

Letícia: Eu acho que tem gente que se preocupa, mas tem gente que joga lixo lá na sala mesmo, fala assim... ah ... como é que fala?

Maria Lúcia: ... a água vai levar...

Letícia: Não... as moças lá que limpam? "Ah, elas vão limpar, então... tá tudo certo..."

Aline: Mas vocês conversam sobre o rio ou não?

Letícia: Não.

Aline: Não falam do rio...

Letícia: Não. Raramente a gente conversa na aula de Ciências.

Aline: E quando conversa, fala o que dele?

Letícia: Ah, a minha professora fala que tem que preservar, não jogar lixo em qualquer lugar... sempre a mesma coisa, mas ninguém faz nada...

Raquel: Só se for para a criançada não jogar papel no outro. (risos)

Aline: E você, João, na sala de aula, que você acha que a molecada .. em relação ao rio?

João Paulo: Lá no EJA eu procuro sempre orientá-los .. inclusive estava falando outro dia sobre .. em relação a chuva ácida .. tava explicando para eles, né? (...) Eu tava falando para eles, que se a gente não preservar hoje, o rio, no futuro – os filhos deles, os netos deles – vão ter nem isso aqui para estar observando. A água a gente não consome. A gente não vai ter nem essa paisagem, ver os pássaros, ver alguns peixes que ainda restam no rio. Eu falo para eles, por isso que tem que tentar preservar hoje. Porque se não preservar, continuar com essa degradação ... pessoas, que nem a Maria Lúcia estava falando, têm ranchos, tiram as árvores para colocar construções nas margens do rio, isso acaba ocasionando o que? Assoramento do rio. Acaba levando detritos para dentro do rio. Eu falo para eles isso daí. É bom você ter uma casa na beira do rio? Sim, é legal...

Maria Lúcia: ... o prejuízo é altíssimo para a natureza...

João Paulo: ... o esgoto que é caído no rio...

Maria Lúcia: ... ela vai estar aliada com a impunidade.

Aline: A impunidade?!

Maria Lúcia: Impunidade. Eu acho. Existe lei, não existe? Não pode construir na beira do rio, não pode desmatar ... mas ninguém cumpre as leis...

João Paulo: ... não viu o novo Código Florestal? Uma porcaria, uma merda...

Larissa: ... o novo Código Florestal legaliza o desmatamento.

João Paulo: Exatamente.

Maria Lúcia: Legaliza, é... Então, os tais interesses econômicos...

Aline: Mas e vocês que são professores, o que vocês sentem nos alunos quando trabalham com a temática?

Maria Lúcia: Que eles não estão nem aí!

João Paulo: Nem aí... eles não estão ... Alguns se interessam, perguntam, tudo... mas só que a maioria não está nem aí. É porque eu falo: eles não sentiram na pele ainda. Às vezes, para a pessoa cair na realidade ela precisa sentir na pele...

Alex: Cair na real...

João Paulo: É que nem... lembra, Maria Lúcia, que teve a falta de água... por conta da falta de pagamento do SAAE... como que é? A pessoa ficou sem água e teve gente que ficou desesperada: "Ai, tenho que lavar louça, tenho que tomar banho, tenho que cozinhar" ... então, a pessoa sentiu na pele, ela viu o quanto que faz falta a água, né? Sem água a gente não vive.

Letícia: Quando acabou a água, assim, eu falei para a minha mãe, né: "quando acaba a água todo mundo se preocupa, né? Economiza água, faz tudo para economizar... quando a água volta, desperdiça".

Maria Lúcia: Eu falo para os meus alunos que a gente vive sem tudo, ou quase tudo... dá para viver sem energia elétrica...

João Paulo: ... não, mas sem água...

Maria Lúcia: ... tem gente que não faz uso da energia elétrica, dá para viver sem celular,

sem um monte de coisas... mas sem água não dá para viver.

Alex: Sem luz, sem água não dá...

João Paulo: E vocês viram a matéria lá... sobre a transposição do rio São Francisco?

Maria Lúcia: Você viu que fortuna? Você que me falou, daí eu fui dar uma olhada... uma fortuna!

João Paulo: Não chegou nem cinquenta por cento da obra, era para ficar em 42 bilhões de reais...

Maria Lúcia: Já está sessenta e pouco?

João Paulo: Não, eles estão projetando para 84 bilhões. E só cumpriu cinquenta por cento da obra. E pararam, né? E tem local onde eles derrubaram a vegetação, tudo, já tem árvores. Aonde eles concretaram, fizeram o canal, na margem, já tem rachadura. Quer dizer, eles vão ter que refazer tudo de novo. E já está nos 42 bilhões de reais.

Felipe: Enquanto isso o pessoal...

João Paulo: ... é, e já estão falando que várias empresas já vão se instalar nas margens da transposição para usar a água, então, quer dizer, não é água para a população...

Maria Lúcia: Se você for pensar são multinacionais ... como é que chama, não sei se é ... eles vão para aplicar a agricultura de *plantation*, alguma coisa assim...

João Paulo: Eu acho que é de irrigação, né?

Maria Lúcia: É... e são produtos para exportação... os caras vão produzir, produzir, produzir e vai ser tudo exportado... eles vão continuar de fora, quase sem ter o que comer...

João Paulo: É que nem lá em Juazeiro e Petrolina. Melão, uva, tudo da melhor qualidade e exportado. Já compraram aquelas mangas, bonitas? Quando você compra, vem aquele selinho? Pode dar uma olhada, geralmente é Juazeiro na Bahia, é tudo agricultura de exportação.

Maria Lúcia: E o que fica aqui, é porque não passou no controle de qualidade.

João Paulo: É, então. A gente está consumindo coisas que os europeus não querem consumir.

(...)

Maria Lúcia: Olha onde o rio levou a gente... (Aline ri)

Alex: Mas fácil ir para o rio, isso sim...

Felipe: É, nós estamos juntando elementos para .. depois inventar os nossos quadros cênicos.

Aline: E se vocês fossem dizer uma palavra, assim, o rio representa... uma palavra que sintetize o rio. Que palavra que vocês...

Maria Lúcia: Vida.

Alex: Paz.

João Paulo: Para mim, harmonia.

Raquel: Natureza.

Letícia: Diversão.

João Paulo: Biodiversidade.

(...)

Aline: Até um pouco esperança, talvez né?

Maria Lúcia: É, esperança, futuro...

Letícia: Saudade.

Aline: Saudade (risos)

Letícia: Porque eu acho que se continuar do jeito que está, vai cada vez piorar.

Aline: E o que é que faz para evitar, então, isso?

João Paulo: O que faz?

Aline: Para evitar um, sei lá, que fique um caos total...

João Paulo: Eu acho que falta divulgação por parte dos governantes, prefeituras...

Maria Lúcia: Eu acho que falta investimento para formar as novas mentalidades...

João Paulo: Então, escola, né... divulgar isso nas escolas...

Letícia: Porque tem que ir todo mundo, assim, para a ajudar a preservar...

Maria Lúcia: ... mas mostrar o lado trágico, mesmo. Sabe? E conscientizar de que a água é fundamental. Porque se não cuidar hoje, lá na frente não vai ter... e punir, né? Punir.

Fazer a lei ser cumprida ... criar leis rigorosas e cumprir essas leis com quem ... desobedecer a lei, infringir a lei.

Larissa: Criar leis para ricos... (risos) Não existem leis para eles...

Maria Lúcia: Isso, criar leis para os ricos... é só os pobres que se ferram...

Aline: Mas será que a gente, assim... porque as vezes parece que muito depende do governo, de interesses econômicos ... mas será que a gente teria alguma coisa que poderia fazer? O que é que vocês acham? Ou não, é uma coisa que depende mais das coisas maiores?

Alex: O governo do Estado e o governo federal, tem que ajudar um ao outro. Como o governo de São Paulo tem que ajudar aqui na região também. Vamos supor: se eu for pegar a água do rio, para beber, eu acho até bom. Se o rio está no Estado de São Paulo, governo federal, o prefeito de São Paulo e o prefeito daqui, juntar, e cuidar da água do rio para beber, aí sim...

Maria Lúcia: Eu acho assim, que cada município, independente de contar com a ajuda do governo federal ou do governo estadual, pegar os líderes da cidade, as pessoas envolvidas com o meio ambiente, que se preocupam com o meio ambiente, fazer a sua agenda *** do século 21, e cumprir essa agenda. Não sei se vocês conhecem. Conhece, João, Bocaína? Bocaína tem a agenda ***. Você chega em Bocaína, é uma graça. Cidade bonita, cidade bonita. Cidade limpa. Cidade aonde existe realmente uma preocupação com o meio ambiente. Ninguém ficou esperando. O governo municipal não ficou esperando a ajuda do governo federal, não ficou esperando a ajuda do estadual, porque sempre é isso, né... fica esperando a ajuda financeira. Não, eles arregaçaram as mangas, fizeram a agenda deles, de forma que envolveu toda a população, mas facilitou a vida das pessoas, facilitaram a vida da pessoa. Então, eles diminuíram a zero o lixo urbano. Porque enquanto aqui você tem o exemplo de .. alugar uma caçamba -- você vai fazer uma reforma, vai alugar uma caçamba -- são cinquenta, cinquenta e cinco reais por dia, não é todo mundo que tem. Fazer um puxadinho ali... vai gastar cinquenta e cinco, por dia, de caçamba? O que é que a prefeitura fez: comprou, sei lá .. adquiriu várias caçambas, Bocaína. Então a pessoa vai fazer uma reforma, telefona lá para o departamento de meio ambiente, eles mandam levar a caçamba. Então a pessoa não vai sujar.

Alex: É lógico.

João Paulo: E eles vão dar o destino certo para o entulho...

Maria Lúcia: Aí eles vão lá, pegam o lixo e levam embora.

João Paulo: ... é que nem Bauru...

Maria Lúcia: Pneu, pneu ... a prefeitura ... alugou um barracão enorme aonde todos os pneus vão para lá. Então, você tem uma oficina e não tem como levar o pneu, você telefona, parece que a prefeitura vai lá, pega o pneu e leva para esse barracão. Aí, e o destino desse pneu? Eles encontraram lá, meio não sei aonde, que cada fabricante de pneu tem que .. se virar e dar um destino para aquele pneu, que agora virou lixo, certo? E

também eles pegam, tem um cara de Araçatuba que vem, pega o pneu e leva. Ele usa o pneu para fazer sola, de botina, sapatão. E aí, o que ele faz? A prefeitura dá o pneu para ele. Antes ele tinha que comprar o pneu. Então a prefeitura de Bocaína dá o pneu para ele, que é uma forma de ajudar, sumir com o lixo. Aí ele manda, não vou saber explicar o conto, né... mas ele manda o sapatão que faz parte da vestimenta dos trabalhadores da própria cidade. Então ele conseguiu fazer de uma tal forma, envolver a população, que é uma beleza. O IPTU ele... diminuiu o IPTU de quem fizer calçada ecologicamente correta. Então você anda lá, encontra calçada assim, em pederneira. Mas nos bairros que estão surgindo, e mesmo no centro, a pessoa tirou o cimento. Fez a calçada ecologicamente correta. Aí, o que a prefeitura faz? Prefeitura está sempre cuidando de manter cortadinha a grama. Parece que estou falando uma besteira, né? Mas existe uma cidade assim... Aline; Não.

João Paulo: no Paraná é assim...

Maria Lúcia: ... os novos bairros de Bocaína já são ecologicamente corretos. As árvores não são de um lado da rua e do outro: é no meio. No meio da rua. As casas, a escola, o centro de saúde novo, são feitas tudo com farpas de isopor, grandonas. Já viu?

João Paulo: Já vi aquele tijolo ecológico...

Maria Lúcia: É isopor, um negocio grandão de isopor. Você bate assim, ó, sente. Aí foi dado um cd para a gente e *** eles constroem. Não faz tanta sujeira, pega reboque, tudo certinho. É igual aos outros, só não vai tijolo. Então, no acabamento não faz sujeira, porque imagina você vai por um conduíte para passar a luz, tem que quebrar tudo, né? Lá não, é tudo com estilete. *** pequena quantidade de sujeira e joga fora. Então é uma cidade legal, Bocaína.

Aline: Não sabia dessa.

Felipe: É aqui perto, mais ou menos, né?

Maria Lúcia: Daqui até lá é quanto tempo? Uns vinte minutos? Uns trinta minutos, no máximo.

João Paulo: Lá é a cidade do couro.

Maria Lúcia: É .. e o couro também eles .. Olha, nós ficamos uma semana andando por lá, eles mostraram tudo o que tem, que eles fazem lá.

João Paulo: Lá eles fazem bastante luva, né?

Maria Lúcia: É muito bacana. *** ... a população se envolveu .. no trabalho.

Felipe: É, porque aí você desconta do IPTU...

Maria Lúcia: ... mexe no bolso, quando mexe no bolso...

Aline: ... tem o incentivo.

Maria Lúcia: Então você falou o que a gente pode fazer? É isso daí, já pensou se cada .. governo municipal não ficasse na espera de esferas maiores. Pegasse, e fosse fazer o melhor possível com aquilo que ele tem ali. Não ficar esperando dos outros. Acho que é isso. Acho não, tenho certeza.

Larissa: É, aqui mesmo a mentalidade que entra hoje -- tanto escala estadual, federal, não sei -- não é essa mentalidade, né? De contribuir, de construir. A mentalidade é do lucro. Eu vou entrar na política por causa do lucro; antes de tudo é esse pensamento.

João Paulo: Porque Igarapu e Barra estava brigando para ter o selo verde e azul? Porque recebe verba do Estado. Senão, não iria correr atrás...

Maria Lúcia: Porque que eles brigam para não perder o título de estância turística?

Porque recebe dinheiro. E sabe que a gente percebe, Felipe? A gente percebe assim, que .. em sala de aula, infelizmente, quanto menos você falar, melhor.

Felipe: Mas porque?

João Paulo: Porque você acaba arrumando briga.

Maria Lúcia: É, você acaba arrumando briga... quando menos você expor, tudo... e no

caso do João, não. "Ah, essa velha está ficando louca, ó, tá na hora de se aposentar, tá ficando louca já..." (risos).

Felipe: Mas briga com os alunos?!

João Paulo: Não, eles começam a falar .. a gente começa a explicar para eles o porque de preservar.. "Ah, mas o papel, tal, vai poluir o rio?". É, vai poluir. Aí eu estava falando esses dias a respeito de bateria, celular, pilha, que polui o solo, polui o lençol freático:

"Mas isso polui como? Como vai poluir?". É, a chuva, a própria chuva. Aquele material vai se decompondo, tudo o que tem dentro dele vai ser deslocado para um tipo de solo e vai contaminar o lençol freático. Estava falando sobre o Aquífero Guarani para eles, poço artesiano. Tem gente que é ingênua, não tem a dimensão...

Maria Lúcia: Então é evidente, você percebe que tem aqueles que não quer aprender, não quer entender o que você está falando. Eles não querem entender aquilo...

Aline: ... os alunos?

Maria Lúcia: É. Então vá... Então, eu desisto. Vá gastar vela com mau defunto...

Felipe: Gastar vela com o que?!

Maria Lúcia: Com mau defunto. (risos)

Maria Lúcia: infelizmente é assim. Mas que tem jeito, tem.

Aline: Tem que ter.

Maria Lúcia: Tem jeito ainda de fazer as futuras gerações verem a natureza. Vai depender, também, muito dessa geração, nós que estamos aqui.

(...)

Felipe: Tá.

Aline: Tem dez minutos.

Felipe: Dez minutos? Então vamos construir uma estória.

(...)

Felipe: A partir de tudo o que foi posto aqui, nós vamos fazer aquele exercício de contar uma estória pulando...

João Paulo: Pulando?

Felipe: ... só que o tema agora vai ser rio. Vocês preferem ir pulando ou cada um assume a estória?

Maria Lúcia: Dar continuidade na estória?

Felipe: É. Voluntariamente ou seguindo o fluxo? Só que se a gente combinar que vai ser voluntário todo mundo tem que entrar.

Aline: Você que sabe.

João Paulo: Sei lá... pode ser voluntário...

Felipe: Voluntário, então.

Aline: Quem começa? Uma estória relacionada ao rio.

Felipe: Vamos falar alto para todo mundo poder escutar, hein.... Animo!!

(...)

Maria Lúcia: O Tietê é o maior rio do Estado de São Paulo. Passa por várias cidades do interior paulista.

Felipe: Ele é um dos únicos rios, em todo o planeta Terra, que começa próximo ao oceano só que desagua em direção ao continente.

João Paulo: É um rio de suma importância para o transporte de várias mercadorias que

são exportadas. É um rio que deve ser valorizado.

Maria Lúcia: Tem um bonito passado. Ele colaborou com a descoberta do interior paulista, com o povoamento do Estado de São Paulo.

Aline: No passado, seu Antônio morava numa casa que ficava a trezentos metros do rio Tietê.

Felipe: Todo dia ele tinha que acordar, carregava dois grandes latões de água e enchia, o que era o suficiente para passar o resto do dia com água.

João Paulo: Aquela água era utilizada para o banho e para o consumo próprio. Além da água que ele tirava do rio, ele tirava, também, o seu sustento: com os peixes e ele tinha uma pequena plantação onde cultivava mandioca, milho e algumas hortaliças.

Maria Lúcia: Na época em que se podia consumir a água do rio Tietê.

Alex: Esse senhor tem uma horta, horta assim: arroz, feijão, milho para o sustento. Criava animais, todo dia tinha leite ... ***

Aline: Seu Antônio tinha dois netos: Zequinha e Maria. Zequinha e Maria iam todos os dias brincar na beira do rio, que ficava a trezentos metros da casa do seu avô Antônio.

Larissa: Mas, a vó Emelinda, que era a mais velha da casa, não gostava muito da ideia de ver os meninos brincando perto do rio. E sempre dizia: "Cuidado, meninos. Este rio tem grandes segredos". As crianças; "Mas vó, o que são esse segredos? Nós queremos saber".

Maria Lúcia: O Tietê tem várias lendas.

Raquel: O segredo é que o rio é muito fundo, tinha poços. Eles podiam cair no poço e não voltar mais.

Alex: O rio aqui é muito perigoso. ***

Felipe: Ainda que a avó Emelinda contasse para Zequinha e Maria sobre os perigos do rio, eles eram crianças muito travessas e desobedeceram a avó. Um dia, Maria falou: "Zequinha, vamos nadar lá no fundo do rio?"

Aline: Zequinha, que era um pouco mais cagão, preferiu ficar na margem do rio, mas Maria, que era uma menina muito valente e corajosa se aventurou e começou a nadar mais ao fundo do rio.

Larissa: ... e gritou: "Zequinha, vem aqui ver o que eu encontrei!". O Zequinha: "Eu não! Eu não vou aí não...". Ela falava: "Vem aqui ver o que eu encontrei!!". E ele foi.

Maria Lúcia: Que será que ele encontrou?

Alex: Ah, ele achou assim... um peixe ou uma cobra... ou outra coisa, ficou assustado.

Felipe: "Vem ver Zequinha! Tem um peixe muito grande nadando aqui embaixo de mim!". "Não Maria, eu tenho medo, ele vai me morder!!"

Maria Lúcia: Nisso eles foram nadar no fundo do rio, de repente eles encontraram uma passagem secreta no fundo do rio... vislumbrando o futuro ... como que iria ser esse rio ...

*** ... característica de como era o rio, para quando chegasse o futuro eles não iriam ter mais nada aqui, mas podiam ter uma ideia do que era para poder ***

Aline: Aí a Maria entrou nessa passagem e o Zequinha, que era cagão, ficou esperando um pouco. Mas como a Maria não voltava, ele foi junto. Daí ele só escutou um grito da Maria: "Nossa, que fedido que está aqui!"

Larissa: Aí o Zequinha falou assim: "Maria, tudo bem que está fedido, mas você não reparou que a gente já está a vinte minutos dentro do rio, e a gente não morreu?". Maria falou assim: "É verdade. Será que a gente virou um peixe também?"

Maria Lúcia: Na verdade eles não tinham virado peixe coisa nenhuma. Era real, o cheiro era real.

Letícia: Aí a Maria falou assim: "Vamos subir lá para cima ver o que a gente encontra". Aí eles encontraram, assim, toda uma margem cheia de sujeira, lixo. Zequinha falou assim: "Ah, vamos voltar para lá mesmo."

Maria Lúcia: E o legal é que a Maria e o Zequinha estavam lendo o diário da mãe, né? Lá no passado eles estavam vivendo a realidade. Tendo estas fantasias todas, viajando por essas fantasias, através da leitura do diário dos pais. Os pais que viveram lá, esse cheiro era real, eles estavam vivendo realmente o futuro. O presente deles.

Aline: Ai o Zequinha e a Maria, tão compenetrados na leitura, esqueceram que era hora do almoço, e foram chamados pela vó Emelinda aos berros: "Meninos, venham logo comer a comida!!"

Larissa: Aí eles entraram na casa assim: "Vó Emelinda, a senhora não acredita o que aconteceu..."

João Paulo: "... encontramos uma passagem no fundo do rio, e essa passagem mostra uma paisagem totalmente diferente do que a gente tem aqui, próximo a nossa casa. Do outro lado lá, o pessoal não se preocupa, é tudo poluído, a água é fétida e lá não tão prazeroso como aqui para a gente brincar".

Maria Lúcia: Os avós das crianças já tinham uma certa idade, mas os pais das crianças viram aí o gancho para começar a concientizá-los da importância e conservar o que eles ainda tinham: a natureza e esse pouco de rio.

(...)

Maria Lúcia: Tá me faltando imaginação, já. (risos)

Larissa: Maria e Zequinha estavam sentados depois de terem comido, a avó Emelinda estava lá fora vendo os pássaros, sentada na beira do rio, eles pegaram o livro, olharam um para o outro e antes de fechar o livro e finalizar a estória eles disseram uma palavra...

Letícia: ... fim. (risos)

Maria Lúcia: Fim nada, estava faltando uma página. (risos)

Aline: ... uma página arrancada!

Maria Lúcia: Arrancaram uma página... o mistério agora é descobrir o que tinha naquela página...